

KÁRITA EMANUELLE RIBEIRO SENA

**COMUNICAÇ@O SEM FRONTEIRAS: O *BLOG* SOB A
PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS
CAMPO GRANDE – MS
2011**

KÁRITA EMANUELLE RIBEIRO SENA

**COMUNICAÇ@O SEM FRONTEIRAS: O *BLOG* SOB A
PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Emília Borges Daniel. Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

**CAMPO GRANDE – MS
2011**

KÁRITA EMANUELLE RIBEIRO SENA

COMUNICAÇÃO SEM FRONTEIRAS – O BLOG SOB A PERSPECTIVA DOS
GÊNEROS TEXTUAIS

APROVADA POR:

MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA (UFMS)

GERALDO VICENTE MARTINS, DOUTOR (UFMS)

MARCELO CÂNCIO SOARES, DOUTOR (UFMS)

Campo Grande, MS, 24 de março de 2011.

AGRADECIMENTOS

Há uma frase bíblica que diz que é mais válido dar que receber. Fazendo uma reflexão sobre o assunto, percebi que recebi muito mais que doei nesse tempo de mestrado e dissertação. Recebi muito de Deus, para chegar até aqui e para continuar avançando e por isso agradeço, em primeiro lugar, a Ele. Recebi também dos meus pais, Rubens e Wal, que sempre me ensinaram o valor da educação – do desenvolvimento intelectual-científico, e acima dele, da formação de uma pessoa de bem; Recebi de meu esposo, Marlos, parceiro ideal para tudo na vida e que me ensina não só a cumprir com meus compromissos, como a fazê-lo com alegria; não só o agradeço como me comprometo a ajudá-lo na dissertação que ele também tem pela frente; Recebi também de minha irmã, Kassiane, que sempre me apoiou em tudo, e de meu cunhado, João, que passa pelos mesmos desafios acadêmicos. Recebi de meus professores o conhecimento indispensável e, em particular, recebi de minha orientadora, com sua sabedoria e sensatez, um exemplo de vida; Recebi de todos os meus colegas de classe o incentivo a prosseguir sempre; Recebi ainda do professor Marcelo Soares o auxílio, através de suas pesquisas, para o prosseguimento em mais esta etapa; Recebi de meus colegas de trabalho, nos Correios, o apoio incondicional, a quem agradeço nos nomes de Dulce, João e Genivaldo. Recebi dos companheiros do Centro Espírita Francisco Thiesen a força e o estímulo constante. Recebi também apoio dos autores do Sopa Brasiguaiá, Guilherme e Fernando; Recebi, assim, muito. Acredito que bem além do meu merecimento. O que me resta, então, é agradecer de coração. E desejar que este trabalho possa ser útil no campo a que ele se propõe colaborar, para que, de alguma forma, eu possa dar um pouco de mim.

RESUMO

Esta dissertação apresenta o *Blog* sob a perspectiva dos gêneros textuais, fazendo uma discussão teórica a respeito até culminar em uma análise prática. Os *blogs* são um exemplo característico do novo formato comunicacional surgido com a Web que traz a democratização na emissão e recepção de mensagens. Com os *blogs*, todos podem criar conteúdos, comentar, denunciar, reclamar e elogiar o que lhes interessar. Trata-se de um ambiente rico em formatos e que pode apresentar a informação em forma de texto escrito, em áudio e em vídeo. Tal variedade deu origem a um debate teórico sobre a classificação dos *blogs* como um novo gênero emergente ou um suporte desses gêneros. Essa discussão baseia este trabalho que, a partir daí, apresenta uma proposta classificatória, fundamentado em pesquisas da teoria dos gêneros textuais, com contribuições das Tecnologias da Inteligência. A proposta é utilizada na análise de gêneros realizada no *blog* www.sopabrasiguaia.blogspot.com, cuja mensagem veiculada refere-se à noção de globalização e queda de fronteiras: a fronteira Brasil e Paraguai, em seus aspectos culturais, sociais, midiáticos, e outros.

Palavras-chave: Web. *Blog*. Gêneros textuais. Fronteira.

ABSTRACT

This dissertation presents a theoretical discussion of the *Internet* tool called *blog* from the textual genre perspective, which culminates in its practical analysis. *Blogs* are a typical example of the new communication format which appeared with the Web. They enable anyone to create a content, comment, report, complain and compliment what interests the user, thus democratizing the way to send and receive messages. It is a rich format environment that can present information in text, audio and video. Due to its variety, a theoretical debate about *blog* classification has risen as a new emerging genre or holder of those genres. Based on this theoretical discussion, this paper proposes a classification with the support of textual genres theory and the contribution of the Technologies of Intelligence. The proposal is used for the analysis of textuals genres performed in the researched *blog* www.sopabrasiguaia.blogspot.com. The messages conveyed refers to the notion of globalization and the “fall” of borders: the border between Brazil and Paraguay, in its cultural, social, media, and other aspects.

Key Words: Web. *Blog*. Textual Genres. Boarder.

SUMÁRIO

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE FIGURAS, MAPAS E QUADROS	IX
1. INTRODUÇÃO	1
2. A COMUNICAÇÃO NA WEB	6
2.1 A TRAJETÓRIA DA COMUNICAÇÃO	6
2.2 O COMPUTADOR E O ADVENTO DA WEB	8
2.3 UMA NOVA DIMENSÃO: A <i>INTERNET</i> EM NÚMEROS	11
2.4 AS CARACTERÍSTICAS E MUDANÇAS DA NOVA MÍDIA	13
2.4.1 INTERATIVIDADE E DESINTERMEDIAÇÃO	13
2.4.2 O HIPERTEXTO	15
2.4.3 MULTIMIDIALIDADE	16
2.4.4 ARMAZENAMENTO E MEMÓRIA	17
2.4.5 A LINGUAGEM UTILIZADA NA WEB – O INTERNETÊS E A CONTRIBUIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	18
2.5 OS BLOGS	24
2.5.1 QUANTIDADE X QUALIDADE	26
3. A FRONTEIRA DA COMUNICAÇÃO	30
3.1 A FRONTEIRA	30
3.1.1 FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	35
3.1.1.1 Os brasiguaios	36
3.1.1.2 As cidades gêmeas	39
3.1.1.2.1 Ponta Porã e Pedro Juan Caballero	41
3.1.1.2.2 Foz do Iguazu e Ciudad del Este	43
3.1.1.3 Comunicação Social na Fronteira Brasil-Paraguai	45
3.1.1.3.1 Comunicação sem fronteiras	46
3.1.1.3.2 A fronteira na Web	50
4. OS GÊNEROS TEXTUAIS E A MÍDIA VIRTUAL	58
4.1 OS GÊNEROS TEXTUAIS	58
4.1.1 CONTEÚDO E PROPÓSITO COMUNICATIVO	61
4.1.2 ESTRUTURA COMPOSICIONAL	62
4.1.3 ESTILO	64
4.2 OS GÊNEROS DA WEB	66
4.2.1 GÊNEROS DA WEB - INOVAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO?	68
4.2.2 QUAIS SÃO OS GÊNEROS E SUPORTES EMERGENTES?	69
4.2.2.1 Gêneros	69
4.2.2.2 Suportes	72
4.2.2.3 Páginas de classificação polêmica	72
4.3 BLOG, UM GÊNERO OU UM SUPORTE?	73
4.3.1 O <i>BLOG</i> COMO UM AMBIENTE DE GÊNEROS	76
5. CONFERINDO A RECEITA: ANÁLISE DO <i>BLOG</i> SOPABRASIGUAIA	81
5.1 A ORIGEM DO PRATO	81
5.2 DESCRIÇÃO DA RECEITA	83
5.3 PARA ENCORPAR: MISTURA DE GÊNEROS	85
5.3.1 COMENTÁRIO	86

5.3.1.1 Assunto	88
5.3.1.2 Estrutura Composicional	89
5.3.1.3 Estilo	90
5.3.2 ENQUETE	91
5.3.2.1 Assunto	92
5.3.2.2 Estrutura Composicional	93
5.3.2.3 Estilo	93
5.3.3 PREVISÃO DO TEMPO	93
5.3.3.1 Assunto	94
5.3.3.2 Estrutura Composicional	94
5.3.3.3 Estilo	95
5.3.4 NOTÍCIA	95
5.3.4.1 Assunto	98
5.3.4.2 Estrutura Composicional	103
5.3.4.3. Estilo	107
5.3.5 NOTA	117
5.3.5.1 Assunto	118
5.3.5.2 Estrutura Composicional	118
5.3.5.3 Estilo	118
5.3.6 FAIT DIVERS	119
5.3.6.1 Assunto	122
5.3.6.2 Estrutura Composicional	123
5.3.6.3 Estilo	123
5.4 SOBRE OS RESULTADOS DA ANÁLISE	124
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
7. REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	135
ANEXO A - ENTREVISTA: GUILHERME DREYER WOJCIECHOWSKI	136
ANEXO B – ENTREVISTA: FERNANDO ROBERTO VARNIER FERNANDES	144

LISTA DE FIGURAS, MAPAS E QUADROS

FIGURAS:

FIGURA 1 – Primeiro layout do Sopa Brasiguaia _____	79
FIGURA 2 – Layout atual do Sopa Brasiguaia _____	79
FIGURA 3 – Previsão do tempo publicada no Sopa Brasiguaia _____	88
FIGURA 4 – Lobisomem publicado no Sopa Brasiguaia _____	115

MAPAS:

MAPA 1 – América do Sul _____	31
MAPA 2 – Faixa de fronteira do Brasil _____	32
MAPA 3 – Municípios brasileiros na faixa e na linha de fronteira _____	33
MAPA 4 – Cidades-gêmeas prioritárias no Brasil _____	38
MAPA 5 – Fronteira Foz do Iguaçu e Ciudad del Este _____	42

QUADROS:

QUADRO 1 – Relação de sites da fronteira Brasil-Paraguai _____	50
QUADRO 2 – Relação de <i>blogs</i> da fronteira Brasil-Paraguai _____	52
QUADRO 3 – Tipos textuais relacionados por Travaglia (2003) _____	60

1. INTRODUÇÃO

A comunicação sempre ocupou importante espaço nas relações humanas. Se hoje o mundo chegou à Era da Informação, desde os primórdios da humanidade é pela comunicação que o homem vem estabelecendo mecanismos de sobrevivência e progresso.

Para nós, a ciência comunicacional apresentou-se como chave esperada para soluções de pontos inquietantes sobre qual a função social da mídia, o poder exercido por ela e, no outro extremo, como se dá a resposta do receptor/consumidor da informação. Embora tais situações já tenham sido repetidamente discutidas pelas teorias comunicacionais, ainda são alvo de questionamentos.

Com o advento da Web e, com ela, muitas outras formas de comunicação, os debates teóricos ressurgiram com maior força, potencializados pela recentidade da nova mídia e seus impactos na vida do homem. Um novo espaço de discussão se abriu, um terreno flexível, inovador e congregador: o virtual.

Seja qual a for a nomenclatura escolhida para a “Era” em que vivemos, Era da Informação, Era dos Bits ou Era Digital, o enfoque recai sobre o mesmo ponto: a tecnologia e suas implicações. E essas implicações têm consequências sociais, culturais e econômicas, tendo afetado – e está afetando – as barreiras físicas, a comunicação, a economia global e, claro, a linguagem. Uma verdadeira revolução na comunicação está se firmando, mas pouco sobre ela é consensual.

Um dos poucos fatores que beiram ao consenso acerca da Web, serviço propulsor de mudanças em todo o planeta, é seu principal mote, isto é, o novo formato de comunicação que a rede engendra e/ou desenvolve: a democratização na emissão e recepção de mensagens. Mas muitas outras questões surgiram e surgem a cada dia em relação às mídias virtuais.

Com isso, foi nas mídias virtuais que encontramos nova instigação pela pesquisa acadêmica. Entendemos essa nova forma de comunicação como revolucionadora, pois congrega os principais recursos de seus antecessores, aperfeiçoando-os. Neste caso, destacamos a possibilidade interativa e de descentralização das informações. Com a Web, um novo modelo comunicacional se instaura, no qual todos podem ser emissores e receptores; produtores, difusores e consumidores da informação.

Foi nesse ponto que surgiu a questão original que nos levou a esta pesquisa: Sendo a Web, um meio de comunicação revolucionador, os ambientes¹ que ela contém são totalmente inovadores, ou mantêm relação com outras formas de comunicação “tradicionais”?

No entanto, iniciando as pesquisas nesse campo surgiu-nos outra inquietação, que guarda certa relação com a primeira, como veremos adiante. Ao tomar contato com a tese de doutorado do jornalista e professor Marcelo Câncio Soares, sobre a televisão na fronteira do Brasil com o Paraguai, verificamos, através de pesquisa bibliográfica em páginas de busca de trabalhos científicos², que foram realizadas pesquisas sobre a comunicação na fronteira do Brasil com o Paraguai nos campos televisivo, radiofônico e impresso. Assim, a lacuna existente nesse espaço geográfico é justamente em relação à comunicação via Web, o que comungou com nossos interesses de pesquisa.

Tendo isso em vista, nos propusemos a ingressar em um terreno que acreditamos pouco ou nada desbravado na Web: a Fronteira brasileira. O Brasil, esse gigante em desenvolvimento, possui 16.886 quilômetros de fronteira, o que representa 27% da área territorial total do País. Dos 26 estados brasileiros, onze fazem fronteira internacional, tendo 588 municípios localizados em até 150 km da linha divisória com outro país. Na América Latina, apenas Chile e Equador não têm fronteira com o Brasil; os outros nove países, mais a Guiana Francesa, departamento ultramarino da França, dividem culturas, saberes e estórias com o Brasil, lado a lado.

São dez milhões de pessoas vivendo na faixa de fronteira brasileira. Uma população com cultura, política, economia, língua, relações sociais próprias. Os “fronteiriços” são transnacionais, passando e sofrendo influências de todos os lados. Na fronteira do Brasil com o Paraguai, uma nova “nacionalidade” surgiu: são os chamados brasiguaios, habitantes de uma região onde se fala português, espanhol e “portunhol”; onde alguns moram em um país e trabalham e estudam no outro; onde viajar para o exterior pode significar apenas atravessar a rua.

Este trabalho é, então, resultado de duas grandes indagações: Qual a relação dos ambientes existentes na Web com outras formas de comunicação tradicionais? E, em seguida: Como é a comunicação via Web na região de fronteira brasileira? Dessa forma, a presente pesquisa está relacionada a três grandes temas, aqui interdependentes: a Web, a Fronteira, e os

¹ Segundo Costa (2008) ambientes são domínios de produção e processamento de textos na internet, que contém vários tipos de gênero e onde podem emergir outros novos gêneros. (COSTA, 2008, p. 114).

² Banco de Teses e Dissertações da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Gêneros Textuais. Nossa proposta então apresenta uma análise dos gêneros textuais em um *blog* produzido na fronteira Brasil-Paraguai e que tem na fronteira seu tema principal, tendo como objetivo de pesquisa o de verificar a relação entre os gêneros emergentes da Web e seus correspondentes tradicionais, tendo como base de análise um ambiente virtual de fronteira.

Entre as diversas páginas disponíveis na Rede, nós destacamos o *blog* para realizar uma análise mais específica considerando a necessidade de um recorte metodológico. Um *blog* é um espaço na Web no qual todos podem criar e publicar a informação que lhes convém, pode-se produzir conhecimento, criticar, rebater, defender, denunciar e muito mais, tudo isso sem intermediários, sem técnicas difíceis e restritas, sem exigência de muitos equipamentos.

O Sopa Brasiguai, *blog* analisado, é o único *blog* informativo do País a tratar da exclusivamente da fronteira Brasil-Paraguai. Foi considerado por analistas como um dos 50 melhores *blogs* do mundo para se entender o planeta³. Trata-se de um típico representante do ambiente virtual pela sua capacidade de quebra de fronteiras físicas, onde paraguaios e brasileiros convivem, comentando notícias e fazendo perguntas aos autores. Nem a língua é barreira para a comunicação que corre nesse ambiente de comunicação livre.

O *blog* foi analisado sob uma perspectiva teórica, e é aqui que entram os Gêneros Textuais. Serviram de base para análise do *blog* os pressupostos teóricos bakhtinianos sobre gêneros, assim como seus desenvolvimentos realizados no Brasil, especialmente os de Marcuschi sobre gêneros emergentes. A análise de gêneros nos figurou como a ideal para a compreensão do *blog* como ambiente plural na Web e para o entendimento do Sopa Brasiguai em seus aspectos formais e funcionais, pois a teoria dos gêneros textuais engloba análises do propósito comunicativo, da estrutura e do estilo de cada gênero, analisando-o em seu contexto de produção.

Dessa forma, este trabalho é dividido em quatro capítulos, tratando de comunicação, fronteira, gêneros textuais e *blog*. À Comunicação via Web é dedicado o primeiro capítulo, onde são abordados a trajetória da comunicação na sociedade, com destaque às principais fases; a criação do computador e o advento da Web e, a partir daí, suas principais inovações e recursos, seguidas pelas características basilares dessa nova mídia digital.

No segundo capítulo apresentamos conceitos e dados relativos à fronteira, focando na área fronteiriça entre Brasil e Paraguai, tratando dos brasiguaios que aí vivem e das chamadas

³ Segundo indicação do Jornal Gazeta do Povo, de Curitiba (PR) conforme Referências na página 127.

“cidades-gêmeas”, afunilando, em seguida, para as duas principais cidades de cada país na região: do lado brasileiro, Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul e Foz do Iguaçu, no Paraná; e do lado paraguaio, Pedro Juan Caballero, em Amambay, e Ciudad del Este, em Alto Parana. O capítulo termina apresentando considerações sobre a comunicação na fronteira, trabalhos já realizados, e as páginas da Web dessa região de fronteira, localizadas a partir de mecanismos de busca como o Google e links de outras páginas similares.

No capítulo seguinte realizamos um levantamento teórico a respeito dos gêneros, com um passeio panorâmico desde sua base aristotélica aos modernos conceitos bakhtinianos. São apresentados os pressupostos teóricos, a aplicação às mídias emergentes e os gêneros existentes na rede, inclusive os geradores de polêmica classificatória. Assim como a Web, os gêneros que ela comporta são alvo de polêmicas teóricas, especialmente no que respeita à classificação. Por isso, norteiam esta fase do trabalho questões do tipo: os gêneros da Web são uma inovação ou transformação de gêneros já existentes? O *blog* é ou não um gênero textual? Se sim, quais são suas características, se não, como pode ser classificado?

A partir dessa discussão e de uma proposta classificatória desses gêneros, apresentamos uma análise do *blog* Sopa Brasiguaiá, à luz da teoria dos gêneros, do jornalismo e da tecnologia da inteligência. Tal análise foi fundamental para este trabalho, pois a partir da aplicação analítica da teoria adotada foi possível a comprovação da hipótese assumida na classificação do *blog* como suporte de diferentes gêneros textuais. Para o trabalho de análise, foi realizado um recorte metodológico, optando por priorizar os gêneros do domínio discursivo jornalístico, que predominam no *blog*. Dos gêneros, analisamos o conteúdo e o propósito comunicativo, a estrutura composicional e o estilo, além do assunto abordado em cada texto analisado. A ênfase nesta etapa foi dada ao gênero notícia, considerada a matéria-prima do jornalismo, e que serve de base para outros gêneros analisados na pesquisa.

Assim, com este trabalho pretendemos oferecer mais um instrumento para compreensão do *blog* como ambiente exemplar do novo modelo comunicacional surgido com a Web e espaço que abriga diferentes formatos de comunicação – inclusive uma comunicação sem fronteiras.

“Eu vou te deletar te excluir do meu orkut

Eu vou te bloquear no msn

Não me mande mais scraps nem email power point

Me exclua também e adicione ele.”

Letra de “Vou te excluir do meu orkut”, de Ewerton Assunção, um dos pioneiros do estilo Cybersertanejo.

2. A COMUNICAÇÃO NA WEB

2.1 A TRAJETÓRIA DA COMUNICAÇÃO

O ato de se comunicar é intrínseco à vida social. Os animais se comunicam, ajudam-se, brigam entre si e muitos convivem em um ambiente social relativamente complexo, com autoridades e subordinados, comunidades e tarefas. Assim como para o homem, comunicar-se representa viver.

O grau de relação social no mundo hoje abarca todos os seres humanos e não permite que ninguém fique de fora. A sociedade prega que não é possível viver isolado, precisa-se do outro para fornecer alimento, agasalho, abrigo e, para conseguir tudo isso, é preciso se comunicar.

Ao longo da história, o homem desenvolveu mecanismos para se fazer entender e entender o outro. Os paleontólogos indicam que a faculdade de linguagem, conforme a conhecemos hoje, só foi plenamente desenvolvida pelo *Homo sapiens sapiens*. Assim, no início por gestos e imagens e depois, mais sofisticadamente, por meio da palavra, o homem foi promovendo novas formas de se comunicar.

A fase oral trouxe grandes avanços. Essa etapa do desenvolvimento da comunicação humana pode ser dividida em duas partes, como o faz Lévy (1993), que segmenta a oralidade em primária e secundária.

A primária refere-se a uma sociedade que não tenha adotado o sistema escrito, na qual “o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos” (LÉVY, 1993, p. 77), e a inteligência é identificada com a memória. A informação é repassada de geração a geração e o armazenamento se dá exclusivamente por meio mnemônico.

Segundo Freitas (2006), das milhares de línguas faladas, apenas 106 são consideradas detentoras de um sistema escrito. É o que Lévy (1993) chama de a persistência da oralidade primária, que se dá, entre outras razões, devido à forma pela qual as representações e as maneiras de ser continuam sendo transmitidas.

O autor destacava, em 1990, que a maior parte dos conhecimentos utilizados na época provém do discurso oral, da mesma forma que “rumores, tradições e conhecimentos empíricos” são comumente repassados sem os canais impressos e audiovisuais.

Já a sociedade oral secundária está ligada justamente ao uso da fala como complemento à escrita. Nesse caso, a oralidade está inserida em uma cultura que “tem, usa e sofre os efeitos da escrita” (FREITAS, 2006, p. 11). Como reforça a autora, a sociedade atual está inserida na fase oral secundária, quando as invenções eletrônicas estimulam uma oralidade que dependa da escrita.

O processo de transição, ou melhor, de junção da oralidade com a escrita ocorreu de forma e em épocas diferentes para os diversos grupos humanos. Mas a criação do alfabeto, por volta de 700 anos a.C. e cerca de três mil anos depois da oralidade vir à tona, preencheu essa lacuna, “separando o que é falado de quem fala” (CASTELLS, 1999, p. 413).

Platão, por exemplo, tinha certo receio em relação à tecnologia da escrita, pois esta ameaçava a capacidade mnemônica da tradição oral. Conforme Freitas (2006), Platão fez objeções à escrita tal qual se faz hoje em relação ao computador e à *Internet*. A autora reforça ainda que, com a possibilidade do registro que a escrita veio propiciar, foi possível libertar a mente do “esforço de recordar”. A escrita chega então com o papel de “travas de irreversibilidade”, como diz Lévy (1993, p. 76), ou, conforme Freitas (2006, p. 12), para se interpor ao “obstáculo do tempo” e eliminar a redundância.

Com a escrita surge a possibilidade de perenizar, ou ao menos, prolongar consideravelmente, o tempo de uso do conhecimento transmitido. O “eterno retorno da oralidade” dá espaço às “longas perspectivas da história” (LÉVY, 1993, p. 87). Gradativamente, a escrita foi se sedimentando nos agrupamentos humanos como a forma mais adequada para o registro da informação. Mas tal forma de expressão ainda reservaria um novo aliado à comunicação humana: a impressão tipográfica.

A impressão de caracteres alfabéticos em tipos gráficos no século XV, introduzida por Guttemberg, engendrou uma série de transformações sociais, culturais e intelectuais no mundo. A mudança foi novamente profunda. Agora, além da possibilidade de registro, podia-se ampliar o alcance do conhecimento repassado. Se antes os textos eram lidos em voz alta para assembleias e comentados por quem havia recebido o ensino oral, nessa fase o leitor passa a ficar só e em silêncio.

O erudito passa a ter à disposição traduções e dicionários, assim como se inicia a crítica histórica e filológica sobre os textos bíblicos. Segundo Freitas (2006, p. 14), “com a impressão altera-se tanto a forma do texto que se organiza no códex, no livro, como sua apresentação”.

Depois da forma impressa, mais uma transformação viria movimentar novamente a sociedade em seus aspectos sociais, engendrando mais profundas alterações nas esferas econômica, política e cultural. A “revanche histórica do audiovisual” viria apenas no século XX, com o rádio e o cinema e, depois, com a televisão (CASTELLS, 1999, p. 413), criando a cultura de massa.

No entanto, uma nova revolução estava por vir. A relação com o outro muda drasticamente e a comunicação alcança patamares até então só antevistos por “visionários”. O avanço tecnológico dá origem à chamada Era da Informação e o advento do computador vem mexer, de novo, com a vida social do homem e, ainda uma vez, as mudanças são radicais.

2.2 O COMPUTADOR E O ADVENTO DA WEB

Se hoje a vida social parece não poder existir sem o computador e a *Internet*, nem sempre foi assim, ou melhor, essa é uma sensação bastante recente. Um dos primeiros computadores, senão o primeiro, o Eniac, é dos anos 1940; a máquina que atualmente é a base das comunicações e relações no mundo não chegou aos 70 anos.

Isso sem contar que, assim como outras invenções tecnológicas, o primeiro computador pouca relação mantém com o que se concebe como computadores hoje, que podem ser do tamanho da palma de uma mão, como nos celulares. O Eniac, segundo Lévy (1993, p. 101), ocupava um andar inteiro em um grande prédio, e para programá-lo era preciso conectar diretamente os circuitos, através de cabos, em um painel inspirado nos padrões telefônicos.

O início do computador remete ao uso da máquina para cálculos científicos de uso exclusivamente militar, sendo que seu uso civil foi disseminado nos anos 1960. Eram “grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em salas refrigeradas, que cientistas em uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis” (LÉVY, 1999, p. 31).

Do Eniac até os computadores usados hoje, foram muitas as intervenções, mas a mais importante delas foi a “pessoalização” dessa máquina, até porque, segundo Lévy (1993, p. 101), isso não apenas foi feito independentemente dos grandes fabricantes da área, mas contra eles. O computador pessoal foi criado por dois jovens Steve Jobs e Steve Wozniac, no final dos anos 1970, fruto de um trabalho intenso que, apesar de representar lazer e diversão para esses e outros jovens entusiasmados com o avanço da eletrônica, virou coisa séria em pouco tempo:

Ele foi construído progressivamente, interface por interface, uma camada recobrando a outra, cada elemento suplementar dando um sentido novo aos que o precediam, permitindo conexões com outras redes cada vez mais extensas, introduzindo pouco a pouco agenciamentos inéditos de significação e uso, seguindo o próprio processo de construção de um hipertexto. (LÉVY, 1993, p. 45).

O computador pessoal massifica o uso dessa nova tecnologia, até então restrita a universidades, cientistas e Estado; superou também o âmbito dos programadores profissionais e empresas do ramo, chegando a amadores como instrumento de criação, organização, simulação e diversão.

Com isso, a informática foi perdendo aos poucos seu “status de técnica” para começar a fundir-se com as telecomunicações, editoração, cinema e televisão. Na década de 1980, deu-se a invasão dos videogames, a informática “amigável” e a introdução dos chamados hiperdocumentos, com a *Internet*.

A partir daí o computador pessoal se expandiu largamente e, com a criação nos anos 1990 da World Wide Web, a *www*, essa expansão iria tomar de vez o mundo, firmando o computador como uma nova mídia, com potencialidades inestimáveis e somando os atrativos dos principais veículos de comunicação, resumidos em apenas um só. Mas a Web é uma parte da rede mundial dos computadores, a *Internet*, e, para entender a Web, é preciso saber antes seu papel na *Internet*.

O “embrião” da *Internet* foi a chamada Arpanet. Trata-se de uma rede de computadores desenvolvida pela agência do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ARPA – Advanced Research Projects Agency, em 1969, cujo objetivo era estimular a investigação da chamada “informática interativa”.

O aniversário da rede é comemorado no mundo no dia 29 de outubro. A data marca a primeira transmissão de uma mensagem entre os servidores da University of California, em Los Angeles (UCLA) e o Stanford Research Institute (SRI), em Menlo Park, no ano de 1969. O objetivo era o envio pela rede da palavra “log”, mas somente as duas primeiras letras

chegaram e, assim, a primeira mensagem da história transmitida via conexão de dados foi “lo”.

Segundo o glossário de Carlos Irineu da Costa (1999), no livro *Cibercultura*, de Pierre Lévy, a Agência tinha como objetivo criar um sistema capaz de ligar computadores geograficamente distantes através de um conjunto de protocolos (programas) chamado TCP/IP (Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo de *Internet*).

Como a Arpanet era uma rede aberta, que incluía pesquisas de universidades e outros centros do conhecimento, o Departamento de Defesa americano criou uma rede para uso exclusivamente militar, a Milnet, visando a prevenir violações em seu sistema de segurança.

Mas na década de 1990 a maior parte dos computadores norte-americanos já dispunha de mecanismos para ingressar em redes, de modo que uma série de fornecedores de *Internet*, os ISP (*Internet Service Providers*), construíram suas próprias redes e ligações de acesso, as *gateways*. O impacto dessas redes autônomas foi decisivo para a expansão global da rede (CASTELLS, 2004). Lévy (1998, p. 44) salienta que a explosão da *Web* não foi “nem prevista nem desejada pelas grandes multinacionais da informática, das telecomunicações ou da multimídia, mas se expandiu como um rastro de pólvora entre os cibernautas”.

Hoje, a *Internet* é o conjunto de todas as redes que usam protocolos TCP/IP, conjunto esse de meios físicos, ou seja, linhas digitais, computadores, roteadores e programas, utilizados para o transporte da informação. A expansão definitiva da *Internet* se deu quando foi criada a *www*, doravante apenas *Web*, também conhecida como ciberespaço.

Essa “revolução digital” foi protagonizada novamente por meio de inovações realizadas por jovens interessados em eletrônica e programação:

sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecno-econômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 32).

No entanto, um nome ficou conhecido como o criador da *Web*: Tim Bernes-Lee, jovem britânico que desenvolveu a rede *www* em laboratórios de Genebra, na Suíça.

A *Web* pode ser entendida como uma grande rede formada por outras redes dentro da *Internet*, fazendo assim parte dela ou ainda um sistema de hipermídia (junção de hipertexto

com multimídia) no qual os documentos podem ser associados através de links. Esses documentos, em formato HTML (HyperText Markup Language), são as conhecidas páginas da Web, que são formadas por um conjunto de informações em texto escrito, imagético, áudio e vídeo.

A Web é também conhecida como Ciberespaço, termo definido por Lévy (1999, p. 92) como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, o que inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. É o epicentro do movimento de conexão da humanidade consigo mesma. Para o autor, trata-se, provavelmente, da maior revolução na história da escrita desde a invenção da imprensa.

No Brasil, a rede chegou ao País em 1991, para utilização da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Mas antes dela, outras redes eram usadas. Segundo Demi Getschko, um dos pioneiros da *Internet* no Brasil, desde 1987 já havia conexões a redes acadêmicas. “A primeira que usamos se chamava Bitnet (sigla para Because It's Time Network), uma das maiores e mais antigas redes de grande abrangência usadas principalmente por universidades” (SANCHEZ; CARPANEZ, 2009).

Em fevereiro de 1991 já se utilizavam no Brasil “pacotinhos com protocolo TCP/IP”, a base da infraestrutura de comunicação dos computadores conectados à *Internet*. A popularização da *Internet* aconteceu no Brasil quase que simultaneamente com os EUA.

Assim, embora muitas vezes sejam tomadas como sinônimos, a Web é um dos serviços disponíveis na *Internet*. Costa (1999) diferencia *Internet* de Web da seguinte forma:

Fazendo uma comparação simplificada, a Internet seria o equivalente à rede telefônica, com seus cabos, sistemas de discagem e encaminhamento de chamadas. A Web seria similar a usar um telefone para comunicações de voz, embora o mesmo sistema também possa ser usado para transmissões de fax ou dados. (COSTA, 1999, p. 255).

2.3 UMA NOVA DIMENSÃO: A *INTERNET* EM NÚMEROS

A *Internet* promoveu profundas mudanças na sociedade contemporânea em seu pouco tempo de vida, especialmente com a Web. Segundo Lévy (1998, p. 43), o ciberespaço é hoje “o sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história das técnicas de

comunicação”. Essa tecnologia é caracterizada por muitos como a maior revolução desde a Revolução Industrial, sendo mesmo sobreposta a esta por alguns.

Castells (1999) explica que a *Internet* é o meio de comunicação com penetração mais veloz na história da humanidade. O rádio demorou 30 anos para atingir 60 milhões de pessoas, a TV fez isso em 15 e a *Internet* em apenas três.

Em 1999, a *Internet* conectava no mundo 63 milhões de computadores-servidores, 950 milhões de terminais telefônicos, 3,6 milhões de sites e era usada por 179 milhões de pessoas, em mais de 200 países (CASTELLS, 1999, p. 432).

As projeções iniciais apontavam que em 2006 o número chegaria a quase 900 milhões de servidores conectados. Mas em 2009, segundo Rydlewski (2009), em reportagem especial da revista *Veja*, a rede já congregava 1,5 bilhão de computadores, incluindo os embutidos em televisores e geladeiras.

Rydlewski (2009, p. 65) prevê que dentro de uma década estarão conectados à rede sete trilhões de computadores, celulares, geladeiras, aviões, carros, torradeiras, aspiradores de pó, etc. Num “futuro previsível”, calçados, músculos e os próprios cérebros humanos estarão conectados. Tudo isso num tempo extremamente curto, pois que não são passos, mas saltos que levarão a humanidade até esse tempo que “nada tem de ficção científica”.

Assim, surgem possibilidades de comunicação inimagináveis há meio século e que hoje se fazem presentes e frequentes no cotidiano social, com expansão exponencial. Mas as consequências dessas novidades ainda não foram de todo avaliadas e têm sido alvo da atenção de estudiosos da área.

Conforme Marcuschi (2002b, p. 1), apesar de o impacto dessas tecnologias só estar se iniciando na vida contemporânea, elas já dão indícios do poder que possuem, “tanto para construir como para devastar”, e ele destaca: “seguramente, uma criança, um jovem ou um adulto, viciados na *Internet*, sofrerão sequelas nada irrelevantes”.

Mas quais os reais recursos que o computador oferece para assumir tais patamares e preocupações? O que pode ser feito por meio do computador que antes dele não era possível? Que ferramentas são essas que alçam o computador e, com ele, a *Web*, à condição de principal revolução moderna? É isso que será discutido no próximo item.

2.4 AS CARACTERÍSTICAS E MUDANÇAS DA NOVA MÍDIA

A *Internet*, como foi dito, promoveu uma série de transformações na sociedade. Com a massificação dessa mídia, ela passou a fazer parte da vida cotidiana das pessoas, no computador pessoal, no notebook, no celular, i-phones e outras tecnologias. Além disso, está presente no trabalho, em casa, em lan houses e em espaços públicos, via *wireless*, a *Internet* sem fio.

Assim, por mais que ainda seja concentrada sua atuação, isso vem diminuindo drasticamente nos últimos anos, com medidas governamentais de popularização da mídia e o barateamento dos serviços. A *Internet* tende, cada vez mais, a estar onde está o seu potencial usuário, isto é, em todo lugar.

Mas o que leva as pessoas a buscarem tanto a rede? Por que será que não estar conectado pode ser tão desastroso na vida social? E mais, o que tem a *Internet* para promover tais comportamentos? Responder a todas essas questões não é uma tarefa fácil, até porque se trata de temas que vêm demandando a atenção de cientistas sociais, sociólogos, psicólogos e demais pesquisadores só recentemente.

Mas alguns apontamentos acerca de seus recursos e transformações sociais oferecem pistas sobre o assunto. Apresentamos a seguir as principais características da nova mídia para, depois, abordar a influência de um dialeto nascente, que, além de largamente utilizado na maioria dos gêneros da Web, começa a apresentar reflexos na linguagem fora da rede: o Internetês.

2.4.1 INTERATIVIDADE E DESINTERMEDIÇÃO

A interatividade alcançou na Web um nível impensável nos outros meios de comunicação tradicionais, configurando-se como um grande mote dessa mídia. Na *Internet* todos podem publicar informação e comentar as informações que lá existem. “A comunicação interativa e coletiva é a principal atração do ciberespaço” (LÉVY, 1998, p. 44).

Com a Web, o espaço de comunicação controlado por um pequeno grupo passa a ser público, construído coletivamente, sem qualquer intermediação. “Ora, o surgimento do ciberespaço cria uma situação de *desintermediação*, cujas implicações políticas e culturais ainda não terminamos de avaliar”. (LÉVY, 1998, p. 45).

O autor destaca que os meios de intermediação antes da Web eram massivos e grosseiros. Um exemplo é a intermediação jornalística, que visa chegar a um denominador comum dos seus supostos leitores, com uma linguagem nem tão superficial, nem tão profunda e comedidamente coloquial. Já na Web, a informação resulta dos próprios indivíduos e corresponde às suas necessidades e interesses, sem intermediários distantes para filtrar informações – o que tem lados positivos e negativos.

Para Lévy (1998, p. 44), esse espaço virtual propicia um modelo de comunicação revolucionário, chamado de “todos para todos”. Enquanto meios tradicionais como a imprensa, o rádio e a televisão seguem um modelo estelar denominado “um para todos”, o ciberespaço é um canal no qual todos podem se expressar. Sem um centro emissor que “envia mensagens na direção de receptores passivos e, sobretudo isolados uns dos outros”, a Web avança em relação ao modelo “estrela”, no qual não há reciprocidade nem interação e o contexto é imposto pelos emissores.

Já com o correio e o telefone há o modelo “um para um”. Neste caso as mensagens são mais precisas e podem ser trocadas, havendo interação entre as partes. Apesar disso, tal esquema em rede não cria, em geral, uma comunidade ou público. Portanto, não são considerados meios de comunicação de massa.

Lévy (1999) compara a interatividade do computador com a do telefone, ressaltando-se a diferença da mídia massiva. Ambas as comunicações são amplamente interativas e possuem prós e contras:

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação. Mas, em outro sentido, o telefone é mais interativo, porque nos coloca em contato com o corpo do interlocutor. (Lévy, 1999, p. 81)

O modelo “todos para todos” é um dos principais agentes transformadores das formas de linguagem que se podem encontrar no ciberespaço. Isso é atribuído à descentralização de poder que o formato propicia.

Para o autor, o pluralismo de vozes que a Web propicia com a interatividade, longe de ser um fator de agravação dos riscos de manipulação, é uma condição para que outras vozes, as “minoritárias, opositoras ou divergentes”, também possam ter espaço. (LÉVY, 1998, p. 45).

Assim, democrática e anárquica, na rede todos têm a chance de falar o que quiserem, tecer comentários sobre o que leem, concordarem ou discordarem. Pode-se escrever para um jornal, reclamar do jornal, receber a resposta do jornal, ser um jornalista colaborativo; falar da sua vida publicamente, criar seus próprios conteúdos e publicá-los.

Barbosa e Granado (2004), fazendo uma trajetória da imprensa no mundo, chegam até a *Internet* como a grande promessa de uma crescente interatividade, bem ao contrário dos grandes meios, nos quais se exige investimentos pesados e predomina uma lógica unidirecional e transferencial.

Entretanto, vinculados a esse modelo de interatividade do “todos para todos”, ou subsequentes a ele, estão vários outros fatores, dentre os quais elencamos os principais abaixo.

2.4.2 O HIPERTEXTO

O hipertexto é também considerado por alguns estudiosos como uma das grandes inovações das novas tecnologias, modificadora da leitura e da escrita humanas. Imbricadas à interatividade, as redes hipertextuais se afirmam cada vez mais pelas correlações que mantêm com a forma do pensamento humano.

A ideia de hipertexto foi enunciada pela primeira vez por Vannevar Bush, em 1945, em seu artigo “As We May Think”. Para Bush, hipertexto é, tecnicamente, um conjunto de nós ligados por conexões. Mas foi nos anos 60 que o termo hipertexto foi utilizado pela primeira vez, com Ted Nelson. A possibilidade era de criar um instrumento para leitura e escrita não lineares em um sistema de informática.

Leão (1999, p. 21) explica que Nelson definiu hipertexto como "escritas associadas não-sequenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções." Mais de meio século depois da ideia de Bush, o hipertexto é hoje uma realidade cotidiana, procurando imitar a mente humana nas conexões que possibilita. Marcuschi (2001) se refere ao hipertexto nos seguintes termos:

Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/ leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 86)

De acordo com Barbosa (2004, p. 167), o hipertexto é uma técnica baseada num “sistema de referências cruzadas”, formando uma rede de associações tal como a que temos em nossa mente. O hipertexto é tido por ela como “um dos maiores recursos das mídias interativas”.

Marcuschi (2001, p. 83) afirma que um texto com hipertextos consiste numa rede de segmentos textuais conectados, não necessariamente por ligações lineares. “O escritor de um hipertexto produz uma série de previsões para ligações possíveis entre segmentos, que se tornam opções de escolha para os hipernavegadores”.

A possibilidade de intervenção no texto previamente produzido, criando caminhos próprios de leitura é uma demonstração unívoca da alta interatividade que o hipertexto propicia, fomentado pela Web. Nesse sentido, pode-se dizer que as redes digitais desterritorializam o texto, tornando o leitor um co-autor do que lê, à medida que ele próprio define seu percurso de leitura seguindo os links disponíveis. A comunicação na Web, especialmente com a utilização dos hipertextos, perde limites e barreiras para a navegação, constituindo-se assim em uma comunicação sem fronteiras.

2.4.3 MULTIMIDIALIDADE

A multimídia é outra grande inovação da Web. A possibilidade de convergência de mídias, podendo-se passar de um texto escrito para um vídeo ou uma gravação em áudio em poucos “cliques”, ou mesmo simultaneamente, é mais um diferencial basilar das novas tecnologias, particularmente da Web. A união dos diferentes formatos tem a dinamicidade característica do espaço virtual.

Os novos meios de comunicação eletrônica não divergem das culturas tradicionais: absorvem-nas (CASTELLS, 1999). É assim que se torna possível ver a Web lançar celebridades no mundo artístico que, depois de alcançarem o sucesso digital, partem para os meios convencionais, numa simbiose de veículos de comunicação contemporâneos.

A vantagem da Web no caso da multimídia também tem relação com o modelo “todos para todos”, pois o material disponibilizado pode expor lado a lado reportagens da grande imprensa e vídeos amadores, de interesse de comunidades, ou produzidos coletivamente pelos usuários.

Segundo Marcuschi (2002b, p. 1), um dos motivos do sucesso das novas tecnologias é justamente o fato de reunir num só meio diversas formas de expressão, como texto, som e imagem, “o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo assim na natureza dos recursos linguísticos utilizados”.

A semioticista Santaella (1996, p. 43) afirma que um dos fatores mais negligenciados pelas pesquisas de comunicação é justamente a semioticidade das mensagens produzidas pela mídia, de natureza “altamente híbrida”. Segundo a autora, é da miscelânea de códigos e processos sígnicos com estatutos semióticos diferenciais que se constituem essas mensagens.

Devido à convergência de mídias, sites como Youtube (www.youtube.com) estão entre os mais visitados da rede, ao lado de comunidades virtuais. Essas páginas congregam vídeos, textos escritos como comentários e, em alguns casos, imagens estáticas e áudios.

A multimídia seria para Castells (1999, p. 394) equiparada ao fim da separação e distinção entre mídia audiovisual e impressa, cultura popular e erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Pela convergência das mídias, a Web liga “em um supertexto histórico gigantesco” as manifestações da mente comunicativa em seu passado, presente e futuro.

2.4.4 ARMAZENAMENTO E MEMÓRIA

O computador já memoriza uma quantidade de informação imensamente maior do que qualquer outra máquina atual o faria com o mesmo espaço físico. Seja nos discos rígidos dos computadores ou em aparelhos como pen-drives, pode-se armazenar informações que já ultrapassam à dimensão dos *terabytes*⁴.

Quando Lévy (1993) afirma que a mente humana não é a máquina ideal para guardar informações a longo prazo, pode-se afirmar que se essa máquina ideal ainda não é o computador, ele está bem próximo disso, especialmente considerando-se os recursos da *Internet*.

A rede mundial de computadores é um imenso banco de dados, no qual podemos, pela Web, acessar todo tipo de informação, pesquisar os mais variados assuntos e, é claro, publicar conhecimento e pesquisas. A vantagem é que se passa a ter acesso a informações de qualquer

⁴ Corresponde a 1024 Gigabyte. O byte é uma unidade de medida igual a 8 bits. O bite (sigla de Binary Digit) é o impulso elétrico com o qual o computador trabalha. Os impulsos podem ser positivos, representados por 1, ou negativos, representados por 0.

parte do mundo, que vão das mais diferentes e profundas ciências a trivialidades e curiosidades em questão de poucos “cliques”. Basta apertar o mouse e navegar, quase que totalmente sem fronteiras, com exceção feita à barreira idiomática.

Interligando computadores e bancos de dados de todo o mundo, a *Internet* possui uma capacidade de armazenagem de conhecimento jamais vista. A ampla possibilidade de registro e armazenagem possibilitada pela rede “permite a criação, circulação e a estocagem de uma imensa massa de informações, antes monopolizada por uma pequena elite de trabalhadores intelectuais” (BARBOSA, 2004, p. 158).

Acompanhando o percurso da linguagem humana na história e como ela era memorizada/arquivada, percebe-se um avanço monumental no que se refere ao registro das informações.

Segundo Santaella (1996, p. 191), com as novas tecnologias, o mais inédito é o fato de as máquinas dotadas de alguma inteligência permitirem “o crescimento cerebral fora da caixa craniana”. Já Tomaél (2009), estudiosa dos efeitos da Web nas pesquisas de fontes de informação, explica que a *Internet* tornou-se uma extensão da biblioteca, assim como de outros serviços de informação. Para a autora, os efeitos da Web favorecem o desenvolvimento de um usuário da informação com maior autonomia na busca e na seleção das suas fontes. Na Web, se ainda nem tudo pode ser encontrado, isso se tornou bem mais fácil.

2.4.5 A LINGUAGEM UTILIZADA NA WEB – O INTERNETÊS E A CONTRIBUIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A língua é um objeto social, feita pelos falantes e que sofre mudanças constantemente. Porém, essas mudanças e variações se dão de forma mais rápida na oralidade, já que na modalidade escrita o conservadorismo é maior. Castilho (1978, p. 3) afirma: “a norma escrita é mais conservadora que a norma falada, dada a especialidade de seu veículo”.

Esse fato torna a língua oral a mais eficiente para se analisar mudanças e variações a curto prazo. No entanto, essa situação começou a mudar. Com a escrita na *Internet*, que, muitas vezes, busca “transcrever a oralidade”, o internauta traz a espontaneidade da conversa instantânea e oral para a linguagem escrita.

O internetês é um dialeto usado no ambiente virtual por quem “navega” na rede, especialmente em *chats*, *blogs* e mensagens instantâneas (msn, por exemplo). Tal variedade

da língua possui uma série de características próprias, adequadas à Web, ambiente que oferece a multimídia.

Costa (2008) tece as características da linguagem usada nos chats, principal ambiente em que se dissemina o internetês:

escrita abreviada, sincopada, parecida com a escrita escolar inicial. Os usuários de internet usam um código discursivo escrito complexo (alfabético, semiótico, logográfico), em que, simultaneamente, misturam alfabeto tradicional, caretinhas, scripts, etc. para “conversar” teclando, portanto, escrevendo. Usam abreviações, síncopes e outros recursos (alongamentos, caixa alta, etc.). Trata-se de um novo código discursivo e cultural, espontaneamente construído, que se caracteriza como um conjunto de recursos icônicos, semióticos, logográficos, tipográficos e telemáticos”. (COSTA, 2008, p. 56).

Marconato (2006), em reportagem especial sobre o Internetês, fez uma entrevista com a antropóloga Anne Kirah para quem o desejo por contato por parte dos usuários do computador teria estimulado o hábito de escrever mensagens e a busca de novas formas de expressão ligeira e funcional. Isso teria acarretado simplificação da linguagem e farta eliminação de vogais.

Segundo a publicação, a linguagem da *Internet* é caracterizada pelas abreviações e simplificações de palavras, além da eliminação de acentos e de levar em consideração a pronúncia.

David Crystal, em entrevista à Teixeira (2007, p. 88), publicada na Revista Veja, afirma que as principais características da *netspeak* - a “fala da rede”, traduzida também como internetês – são derivadas da informalidade do meio. Essa informalidade foi originada com os precursores da Web, os chamados *nerds*, há cerca de trinta anos: “Esses pioneiros não pontuavam, não se preocupavam com ortografia, criavam formas estranhas de grafar as palavras. Quando a *Internet* se espalhou, a informalidade se popularizou também. Nos anos 80 e 90, e-mails se tornaram muito informais”.

O que se vê é que a linguagem usada, especialmente nos bate-papo virtuais, traz uma vinculação intrínseca com a relação grupal que se estabelece na *Internet*. Essa busca pela identificação com o grupo é a principal mola propulsora da disseminação do Internetês, ainda que inicialmente o motivo principal pelas intervenções fosse a pressa ao se comunicar.

Monteiro (2002, p. 13) afirma que não há novidade alguma em se falar que a língua e a sociedade são realidades que se inter-relacionam. O autor afirma ainda que é impossível conceber-se uma separada da outra, já que elas se afetam mutuamente: “Com efeito, a

finalidade básica de uma língua é servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte”.

Na Web isso é patente, pois como principal objetivo dos bilhões de internautas em todo o mundo está a comunicação, o relacionamento com o outro. Tanto é assim que os principais fenômenos da rede são os *blogs*, os chats, as redes sociais e as mensagens instantâneas.

Uma das implicações da inter-relação entre língua e sociedade “da rede” é justamente a linguagem criada, própria do meio, e que vem gerando discussões que extrapolaram há algum tempo o meio acadêmico. Debates na mídia, nas escolas e nos lares já são frequentes. Grande parte disso se deve à preocupação de educadores e pais acerca da influência da linguagem da *Internet*, principalmente escrita, na norma padrão da língua.

Muitos defendem que o uso frequente da linguagem da *Internet* prejudicaria a leitura-escrita das pessoas, especialmente crianças em fase de alfabetização. No site Desciclopédia, sátira virtual da página Wikipédia, a Enciclopédia Livre, lê-se: “Internetês é um *desevolução* da língua Portuguesa. Muito simples de aprender, pois desrespeita todas e quaisquer regras da gramática. Esta anomalia gerou vários subdialetos, como o Otakês e o Miguxês⁵”.

Na Wikipédia a posição não é muito diferente:

Internetês é um neologismo (de: Internet + sufixo ês) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que "as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo três letras", onde há "um desmoronamento da pontuação e da acentuação", pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs>. Acesso em 19 mar. 2010).

No entanto, outros defendem que o Internetês não representa uma ameaça ao idioma, tal qual não o foi a grafia dos telégrafos ("vg" para vírgula) ou o caipirês de Chico Bento. Em entrevista a Marconato (2006), Sírío Possenti, afirma que não há fator de risco:

Uma coisa é a grafia; outra, a língua. Não há linguagem nova, só técnicas de abreviação no internetês. As soluções gráficas são até interessantes, pois a grafia cortada é a vogal. A palavra "cabeça", por exemplo, vira "kbça", e não "aea". A

⁵ Otakês e Miguxês são conhecidos como subdialetos do Internetês. O primeiro designa o subdialeto falado pelos chamados otakos – fãs de desenhos japoneses ou *animes*; a escrita e a fala são marcadas pelo uso de termos japoneses misturados ao que podemos chamar de Internetês Padrão. O segundo, utilizado comumente por adolescentes brasileiros e portugueses na Internet, deriva do termo *miguxo* ou *amiguxo*, equivalente a "amiguinho". O miguxês carrega em si uma intenção afetiva, seja com o intuito de expressar uma linguagem infantilizada numa conversação entre amigos ou para satirizar este mesmo estilo de comunicação, com ênfase no uso da letra x em lugar de seus correspondentes fonéticos. (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Otaku> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Mi_gux%C3%AAs. Acesso em: 3 fev. 2011.)

primeira forma contém os fonemas indispensáveis ao entendimento. (MARCONATO, 2006, p. 24).

Deve-se considerar que afirmações em torno da influência que ocorre são em grande parte meras especulações, considerando que os efeitos dessa mudança ainda incipientemente começam a ser sentidos.

Crystal, em entrevista à Teixeira (2007, p. 88), afirma que ainda é impossível prever a forma e a extensão da mudança que a *Internet* está causando no caráter das línguas. “Leva muito tempo para que uma transformação efetiva se manifeste numa língua”, lembrando que há apenas cerca de dez anos a *Internet* chegou de fato à vida das pessoas. “É algo recente demais”, declara.

Ainda assim, consideramos que o argumento usado pelo Desciclopédia e pela Wikipédia, sobre a utilização do português “errado” da Web, é bastante frágil. Possenti determinou, conforme acima, algumas razões. De nossa parte, apontamos ainda que a modalidade usada na rede é uma variação da norma, não um erro. Nesse sentido, Castilho (1978) reitera um aspecto fundamental revelado pela Sociolinguística, de que não há português errado, mas modalidades prestigiadas e desprestigiadas da língua.

O que difere a *netspeak* de algumas variedades regionais e sociais desprestigiadas é a busca de muitos falantes por utilizar essa linguagem, mesmo que condenada por alguns. Ou seja, ela detém prestígio entre boa parte dos falantes, o que dificilmente ocorre com outros dialetos diversos da norma culta. Na Web muitos tentam escrever e interpretar os códigos linguísticos próprios do meio.

Outro ponto a ser destacado é que o internetês é mais uma variedade que o usuário pode dominar, não a única, o que amplia sua gama de saber. A ideia de ensino e aceitação exclusiva do português padrão é altamente combatida pelos sociolinguistas, pois é excludente e preconceituosa. O preconceito pode ser comprovado nos seguintes *posts*⁶ do Desciclopédia, com as respectivas autorias atribuídas: “Maldita Inclusão digital!! (pasquale cipro neto sobre internetês)”; “Por que fui inventar o pc, POR QUÊ!?! (Steve Jobs sobre Internetês)”; “Eu ainda vou exterminar essa vergonha (Chuck Norris sobre miguxês, um dos tipos de internetês mais usado)”.

⁶ Post. Do inglês *post*. É usado no Brasil também como redução do verbo "postar", no sentido de inserir uma mensagem na Web.

O preconceito linguístico é um grande entrave para a solução de possíveis problemas que possam ser derivados da *netspeak*. Até porque o ideal é que o internetês se configure num caso de diglossia para seus usuários, ou seja, o domínio de “duas variedades da mesma língua que escolhemos alternativamente, tendo em vista a situação que nos encontramos” (CASTILHO, 1978, p. 8).

Tais afirmações não eximem a sociedade em geral, especialmente pais e educadores, do acompanhamento da evolução dessa linguagem e seus efeitos, avaliando-os passo-a-passo. Nesse sentido, são úteis dois casos publicados na Revista Língua Portuguesa, em reportagem de Marconato (2006, p. 30-31).

O primeiro é o caso do menino Victor Fernandes, de 12 anos, que afirma ser “mais fácil usar o português padrão quando escreve à mão, não quando digita ao computador”. Sua mãe declara: “Ele tira boas notas e sabe quando deve usar a linguagem com os amigos ou tem de usar a norma. Até eu já entendo um pouco quando ele escreve internetês”.

Assim, percebe-se que o Internetês pode ser classificado como um caso de diglossia. A diglossia, no entanto, deve receber além do acompanhamento dos pais, o da escola. A reportagem cita o caso do Colégio Humboldt, escola particular de São Paulo, que “buscou entender a forma peculiar com que os alunos se comunicavam entre si, distinguindo o momento em que o uso pede grafia tradicional ou jargão”.

Os professores promoveram um projeto de intercâmbio com uma escola municipal, no qual os alunos trocaram bilhetes usando o Internetês. A experiência foi útil para conhecer mais sobre o fenômeno: “Ao receberem os bilhetes, muitos [dos alunos da rede pública] não entenderam nada do que estava escrito”, demonstrando um caso de socioleto, no qual os alunos da rede pública desconheciam o código linguístico da Web, devido a muitos não manterem contato com o computador.

O sociolinguista Ataliba de Castilho, entrevistado pela reportagem, afirma ainda que o Internetês pode ser uma evolução da língua:

Com a internet, a linguagem segue o caminho dos fenômenos da mudança, como o que ocorreu com "você", que se tornou o pronome átono "cê". Agora, o interneteiro pode ajudar a reduzir os excessos da ortografia, e bem sabemos que são muitos. Por que o acento gráfico é tão importante assim para a escrita? Já tivemos no Brasil momentos até mais exacerbados por acentos e dispensamos muitos deles. Como toda palavra é contextualizada pelo falante, podemos dispensar ainda muitos outros. O interneteiro mostra um caminho, pois faz um casamento curioso entre oralidade e escrituralidade. (MARCONATO, 2006, p.29).

Esses casos e argumentos ajudam a esclarecer o fenômeno da linguagem da rede, pois como dissemos, ainda é muito cedo para afirmações categóricas. Daí a necessidade de pesquisas sobre o tema que possam esclarecer o uso dessa linguagem e o que ela pode acarretar.

2.5 OS BLOGS

Os blogs, também chamados weblogs ou diários virtuais, são páginas na Web que permitem a inserção de conteúdos por meio de mensagens – os posts –, apresentados dos mais recentes aos mais antigos, atualizados de forma frequente e que podem ser individuais ou coletivos. São um verdadeiro fenômeno mundial, muito utilizado inicialmente por adolescentes, mas já com uso disseminado entre adultos, tanto com interesses pessoais quanto profissionais.

Barbosa e Granado (2004) explicam que os *blogs* reúnem as principais características da *Internet*:

São utilizados para comunicar, como o correio electrónico; permitem discutir e analisar assuntos, à semelhança dos fóruns de discussão; possibilitam o contacto entre pessoas distantes que partilham ideias e objectivos comuns, como os chats; e são facilmente acedidos através da World Wide Web. A acrescer a tudo isso está o facto de poderem ser criados e mantidos mesmo por quem tem poucos ou nenhuns conhecimentos de programação para a Web. (BARBOSA e GRANADO, 2004, p. 12).

Essa facilidade de inserção e edição de conteúdos fez do *blog* um fenômeno mundial. Mas essa possibilidade de publicação de documentos é bastante recente considerando que mesmo a *Internet* tem pouco tempo de vida. Apesar disso, é imprecisa a detecção de quando foi e quem iniciou a utilização de *Weblogs*.

É bem provável que os *blogs* surgiram como desenvolvimento natural de outros recursos da Web, um alargamento e enriquecimento das modalidades anteriores, como e-mail, grupos, listas e fóruns de discussão, e os chats (BARBOSA e GRANADO, 2004).

Uma das principais versões sobre a criação do *blog* é a de que ele surgiu com Jorn Barger, no final de 1997, com o software Blogger. Ele criou o *blog Robot Wisdom*. Era conhecido como web log, diário escrito na Web. A contração da expressão deu origem ao termo *Weblog*, que teria sido criado por Peter Merholz. A partir daí, chegou-se à palavra *blog*, a mais utilizada atualmente.

Mas, segundo Costa (2008), atribuem ainda o início do *blog* à americana Carolyn Burke, em janeiro de 1995. Carolyn publicou na *Internet* o *Carolyn Diary*, capa da revista *U.S. News e Report World*, que fez uma lista de pessoas e instituições que faziam a *Internet* mais humana.

De qualquer forma, foi a partir de 1997 que os *Weblogs* começaram a se disseminar. Eram compostos basicamente por comentários e links para outras páginas, em um trabalho de pesquisa e seleção de informação realizado por apenas um autor (BARBOSA e GRANADO, 2004).

Assim como nas redes precursoras, muitos *Weblogs* abordavam temas relacionados à informática e eram produzidos por especialistas. Já em 2001, um marco histórico estimulou a expansão do fenômeno: o atentado de 11 de setembro às torres gêmeas, nos Estados Unidos. Segundo Barbosa e Granado (2004), isso propulsionou a utilização dos *blogs* como ferramenta de informação, dando início a um tipo de *blog* muito utilizado nos dias de hoje, os eminentemente informativos.

Hewitt (2007) conta que essa fase deu origem a uma geração de *blogs* de guerra, que obtiveram muitos acessos durante a invasão dos EUA ao Iraque. A essa fase, sucedeu a onda dos *blogs* políticos, que afetaram significativamente o resultado das eleições americanas. O autor cita o próprio *blog*, criado em 2002, como exemplo.

Na noite seguinte ao debate entre os então presidenciáveis George W. Bush e John Kerry, o *blog* de Hewitt teve mais de 130 mil acessos: “As pessoas queriam minha visão do cenário político antes e depois do debate, bem como uma análise continuada ao longo do confronto entre os candidatos” (p. 13).

O autor declara que todo o mundo da informação nos Estados Unidos passou por uma grande revolução, que se estendeu a todo o planeta. “Hoje todo mundo é um jornalista em potencial, incluindo seu assistente e *office-boy*” (p. 10). A revolução é comparada pelo autor à Reforma Protestante, do século XVI, pelas suas consequências. Segundo o autor, a velha guarda da velha mídia ocupa uma situação equiparada à Igreja Católica, na época da Reforma.

Para ele, a situação é catastrófica para a mídia tradicional: “O colapso da autoridade da velha mídia não será sangrento, mas certamente é divertido” (Hewitt, 2007, p. 18). Trata-se de um livre-mercado que determina decisões na política e irá fazer isso no consumo e com reputações institucionais.

Fora os *blogs* informativos, Barbosa e Granado (2004) classificam os *blogs* ainda em diários e analíticos - tipificação também adotada por Gaspar (2004). Além dessa, há diversas outras tentativas de classificação dos *blogs*. Também são agrupados pelo formato dos posts, como os *fotoblogs* – baseados em fotografias ou os *vídeoblogs* – baseados em vídeos. Há outros que misturam essas versões.

Além desses, há os *blogs* produzidos por profissionais remunerados para isso. Em muitos desses casos, o autor ou autores iniciaram a publicação como um lazer e depois foram contratados por uma empresa para dar continuidade ao trabalho, fazendo ou não adequações. Hewitt (2007, p. 17), por exemplo, conta que em 2002, quando criou seu *blog*, vendeu um anúncio perpétuo por duzentos dólares para custeios iniciais. Em 2004, o espaço já valia aproximadamente mil dólares e o blogueiro adianta que a tendência é só aumentar. “O marketing entrou em uma nova era”, afirmou.

O ato de “blogar” tornou-se uma questão de sobrevivência na Web. Segundo Gaspar (2004, p. 10), trata-se da retomada da máxima cartesiana “penso, logo existo”, em novas adaptações hipertextuais dessa mensagem, como “blogar, logo existo”.

Atualmente, muitas corporações adotaram os *blogs* como forma de comunicação aberta com seus públicos, interno ou externo. Personalidades de diversas áreas também usam a ferramenta como forma de repassar informações oficiais a seus públicos e fãs ou mesmo para a imprensa, rebatendo informações publicadas em outros órgãos, por exemplo.

O espaço virtual onde se situam os *blogs* é conhecido como blogosfera, espaço esse que assume um crescimento exponencial a cada dia. É considerado por Barbosa e Granado (2004):

um instrumento e espaço de registro de informação, de comentário e de opinião, de crítica e de escrutínio da vida pública, de memória e de manifestação da criatividade e engenho pessoais, de estruturação e de redes e comunidades de interesse e conhecimento. (BARBOSA e GRANADO, 2004, p. 8).

Essa esfera virtual onde se situam os *blogs* é definida por Gaspar (2004, p. 10) como “um espaço específico (mas virtual) com fronteiras fluidas que se expandem diariamente”. Tanto ou mais difícil que determinar quando e quem criou o *blog* é dizer quantos eles são. Os números e a qualidade impressionam, conforme destacamos a seguir.

2.5.1 QUANTIDADE X QUALIDADE

A expansão da blogosfera e, conseqüentemente, dos *blogs*, é fato. Difícil é determinar sua dimensão, pois os números são astronômicos e também diversificados. Chegar a uma quantidade exata de *blogs* é uma tarefa complicada senão impossível, já que o número é bastante flutuante, tanto de criações de *blogs* quanto de desistências.

De acordo com Coutinho e Junior (2007), a cada dia, são criados 75 mil novos *blogs*, mas esse dado pode se aproximar de admiráveis 200 mil ao dia. No prefácio do livro *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*, André Lemos (2009) aponta que, a cada dia, são criados mais de 175 mil novos *blogs* e produzidos 1,6 milhões de *posts*, o que dá em média dezoito por segundo.

Cerezo (2006) diz que a blogosfera duplica seu tamanho a cada cinco meses, e dados citados por Lemos (2009) indicam que a cada segundo um novo *blog* é criado. Sobre o Brasil, o autor destaca que a estimativa é de 3 a 6 milhões de blogueiros/*blogs* e 9 milhões de usuários.

Mas no que se refere a *blogs* não é só a quantidade que é destaque. Segundo Coutinho e Junior (2007, p. 201), devido a importância de certos textos publicados em *blogs*, foi criado o IBSN (*Internet Blog Serial Number*), um número de indexação “que pretende garantir o direito dos autores de um blog sobre as produções literárias postadas e obrigar que sejam feitas referências aos conteúdos disponibilizados no blog”. Lemos (2009) destaca que os *blogs* chegaram a ultrapassar o jornal *The New York Times* como fonte para busca das informações mais importantes da atualidade.

Prevendo essa utilização da rede para fomentação de conteúdos novos e de qualidade, Lévy (1998, p. 45), já afirmava que a desintermediação provocada pela Web permitiria à sociedade migrar de uma situação de seleção das mensagens atingindo o público a uma nova situação na qual o usuário pode selecionar informações num conjunto mundial amplo e variado, não triado pelos intermediários tradicionais. “Numa boa lógica comunicacional, quanto mais há concentração ou monopólio dos meios de informação, mais há risco que se estabeleça uma verdade oficial ‘às ordens’”.

Para o autor, o imenso hiperdocumento planetário da Web integrará progressivamente a totalidade das obras do espírito: “A interconexão mundial dos computadores está tomando sentido sob os nossos olhos: ela materializa (de forma parcial mas significativa) o contexto vivo, mutante, em inflação contínua da comunicação humana. Vale dizer, da cultura”. (LÉVY, 1998, p. 46). Ele cita o correio eletrônico e os grupos de discussão como formas de fomentar ainda mais essa criação e publicação de obras, sem contar os *blogs* que incorporaram mais efetivamente essa função.

É claro que a qualidade de conteúdos em *blogs* é algo questionável. Como rede democrática e anárquica, a Web é terreno (virtual) para todo tipo de construções. É nesse

sentido que surgem as discussões em torno de plágios ou de páginas com outros conteúdos ilegais.

A polícia, os órgãos de defesa do consumidor e outras instituições sociais têm criado serviços específicos para investigação, prevenção e apuração de crimes virtuais. Com o alto potencial de difusão de informação que a Web possui, muitos criminosos vêm empregando o espaço virtual para cometer atos ilegais, como golpes, pedofilia, prostituição infantil, entre tantos outros. As próprias comunidades virtuais são usadas por criminosos para obter informações sobre possíveis vítimas.

Apesar de esse não ser o foco deste trabalho, é mais um reflexo da relevância e necessidade de estudos sobre esse novo espaço, no qual a linguagem tem predominância absoluta na comunicação. Os *blogs* precisam ser estudados nas mais diferentes perspectivas, sendo considerado também seu amplo potencial para o ensino e para a difusão de conhecimento novo.

Trata-se de um espaço onde a comunicação flui sem fronteiras geográficas. As barreiras que podem ser encontradas para essa navegação interplanetária referem-se principalmente à língua. De qualquer forma, é possível a navegação em páginas da *Internet* de todo o planeta, apesar de que alguns países, como a Coreia do Sul, controlam o acesso da população à Rede.

Para este trabalho, selecionamos para análise um *blog* brasileiro que trata de um tema específico: a Fronteira Brasil-Paraguai. O *corpus* principal deste estudo é o *blog* Sopa Brasiguai (www.sopabrasiguai.blogspot.com) - um espaço sem fronteiras na Web, onde é possível saber os principais fatos do país vizinho a um clique. Essa integração do *blog* reproduz o que ocorre no espaço físico de fronteira seca que divide/une os dois países: em muitas localidades não há qualquer fronteira aparente. A população brasileira e paraguaiense se mistura a tal ponto que uma nova “nacionalidade” foi criada nessa região: os brasiguaios. É sobre essa hibridização cultural, social, econômica e da vida como um todo que se dá nesse espaço fronteiriço que vamos tratar no próximo capítulo.

“A fronteira não é o fim de um país, como costumam dizer, mas o início. A fronteira não deveria separar, mas, sim, unir. [...] A velha máxima do ‘pensar global, agir local’, inclui pensar no vizinho da outra margem do rio e cruzar fronteiras na hora de agir.”

Guilherme Dreyer Wojciechowski – autor e mantenedor do *blog* Sopa Brasiguiaia

3. A FRONTEIRA DA COMUNICAÇÃO

Apesar de haver temas que são recorrentes em *blogs*, outros sofrem com a exiguidade de tratamento. Em uma rápida pesquisa na *Internet*, é possível observar a escassez de *blogs* que falem sobre as fronteiras do Brasil, país que faz divisa com outras nove nações, além do departamento ultramarino da França, a Guiana Francesa, e que possui mais de 16 mil quilômetros de fronteira terrestre. São cerca de 10 milhões de habitantes só do lado brasileiro e 27% da área territorial do país em região de fronteira (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2009, p.6).

Apesar disso, é pequena ainda a representatividade econômica e política dessa região em relação ao restante do País. Quando a fronteira é tema dos principais veículos de comunicação é geralmente tratada como porta larga para contrabando e tráfico. O estigma da fronteira é repercutido assim, Brasil afora, sem maior atenção em relação à realidade cotidiana desses milhões de brasileiros.

Atualmente, o tema fronteira vem sendo rediscutido no meio acadêmico, especialmente no que se refere à queda ou a consolidação das fronteiras no mundo globalizado. Então, como será viver/estar/falar do “local” quando o modelo econômico vigente baseia-se na “globalização”? A seguir, trataremos mais especificamente sobre o tema, a fim de esclarecer melhor o contexto de produção do *blog* analisado.

3.1 A FRONTEIRA

O que é fronteira? A fronteira pode ser definida e entendida de diferentes formas. Na definição de Ferreira (1999), o substantivo feminino fronteira é definido como o limite de um país ou território no extremo onde confina com outro; a região adjacente a esse limite; ou, em sentido figurado: limite ou extremo, fim, termo.

Para Soares (2008), embora o conceito esteja vinculado à geografia, o termo fronteira dá margem para múltiplas interpretações, articulando-se com outros campos de estudo. Segundo o autor, de uma forma abrangente o sentido de fronteira representa um quadro em que

em um espaço demarcado, se misturam questões econômicas, sociais, políticas, históricas, ambientais, urbanísticas e também comunicacionais. Essa situação é

particularmente rica no Brasil, país que possui um dos maiores ambientes fronteiriços do planeta (SOARES, 2008, p. 33).

Mas nem sempre existiram fronteiras. Segundo Mattos (1990, p. 13) os povos primitivos não tinham necessidade de fronteiras, pois “eram núcleos geohistóricos esparsos pela superfície do planeta”. Soares (2008, p. 30) explica que a concentração de pessoas em determinadas regiões, a formação de grupos e o aumento gradativo da população foram, aos poucos, alterando as relações sociais e acabaram provocando conflitos e interesses na definição de áreas que viriam a se constituir em limes, ou linhas de fronteira.

Foi apenas no início do século XVIII que houve alteração significativa no modo de ver e viver na fronteira, pois foi nessa época, pós-revolução francesa, “com o aparecimento do conceito de nação, que as fronteiras passam a ter uma importância mais significativa do ponto de vista da formação dos Estados-Nações e da definição de territórios” (SOARES, 2008, p. 31).

Por volta desse período também o Brasil foi palco de lutas por território, mas diferentemente de outros casos, o território brasileiro foi, em grande parte, definido diplomaticamente e estabelecido em diferentes épocas e regiões:

Os conflitos por áreas fronteiriças que ocorrem principalmente nos séculos XVIII e XIX foram resolvidos, em sua maioria, pela influência da diplomacia. A assinatura de Tratados de Acordos e Limites delimitou áreas comuns entre povos e estabeleceu um extenso espaço fronteiriço. (SOARES, 2009, p. 34).

O Tratado de Tordesilhas dividiu as previstas conquistas ultramarinas de Portugal e Espanha, com uma linha imaginária que dividiu toda a América do Sul em duas partes. No entanto, o Tratado deixou de ser cumprido quando os interesses de expansão dos portugueses voltaram-se para o interior do Brasil. De qualquer forma, esses acordos foram determinantes para a divisão de territórios em várias ocasiões, como a assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, que foi fundamental para regulamentar a conquista portuguesa na área onde hoje se localizam os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Mas não foi apenas de diplomacia que o Brasil se valeu para definição dos seus limites territoriais. A chamada Guerra da Tríplice Aliança, que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai foi uma das mais sangrentas da história e veio “desencadear um doloroso processo de instabilidade em toda a região” (SOARES, 2009, p. 45 e 46). Após a quase dizimação da população masculina do Paraguai e de milhares de mortes, a demarcação dos limites entre Brasil e Paraguai ocorre dois anos depois do final da guerra com a assinatura dos

Tratados de Paz e de Limites e, depois da delimitação da área, outros acordos e protocolos ainda foram assinados pelos dois países.

Mas para Soares (2009, p. 35) a definição do Brasil como um país com dimensões continentais deveu-se, principalmente, pela determinação dos portugueses na conquista de novas terras. “Se o século XVIII é marcado pelo avanço territorial, é principalmente no século XIX que o território nacional é definido e as fronteiras são demarcadas”.

Dessa forma, as fronteiras que delineiam o mapa atual do Brasil só foram definidas no final do século XIX e início do século XX, quando pendências e definições de limites foram concluídas “principalmente pelas ações e negociações da diplomacia brasileira” (SOARES, 2009, p. 36). No total, as fronteiras terrestres brasileiras atuais ficaram “extraordinariamente extensas”, totalizando 16.886 quilômetros, com onze estados brasileiros fazendo fronteira com nove países latino-americanos, mais a Guiana Francesa.

Na América do Sul, o Brasil só não faz fronteira com o Chile e o Equador. Com o **Suriname**, são 593 quilômetros, no estado do Amapá (52 quilômetros) e no Pará (541 quilômetros); com a **Guiana**, o Brasil tem uma extensão de fronteira de 1.606 quilômetros, nos estados do Pará (642 quilômetros) e Roraima (964 quilômetros); com a **Venezuela**, a fronteira é de 1.492 quilômetros, nos estados de Roraima (954 quilômetros) e Amazonas (538 quilômetros); com a **Colômbia**, são 644 quilômetros de fronteira, situada totalmente no território do estado do Amazonas; com o **Peru**, são 2.995 quilômetros de fronteira, nos estados do Amazonas (1.565 quilômetros) e Acre (1.430 quilômetros). Com a **Bolívia**, a extensão chega a 3.126 quilômetros de fronteira, a maior de todas, situada nos estados do Acre (618 quilômetros), Rondônia (1.342 quilômetros), Mato Grosso (780 quilômetros) e Mato Grosso do Sul (386 quilômetros); com o **Paraguai**, são 1.339 quilômetros de fronteira, nos estados de Mato Grosso do Sul (1.131 quilômetros) e Paraná (208 quilômetros); com a **Argentina**, são 1.263 quilômetros de fronteira, nos estados do Paraná (293 quilômetros), Santa Catarina (246 quilômetros) e Rio Grande do Sul (724 quilômetros); e, por fim, o Brasil faz fronteira também com o **Uruguai**, com 1.003 quilômetros de extensão, totalmente com o Rio Grande do Sul. O Brasil faz ainda fronteira com a **Guiana Francesa**, departamento ultramarino da França, tendo 655 quilômetros de fronteira, totalmente localizada pela parte brasileira no estado do Amapá. (Fonte: http://www.suapesquisa.com/geografia/fronteiras_com_brasil.htm).

Mapa 1 – América do Sul



Fonte: site www.educacao.uol.com.br (link: <http://educacao.uol.com.br/geografia/ult1694u7.jhtm>).

A fronteira é dividida entre “faixa de fronteira” e “linha de fronteira”. A faixa de fronteira consiste na distância de até 150 quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, enquanto que a linha de fronteira é o limite físico natural ou artificial entre dois países estabelecido através de tratados internacionais.

Dados do Ministério da Integração Nacional – MI (2009) mostram que compõem a “faixa de fronteira” 588 municípios brasileiros, em onze estados da Federação, com uma população estimada de 10 milhões de habitantes, e um espaço territorial que corresponde a 27% da área total do País. (Mapa 2).

Segundo o MI (2009, p. 6), a “faixa de fronteira” configura-se como uma região pouco desenvolvida economicamente, historicamente abandonada pelo governo, marcada pela dificuldade de acesso a bens e serviços públicos, pela falta de coesão social, pela inobservância de cidadania e por problemas peculiares às regiões fronteiriças. Da mesma opinião é Soares (2008), quando afirma que as cidades localizadas em áreas de fronteira, distantes dos centros políticos e econômicos nacionais, não possuem, de um modo geral, benefícios como vias de transporte regulares e veículos de comunicação locais.

Mapa 2 – Faixa de Fronteira do Brasil



A linha azul representa a faixa de fronteira seca do Brasil.

Fonte: site http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/ff_brasil.html.

Ota (2006, p. 40 e 41) explica que a população da região, os “fronteiriços”, acaba constituindo um único grupo, como se formasse uma comunidade distinta. Sobre os habitantes da fronteira do Brasil com o Paraguai e com a Bolívia, pelo estado de Mato Grosso do Sul, a autora destaca:

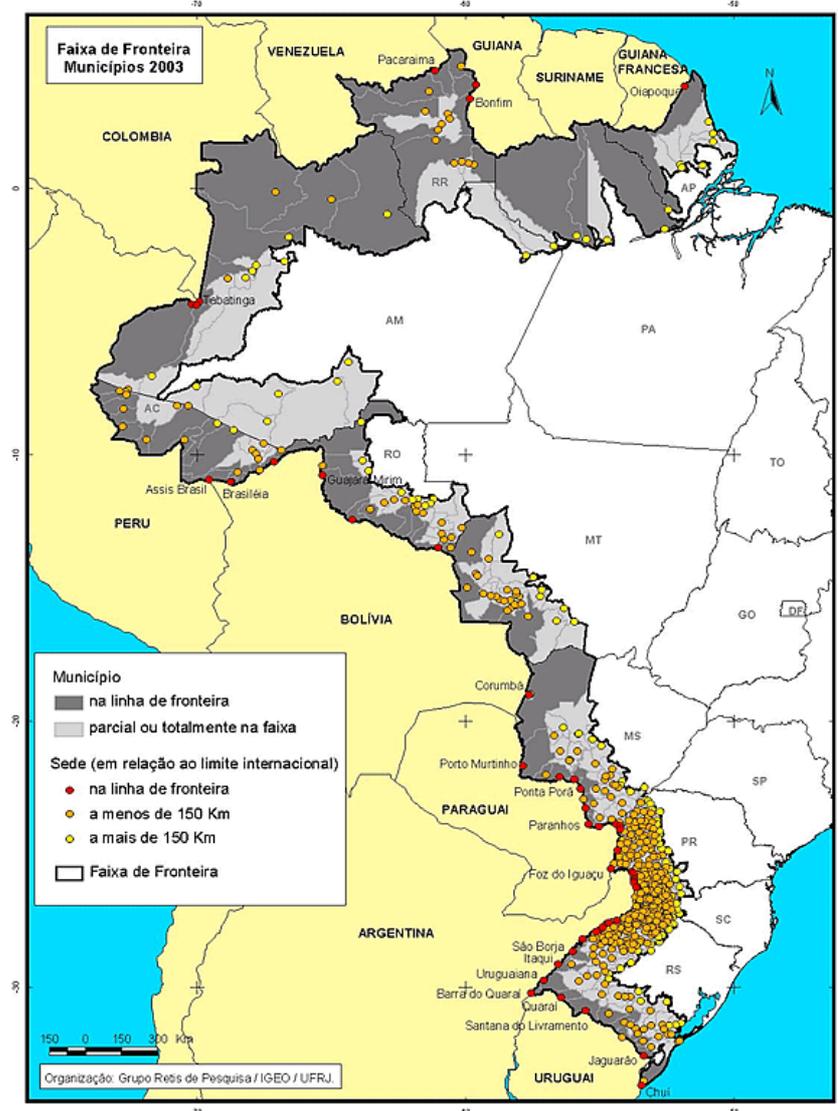
Em uma junção entre os “nós brasileiros” e os “nós paraguaios” ou “nós brasileiros” e “nós bolivianos”, a familiaridade e as semelhanças ficam explícitas no reconhecimento dos indivíduos como pertencentes ao mesmo grupo. Nesta abordagem, tanto a fronteira quanto o fronteiriço são retratados como protagonistas conjuntos, o que os torna diferentes de todo o resto do país. (OTA, 2006, p. 40-41).

Já na “linha de fronteira”, segundo estimativas de Machado (2005, p. 276-281), há 80 localidades situadas na linha de fronteira do Brasil com outros países, incluindo cidades, vilas e povoados. Das 80 localidades, 49 são cidades. São os municípios e povoados localizados na linha divisória entre os países fronteiriços. (Mapa 3)

Segundo Marques (2009, p. 22), as regiões de fronteira nacionais constituem espaços regionais específicos, com dinâmicas próprias e áreas que se complementam por meio do intenso fluxo de capitais, pessoas, bens e serviços:

Essas comunidades, como destaca Farret (1997), ao operarem com o conceito de fronteira como *contato*, ao invés do conceito de *limite*, geram entre si processos interativos em áreas onde convive uma diversidade de fatores geográficos, econômicos, sociais e de conflitos, próprios de regiões transfronteiriças. (MARQUES, 2009, p. 22).

Mapa 3 – Municípios brasileiros na Faixa e na Linha de Fronteira



Fonte: site

http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/faixa/abrangencia.asp?area=spr_frenteira.

Como o *blog* analisado, o Sopa Brasiguai, trata especificamente da fronteira brasileira com o Paraguai, é a ela que nos ateremos doravante, apresentando aspectos gerais desse espaço fronteiro e, em seguida, detendo-nos nas duas principais localidades desse espaço: a fronteira entre as cidades de Ponta Porã (Mato Grosso do Sul-Brasil) e Pedro Juan Caballero (Amambay-Paraguai); e Foz do Iguaçu (Paraná-Brasil) e Ciudad del Este (Alto Paraná-Paraguai).

3.1.1 FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Com 8.514.876 km², o Brasil é o maior país sul-americano em extensão territorial, o terceiro das Américas e o quinto do mundo, ocupando 5,7% das terras do planeta. A

população brasileira é também a quinta maior do mundo, atrás apenas da China, Índia, Estados Unidos e Indonésia. São 195.423.252 habitantes, segundo indicadores sociais da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2010.

O Paraguai tem uma extensão territorial de 406.752,00 Km², pouco maior que o um dos estados brasileiros com que faz fronteira: Mato Grosso do Sul, que possui 357.145,836 km² de extensão. Tem uma população de 6.459.727 habitantes, segundo estatística da ONU (2010), comparável ao estado do Maranhão, no Brasil, que tem uma população de 6.569.683 habitantes, conforme IBGE (2010).

A fronteira brasileira com o Paraguai foi estabelecida pelo Tratado de Limites, de 9 de janeiro de 1872, que definiu a fronteira Brasil-Paraguai desde a nascente do rio Apa, no atual Estado de Mato Grosso do Sul, até a foz do rio Iguazu, no Paraná. A fronteira no rio Paraguai, no trecho entre a foz do rio Apa e o desaguadouro da Baía Negra foi estabelecida pelo Tratado Complementar, de 21 de maio de 1927. Atualmente, a linha divisória entre o Brasil e o Paraguai possui 1.365,4 quilômetros de extensão.

Para Marques (2009), o intercâmbio de ideias, crenças, solidariedade, bens e capital, somado ao intenso trânsito de pessoas, nas fronteiras nacionais desses dois países, ameniza a noção de fronteira política nessa região. A situação é tão peculiar que muitos imigrantes brasileiros registram seus filhos nos dois países, visando principalmente ao atendimento médico no Brasil, à diminuição da burocracia ao visitar parentes, no lado brasileiro, e ao aumento das oportunidades de estudo em colégios e universidades brasileiras. Segundo a autora, “o exercício do direito político também faz parte de um jogo de estratégia dos imigrantes brasileiros” (MARQUES, 2009, p. 28).

Esse intenso fluxo dos habitantes, com migração entre os países originou o caso dos chamados “brasiguaios”, população brasileira ou paraguaia que migrou para o país vizinho ou vive em migração constante, criando uma nova nacionalidade, a dos habitantes da fronteira Brasil-Paraguai.

3.1.1.1 Os brasiguaios

A população residente na fronteira possui uma série de características próprias. Em grande parte dos casos, os “fronteiriços” possuem acesso a serviços dos países que os circundam, vivem em constante trânsito e sofrem influência das culturas com que faz divisa. No Brasil, a extensa fronteira seca deu margem a uma integração tão grande que chegou a dar

origem a uma nova nacionalidade: “os brasiguaios” – habitantes transnacionais que vivem nessa região de fronteira e são, ao mesmo tempo, brasileiros e paraguaios.

Segundo Marques (2009), o termo “brasiguai” foi cunhado em 1985, quando milhares de imigrantes brasileiros que viviam no Paraguai se organizaram para retornar ao Brasil, em busca de terras. A identidade “brasiguai” era usada com uma conotação estritamente política como forma de recuperar a cidadania brasileira, diferenciando os migrantes que viviam no Paraguai de outros grupos que também reivindicavam a posse de terras no Brasil. Para a autora, grande parte da emigração de brasileiros com destino aos demais países do Cone Sul significou uma contrapartida das políticas agrícolas governamentais brasileiras durante as décadas de 1970 e 1980. Ao pesquisar os brasiguaios, a autora define o grupo estudado como sendo:

Os “brasiguaios” aqui pesquisados são indivíduos transnacionais, porque mesclam as culturas dos dois países e possuem vínculos sociais, econômicos e políticos, tanto no Brasil quanto no Paraguai. Esses indivíduos possuem nacionalidade brasileira e/ou paraguaia (filhos de brasileiros que compõem a segunda geração de imigrantes residentes no Paraguai) e lançam mão de estratégias de adaptação e sobrevivência mais baratas e seguras, se comparados a outros transmigrantes (MARQUES, 2009, p. 03).

Os brasiguaios são reconhecidos tanto no Brasil quanto no Paraguai por diferentes perspectivas. Uma parcela da população fronteiriça, especialmente os brasileiros de classes sociais mais elevadas economicamente, encara os brasiguaios com certo desdém, muito influenciada pela mídia dos dois países. Outros enxergam os brasiguaios como privilegiados, e a maioria dos próprios brasiguaios tem orgulho da situação em que vive, especialmente devido à mobilidade constante, até diária, do Brasil-Paraguai e Paraguai-Brasil.

As classes dominantes de origem brasileira, residentes nos municípios de La Paloma e San Alberto, veem a identidade “brasiguai” com reservas. Para eles, ser “brasiguai” é ser sem-terra, miserável, deportado, sem documento. Por outro lado, para a maioria dos moradores brasileiros, residentes na Colônia Jamaica, um bairro pobre da cidade paraguaia de La Paloma, ser “brasiguai” é residir no Paraguai. (MARQUES, 2009, p. 74)

Marques (2009) explica que, no âmbito da mobilidade populacional internacional, além da migração tradicional, sempre houve modalidades de deslocamento que não envolvem mudança de residência. Trata-se de deslocamentos que podem ser a simples mobilidade diária entre habitantes de países fronteiriços, como é o caso de muitos brasileiros e paraguaios.

Esses movimentos podem ser circulatorios e de outra natureza, como a mobilidade diária dos “brasiguaios” que cruzam as fronteiras do Paraguai e do Brasil motivados por uma variedade de fatores. Esses deslocamentos são muito peculiares, porque

ocorrem entre países e em fronteiras que são, ao mesmo tempo, permeáveis e rígidas. (MARQUES, 2009, p. 02)

Os brasiguaios possuem familiares das duas nacionalidades e conhecem as duas línguas oficiais dos dois países (Português e Espanhol) e alguns ainda o Guaraní. Essa imbricação geográfica desencadeia uma fusão de saberes e comportamentos que alcança os níveis político, cultural, social, econômico, religioso, e outros. “As relações sociais dos ‘brasiguaios’ se dão num espaço que é delimitado não pelas fronteiras formais do Brasil e Paraguai, mas sim pelas redes que unem os elementos que as constituem” (MARQUES, 2009, p. 70).

As duas regiões com maior concentração de brasiguaios são a fronteira entre as cidades de Foz do Iguaçu, no Paraná (BR) e Ciudad Del Este, no departamento de Alto Paraná (PY), e entre as cidades de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul (BR) e Pedro Juan Caballero, no departamento de Amambay (PY). Essas regiões são também consideradas as principais na divisa entre os dois países.

Segundo Marques (2009, p. 63), foram nessas localidades que se deu mais fortemente a imigração de retorno de brasileiros que viviam no Paraguai. Com base em informações dos Censos Demográficos brasileiros de 1991 e 2000, a autora explica que o estado do Paraná recebeu quase 40% do total de imigrantes provenientes do Paraguai, no quinquênio 1986/1991, seguido de perto pelo estado de Mato Grosso do Sul. Também no quinquênio de 1995/2000 o Paraná “foi, de longe, o estado que mais recebeu imigrantes do Paraguai no período”, seguido, novamente por Mato Grosso do Sul.

Souchaud (2007) apud Marques (2009) afirma que os jovens adultos, em idade de trabalhar, emigraram de suas colônias brasileiras, no Paraguai, em direção aos estados de Mato Grosso do Sul (especialmente para Campo Grande), Paraná (sobretudo Foz do Iguaçu) e São Paulo (capital), em busca de emprego no setor terciário, em cargos que demandam pouca qualificação, tais como na construção civil, em serviços domésticos, de mecânica e de vendas.

No caso de Mato Grosso do Sul e Paraná, há uma peculiaridade na fronteira com o Paraguai que se configura como forte motivo pela significativa integração entre os povos e pela alta concentração de brasiguaios: o caso das cidades-gêmeas.

3.1.1.2 As cidades gêmeas

Em uma situação em que diferentes culturas, economias, políticas, e outros aspectos se hibridizam tanto como ocorre em fronteiras internacionais há um caso que se destaca pela sua peculiaridade: a situação das cidades-gêmeas. Trata-se de municípios que, na grande maioria dos casos, estão localizados em fronteira seca ou articulados por pontes de grande ou pequeno porte, ladeando localidades estrangeiras.

Segundo publicação do Ministério da Integração Nacional (2009) dentro da noção de zona de fronteira, composta pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que criam um meio próprio de fronteira, o espaço geográfico mais característico é o das cidades-gêmeas.

Esses adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira (seja esta seca ou fluvial, articulada, ou não, por obra de infra-estrutura) apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2009, p. 30).

O MI afirma ainda que, dependendo das características de cada cidade e do segmento de fronteira envolvido, os fluxos transfronteiriços apresentam elementos comuns, porém comportamentos diferentes, que podem ser verificados por meio de elementos, como o trabalho, os fluxos de capital, a terra e recursos naturais e os serviços de consumo coletivo. “É por esses motivos que as cidades-gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas para a zona de fronteira” (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2009, p. 30).

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Integração Nacional (2009), há, em todo o percurso da fronteira brasileira 88 cidades-gêmeas, entre municípios, vilas e povoados, localizadas em nove estados brasileiros: Amapá, Roraima, Amazonas, Acre, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Desse total, o MI relacionou seis como sendo cidades-gêmeas prioritárias, por apresentarem “relação mais crítica e evidente com os países vizinhos”. São elas: Tabatinga (AM) e Leticia (Colômbia); Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (Paraguai); Dionísio Cerqueira (SC) e Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Argentina); Uruguiana (RS) e Paso de Los Libres (Argentina); Sant’Ana do Livramento (RS) e Rivera (Uruguai). (Mapa 4)

Mapa 4 – Cidades-Gêmeas prioritárias no Brasil



Fonte: site http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/faixa/cidades_gemeas.asp.

Só na região de fronteira com o Paraguai há, segundo planilha do MI, dezoito cidades-gêmeas, entre municípios e povoados, estando dezesseis situadas no estado de Mato Grosso do Sul e duas no Paraná.

Dessa relação, na fronteira sul-mato-grossense dez são cidades; dessas, somente seis possuem localidades correspondentes no país vizinho, e, entre essas, apenas quatro fazem fronteira seca com o Paraguai⁷, são elas: Ponta Porã (com Pedro Juan Caballero), Coronel Sapucaia (com Capitan Bado), Paranhos (com Ypeju) e Bela Vista (com Bella Vista).

O estado de Mato Grosso do Sul possui 1.517 quilômetros de fronteira internacional, sendo 1.131 quilômetros com o Paraguai (ao sul e sudeste do estado) e outros 386 quilômetros com a Bolívia (oeste), caracterizando-se como um dos estados brasileiros com o maior número de cidades na fronteira. Dos 78 municípios sul-mato-grossenses, 44 estão na faixa de fronteira, o que corresponde a quase metade da área total do Estado.

Já no Paraná, das duas cidades-gêmeas relacionadas pelo MI, Guaíra (com Salto Del Guayra) e Foz do Iguaçu (com Ciudad del Este), nenhuma faz fronteira seca com o país vizinho, tendo em Foz do Iguaçu a Ponte da Amizade como separação e em Guaíra apenas o

⁷ Porto Murtinho e Mundo Novo possuem fronteiras fluviais com ponte.

rio Paraná, sem ponte. O Estado faz fronteira internacional também com a Argentina, tendo três cidades-gêmeas nesse espaço.

De todas as cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Paraguai, duas se destacam de cada lado, Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), e Foz do Igauçu (BR) e Ciudad del Este (PY), pela expressão econômica, política e cultural dessas localidades. As duas primeiras são as maiores cidades de toda a faixa de divisa de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, tanto do lado brasileiro quanto do paraguaio; as duas últimas são consideradas as maiores cidades-gêmeas de toda a fronteira com o Paraguai.

3.1.1.2.1 Ponta Porã e Pedro Juan Caballero

Ponta Porã e Pedro Juan Caballero possuem fronteiras terrestres demarcadas por linhas imaginárias, sem qualquer acidente físico que as separe nos 13 quilômetros de extensão de área urbana fronteiriça, sendo separadas/unidas por uma rua, a Avenida Internacional. “Juntas, as duas localidades apresentam como característica marcante a proximidade física definida por uma fronteira seca que ao mesmo tempo une e divide o território comum” (Soares, 2008, p. 49). Além de se tratar de cidades fronteiriças, elas possuem características específicas, conforme relata Soares (2008, p. 49):

populações significativas, economia expressiva, comércio intenso, atividades administrativas regionais, diversos veículos de comunicação e limites demarcatórios que as tornam diferentes em relação a outras localidades de fronteira. (SOARES, 2008, p. 49).

O autor explica que ambas são reconhecidas como importantes conjuntos urbanos, mas possuem hierarquias diferentes em seus respectivos países. Enquanto no Paraguai há 17 unidades da federação, denominadas departamentos, no Brasil há 26 estados mais o Distrito Federal. Pedro Juan Caballero é a capital do departamento de Amambay, um dos mais importantes do Paraguai, onde estão localizadas também as cidades de Capitán Bado (fronteira seca com Coronel Sapucaia, MS-BR) e Bella Vista (fronteira seca com Bela Vista – MS-BR). Para Soares (2008), a condição de capital departamental confere a Pedro Juan Caballero importância representativa dentro do estado paraguaio, pois a cidade possui governador, assembleia legislativa e deputados federais, além de uma intendência municipal (comparada à prefeitura no Brasil) e câmara de vereadores, o que a destaca em relação à vizinha brasileira:

Naturalmente a condição de capital de departamento dá a Pedro Juan Caballero uma importância política maior em relação ao Paraguai do que Ponta Porã em relação ao Brasil. Pedro Juan Caballero possui uma situação mais destacada em relação a outras cidades paraguaias. (SOARES, 2008, p. 55).

A cidade é considerada a quarta mais importante do Paraguai, enquanto Ponta Porã é tida como a quinta cidade mais importante no estado de Mato Grosso do Sul, unidade da federação que não possui grande representatividade econômica e política no cenário nacional brasileiro. O município ponta-poranense tem uma representatividade política, econômica e administrativa limitada ao espaço municipal e ligada a Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. O poder público na cidade resume-se à prefeitura e câmara de vereadores. Mas tais diferenças pouco representam na fronteira, na relação das duas cidades, onde não se vê supremacia de nenhuma delas.

Os dois municípios têm uma origem comum: a erva-mate. No final do século XIX, carreteiros que transportavam erva-mate no Brasil e no Paraguai utilizam a lagoa chamada Punta Porã (ponta bonita, em Guarani) como ponto de descanso. O local foi sendo povoado e ficou conhecido como “Paraje Punta Porã”. Em 30 de agosto de 1901 foi criado, no lado paraguaio, o departamento de Pedro Juan Caballero, em homenagem a um herói da independência do Paraguai e em 18 de julho de 1912 foi criado oficialmente o município de Ponta Porã, no Brasil, no então estado de Mato Grosso.

A área territorial das duas cidades é também bastante semelhante. Ponta Porã possui uma área de 5.328,621 km² (IBGE, 2010) e Pedro Juan Caballero uma área de 5.678 km² (SOARES, 2008). A população paraguaia é maior nessa região de fronteira. Segundo Soares (2008) dados divulgados pelo censo paraguaio revelam que, Pedro Juan Caballero possuía, em 2002, 88 mil habitantes. Em Ponta Porã, segundo dados do IBGE de 2010, há 77.866 habitantes. Segundo a página na *Internet* da prefeitura municipal de Ponta Porã, o turismo na região é focado na interação com a população local, tendo como objetivo central a expansão do turismo sustentável na fronteira. As principais opções dos visitantes são o turismo de compras, “desfrutando de um comércio diversificado desde bebidas, roupas, eletrônicos, etc”, e o Cassino Amambay, em Pedro Juan Caballero.

Para Soares (2008, p. 33), a fronteira internacional de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e a Bolívia, é “particularmente rica em detalhes que compõem a história de uma boa parte da fronteira brasileira”. O Estado está em uma região estratégica, e a zona fronteiriça, que corresponde a quase 10% das fronteiras brasileiras, é espaço de oportunidades e desenvolvimento, mas, por outro lado, abarca também problemas graves de segurança. A

região é passagem para contrabando e tráfico de drogas e armas, além de comércio de mercadorias ilegais. Outra região conhecida como “corredor” de ilícitos é a região fronteiriça Brasil-Paraguai pelas cidades de Foz do Iguazu (Paraná, BR) e Ciudad del Este (Alto Parana, PY).

3.1.1.2.2 Foz do Iguazu e Ciudad del Este

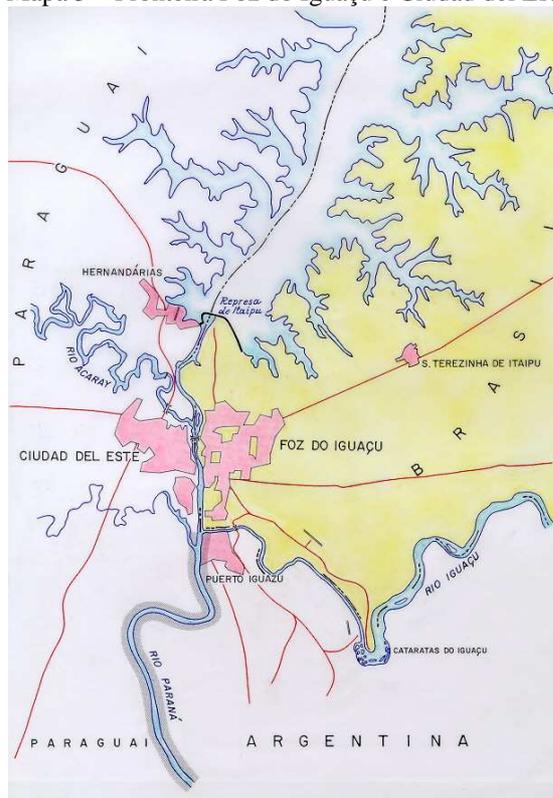
As cidades de Foz do Iguazu (Paraná-BR) e Ciudad del Este (Alto Parana-PY) são consideradas as maiores cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Paraguai e uma das regiões com maior concentração de brasiguaios. As duas cidades têm populações quantitativamente semelhantes: enquanto Foz do Iguazu tem 293 mil habitantes, Ciudad del Este possui pouco mais de 223 mil.

Segundo Marques (2009), a divisa entre as duas cidades constitui um corredor de constante circulação de pessoas, mercadorias e negócios, por onde se entrecruzam redes legais e ilegais. A situação da região em relação ao contrabando, tráfico de ilícitos e de local propício para outros crimes em escala internacional é outra característica conhecida da região. Para Roseira (2006), o fluxo ilegal pela Ponta da Amizade e a suspeita de grupos terroristas na região fazem da área um local de tensões internacionais. Segundo o autor, a força e o volume das atividades turísticas de Foz do Iguazu, somadas aos efeitos nacionais e internacionais do comércio ilegal com Ciudad del Este, a colocam atualmente entre as mais importantes cidades de fronteira sul-americana. (Mapa 5)

Mas segundo a página oficial da prefeitura municipal de Foz do Iguazu na *Internet*, foi somente com a inauguração da Ponte Internacional da Amizade (Brasil - Paraguai), em 1965, que o município teve seu desenvolvimento acelerado e seu comércio intensificado, principalmente com o município paraguaio de Ciudad del Este, então chamado de Puerto Presidente Strossner.

Outro marco importante para o desenvolvimento local foi a construção da Hidroelétrica de Itaipu (Brasil - Paraguai), iniciada na década de 70, aumentando consideravelmente o contingente populacional de Foz do Iguazu. Ainda segundo a página da Prefeitura Municipal, em 1960, o município contava com 28.080 habitantes, em 1970 com 33.970 e passou a ter, em 1980, 136.320 habitantes, registrando um crescimento de 385%.

Mapa 5 – Fronteira Foz do Iguaçu e Ciudad del Este



Fonte: site <http://www2.mre.gov.br/daa/amap1.html>.

A região é espaço consagrado para o turismo, pois congrega a tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina e apresenta movimentação comercial intensa, repercutindo pelos três países. Segundo Roseira (2006, p.31), as cidades de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazu (AR) formam uma espécie de “metrópole tri-nacional”, uma área de plena circulação de pessoas e mercadorias. Os principais locais para turismo são as Cataratas, a Usina Hidrelétrica de Itaipu e o comércio com Ciudad del Este.

Tanto o centro comercial de Foz do Iguaçu, quanto de Ciudad del Este estão localizados nas imediações da saída da Ponte da Amizade. Segundo Rabossi (2004),

a primeira característica chamativa de Ciudad del Este é sua própria localização. Cidade de fronteira, localizada no limite oriental do Paraguai, o desenvolvimento de seu comércio está associado a compradores que vêm de outros países, principalmente do Brasil. Sua fundação, de fato, está associada ao objetivo de aproveitar o movimento que possibilitaria a construção do corredor viário que uniria o centro do Paraguai ao Brasil. (RABOSSI, 2004, p. 9).

Assim como no caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a situação migratória é intensa - não obstante o obstáculo fluvial - caracterizando-se como espaço de grande concentração brasiguai. Rabossi (2004), afirma que muitos dos comerciantes estrangeiros vivem do lado brasileiro e cruzam a fronteira todos os dias para trabalhar em território

paraguaio e que a maior parte dos empregados de comércio são brasileiros e vivem em Foz do Iguaçu. Além desses, há os ‘*paseros*’ paraguaios que durante o dia vão e vem de uma cidade a outra.

Segundo Oliveira (2005, p. 21), “é comum, pela manhã no centro de Foz do Iguaçu, cumprimentar-se com o tradicional ‘bom dia’, em português, espanhol, árabe e até chinês - idiomas dos permanentes na região”, com influência ainda dos idiomas dos turistas, especialmente ingleses, franceses e italianos.

Além da comunicação interpessoal, o ambiente fronteiriço demanda elementos de comunicação social específicos, voltados para a população da região. O tratamento exclusivo ou prioritário de temas nacionais pouco impactará na vida dos receptores, pois que eles necessitam de informações internacionais, nacionais e locais para se inteirarem do que ocorre na região em que vivem e de que forma isso os afeta, considerando o ambiente transnacional em que estão situados. É sobre a comunicação social na fronteira Brasil-Paraguai que trataremos à frente.

3.1.1.3 Comunicação Social na Fronteira Brasil-Paraguai

O ambiente de fusão cultural, social, econômico e político que existe em uma região fronteiriça, com todas suas especificidades já tratadas acima, acarreta situações peculiares, muito próprias dessas regiões. Tais situações podem ser fontes para veículos de informação de repercussão nacional e até internacional, difundindo os acontecimentos locais para um contexto global. Mas como é a relação mídia-região no ambiente fronteiriço entre Brasil-Paraguai?

Essa relação já foi estudada por pesquisadores da Comunicação e áreas afins⁸, e, a partir desses trabalhos, foi possível fazer um panorama geral dos veículos de comunicação na fronteira Brasil-Paraguai, com algumas lacunas. As pesquisas nessa área versam especialmente sobre emissoras de televisão e rádio locais, como é o caso dos estudos sobre a fronteira sul-mato-grossense produzidos por Daniela Ota (2006), com a tese “A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro”; e de Marcelo Câncio Soares (2008): “Telejornalismo Fronteiriço: estudo da notícia televisiva na fronteira do Brasil com o Paraguai”.

⁸ Os trabalhos foram consultados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em <http://bdtd.ibict.br>. Acesso em: 4 dez. 2010.

Outros estudos aos quais tivemos acesso, que trazem também grande contribuição ao entendimento sobre como se dá a comunicação na fronteira Brasil-Paraguai, são as dissertações de Monica Oliveira (2005), “Mídia Impressa na Tríplice Fronteira: Estudo do Jornal Local A Gazeta do Iguazu”; de Vera Lucia Raddatz (2000) “O rádio de fronteira e o Mercosul”; e de Ângela Zamim (2008), “A discursivização do local Fronteira no Jornalismo – Estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias”. Esses trabalhos balizaram esta pesquisa, especialmente a partir desta etapa, como veremos a partir de agora.

3.1.1.3.1 Comunicação sem fronteiras

A fronteira Brasil-Paraguai é um espaço movimentado, com forte integração entre os povos, o que acaba repercutindo pelos dois países. A articulação entre informações regionais e internacionais divulgadas pelos veículos comunicacionais cria um contexto “glocal”, neologismo que hibridiza os termos “global” e “local”.

A situação local pode tomar dimensões globais por meio dos veículos de comunicação de massa regionais, como acontece no caso do *blog* analisado. Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, os meios de comunicação regionais exercem fundamental importância na amplitude da divulgação de um fato localizado, já que reservar apenas à mídia nacional a cobertura de fatos jornalísticos que ocorrem em todo o País seria tarefa altamente complexa, senão impossível.

O processo de produção e construção de uma notícia é conhecido como *Newsmaking*. Esse conceito é baseado na noção de noticiabilidade de um fato, composta por elementos que tornam um acontecimento algo a ser divulgado – são os chamados valores-notícia (*news-value*) definidos diferentemente por diversos autores. Erbolato (1991) relaciona entre os critérios para definição de uma notícia elementos como: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência (ou celebridade), aventura e conflito, conseqüências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, utilidade, expectativa ou suspense e política editorial do jornal, entre outros.

As peculiaridades da região de fronteira tornam, assim, esse ambiente fértil para divulgação de informações jornalísticas, considerando a riqueza de ocorrência de valores-notícia como os mencionados. Conforme Soares (2008), as cidades gêmeas produzem continuamente notícias que se entrelaçam e acabam por realçar a importância do local em relação ao global: “Essas conurbações, que formam uma mesma malha urbana, embora

estejam fisicamente em dois países diferentes, mostram que as circulações de suas informações são, ao mesmo tempo, locais e internacionais”. (SOARES, 2008, p. 77)

No entanto, tal situação deve ser motivo de ainda mais cuidado e preparo por parte do jornalista, a fim de evitar situações constrangedoras e mesmo conflitos diplomáticos entre as nações. Na fronteira, a complexidade da comunicação social, especialmente informativa, como ocorre com o jornalismo, é ainda maior. Soares (2008) afirma que os veículos locais de comunicação que publicam ou transmitem edições jornalísticas constituem-se em engrenagens importantes dentro desse contexto. Para o autor:

Uma informação equivocada publicada de um lado da fronteira pode ser rapidamente rejeitada do outro e criar uma situação de atrito internacional. Nestes locais os procedimentos jornalísticos relacionam-se com as características e o peso histórico de cada uma destas localidades e com os equívocos e os estereótipos que são cultivados pelas populações dos dois lados. (SOARES, 2008, p. 70).

Questões culturais são determinantes na comunicação fronteiriça, onde “o outro lado” é representado também pelo receptor “estrangeiro”. Soares (2008) defende que o fazer jornalístico na fronteira exige, além da técnica e ética jornalísticas, um conhecimento maior a respeito de seu próprio país e do país vizinho:

O fazer jornalismo em uma região de fronteira possui certas características que, de alguma forma, o diferenciam de outras regiões. Não chega a ser diferente no formato, mas na forma de entender o vizinho próximo. Nas sociedades fronteiriças há uma dualidade que não se dá em outros lugares. Na fronteira o interesse informativo de um lado e de outro podem se chocar. Há que se ter uma visão ampla a respeito dos dois lados para que a informação tenha valor para as duas sociedades. (SOARES, 2008, p. 69 e 70).

Como, em geral, o alcance da mídia impressa é menor que o da televisão e do rádio, foi justamente a criação das emissoras regionais televisivas e radiofônicas que propulsionaram a difusão do local para o global – o que aconteceu também em regiões de fronteira. Apesar da acelerada expansão tecnológica estimular cada vez mais o consumo de informações globais, esses mesmos avanços promovem possibilidades mais eficazes de se inteirar sobre o que se passa ao redor do indivíduo. Segundo Ota e Linhares (2004), com a criação das emissoras locais de televisão, foi possível difundir os acontecimentos na região fronteiriça, avançando em abordagens menos estigmatizadas:

Com as emissões regionais, de caráter informativo e de serviço, pode-se obter benefícios, entre eles que o jornalismo esteja mais envolvido com a comunidade, criando uma imagem local, mostrando além de fatos negativos como apreensão de drogas, prisão de traficantes, um jornalismo de cobertura local/regional que estimula a fortalecimento da identidade e das manifestações culturais. (OTA e LINHARES, 2004, p. 5).

Para as autoras, as emissoras de fronteira brasileiras tanto radiofônicas quanto televisivas são bons exemplos para esclarecimento à sociedade de conceitos como regionalidade, identidade e integração, oferecendo programas com conteúdos locais e possibilitando que sejam expressas identidades culturais dessas populações. A tendência na regionalização das transmissões é também pontuada por Oliveira (2005), que afirma ser uma prova disso o aumento dos espaços nos noticiários de emissoras que dedicam parte de seu conteúdo jornalístico às questões locais. Isso vem se acentuando nos últimos anos, com a expansão da cobertura dos sinais de televisão e rádio e instalação de emissoras locais, que retransmitem em cadeia nacional notícias regionais.

Apesar disso, a maioria das localidades situadas na região de fronteira brasileira não dispõe de um só veículo de comunicação local. Segundo Soares (2008), das 80 localidades pesquisadas, fincadas nos mais de 16 mil quilômetros da fronteira brasileira, apenas 24 possuem emissoras de rádio e, na maioria dos casos, há somente uma emissora local. Nas transmissões televisivas a situação é ainda pior: somente quatro das 80 localidades da fronteira brasileira contam com emissoras locais: as cidades de Uruguaiana (RS), Foz do Iguaçu (PR), Corumbá (MS) e Ponta Porã (MS).

Ainda assim, entre os veículos localizados na fronteira brasileira, muitos desperdiçam a oportunidade de abordar temas locais, que afetam diretamente a população fronteiriça, em favor da programação nacional, prejudicando o direito dos fronteiriços ao acesso à informação local: “os cidadãos que vivem em pequenas localidades têm o direito (ou pelo menos deveriam ter) de receber informações a respeito dos acontecimentos que estão próximo a sua área de convívio e que se referem ao cotidiano desses cidadãos”. (SOARES, 2008, p. 92)

As possibilidades de abordagem de temas locais pelo veículos de comunicação fronteiriços são muitas e as potencialidades de prestação de serviço à população também. Só o fato de permitir ao habitante da fronteira o acesso às informações cotidianas do que ocorre nos dois países vizinhos oferece formas diferentes de aprendizado e cultura para a população. Para Soares (2008):

essa comodidade permite que as populações das cidades fronteiriças assimilem com mais facilidade o idioma do país vizinho e possam acompanhar com assiduidade os acontecimentos, costumes e identidades do outro país. (SOARES, 2008, p. 132).

Como o alcance das transmissões televisivas ultrapassa as fronteiras entre os dois países, a programação acaba refletindo nos costumes e no vocabulário, especialmente dos paraguaios, que assistem com frequência a programação brasileira, toda em português.

Nas transmissões via rádio, acontece a hibridização dos diversos idiomas. Para Oliveira (2005, p. 52), o rádio também se insere como elemento integrador numa região fronteiriça, “como veículo de comunicação ágil, dinâmico e onipresente” que é. O fato de que a comunicação por rádio se dá, em alguns municípios da fronteira brasileira com o Paraguai, em diferentes línguas, é ressaltado por Ota e Linhares (2004):

Em alguns municípios que separam o Brasil do Paraguai e da Bolívia como Ponta Porã, Bela Vista, Porto Murtinho e Corumbá verificamos a existência de emissoras de rádio bilingues e trilingues que apresentam uma programação variada voltada para o entretenimento, com informações direcionadas aos interesses da comunidade, principalmente na transmissão de recados. (OTA e LINHARES, 2004, p.3)

Segundo as autoras, essas transmissões são feitas em guarani, espanhol e em português, sendo verificada, em alguns casos, a mistura de dialetos como o Jopará (mescla entre o guarani e o espanhol), utilizado nas transmissões radiofônicas de cidades como Porto Murtinho, que faz fronteira com Ilha Margarita (Paraguai), e Bela Vista, fronteira com Bela Vista (Paraguai). Além do português, espanhol e guarani, os habitantes da região falam diversos dialetos como o conhecido “portunhol”, mistura da língua portuguesa com a espanhola, com o fim de facilitar a comunicação com os não falantes do idioma vizinho.

No que se refere à mídia impressa, os trabalhos acadêmicos são em bem menor número. Pesquisa bastante contributiva foi a de Oliveira (2005) sobre a mídia impressa na tríplice-fronteira, com uma análise de quatro jornais que circulam na cidade de Foz do Iguaçu, em especial A Gazeta do Iguaçu. Segundo a autora, o jornalismo nessa região ainda tem muito o que avançar, considerando que em três, dos quatro jornais pesquisados verificou-se que “não existe infraestrutura empresarial que dê suporte a um trabalho de jornalismo que possa ser considerado de alto nível” e o que é noticiado fica a dever aos inúmeros acontecimentos. (OLIVEIRA, 2005, p. 96). Segundo a autora, não há nesses veículos autonomia dos jornalistas em relação à área comercial para decisão de que fatos devem ser publicados:

No caso do jornalismo diário praticado na fronteira isso poderia ser considerado até uma utopia. O grau de comprometimento econômico e político é tanto que não é preciso muito esforço para encontrar exemplos de um e outro. (OLIVEIRA, 2005, p. 98).

A prática jornalística em Foz do Iguaçu na mídia impressa é, segundo a autora, baseada na prática de exageros textuais para mais ou para menos. “Para mais são os elogios rasgados, publicados em notas e colunas sociais”, seguindo a linha política e editorial da publicação. “No outro lado, a menor, estão as críticas mordazes, que se utilizam de fontes fidedignas ou então, plantam factóides”, feitas, geralmente, por colunistas dos veículos, o que,

segundo a autora, gera um comprometimento do valor social da notícia divulgada: “vê-se que o poder econômico predomina e dá as cartas na imprensa de Foz do Iguaçu” (OLIVEIRA, 2005, p. 99).

Na fronteira com Mato Grosso do Sul, a mídia impressa conta com o diário *Jornal da Praça* e os semanários *Tribuna da Fronteira* e *Jornal de Notícias*, que circulam em Ponta Porã. Já no lado paraguaio, circulam apenas semanários: *Semana*, *Hechos*, *El Vigilante*, *Nuevos* e *La Hoja*, além dos jornais diários produzidos na capital Assunção (SOARES, 2008).

Dessa forma, vemos que a cobertura jornalística na fronteira apresenta resultados positivos, mas ainda deixa sérias lacunas. Apesar de haver veículos locais, que divulgam informações da região, muitos apenas reproduzem a programação nacional, desperdiçando preciosos espaços nos veículos eletrônicos para divulgação de informações úteis à população local. No caso dos impressos, o comprometimento político na linha editorial dos jornais resulta fatalmente em prejuízos à população no direito da informação isenta e de interesse público, não obstante essa prática não ser exclusiva da zona de fronteira. O espaço vago também na cobertura diária impacta diretamente no saber da população sobre o que se passa ao seu redor.

Mas além dos veículos “tradicionais”, a Web se configura como novo e importante meio de comunicação em toda parte, ainda que com limitações de acesso. É sobre a comunicação na fronteira através da Rede Mundial de Computadores que trataremos a seguir.

3.1.1.3.2 A fronteira na Web

Estudada em seus mais diversos aspectos, geográfico, cultural, econômico, turístico, político, entre outros, a fronteira brasileira só recentemente despertou interesse de pesquisadores para ser analisada sob a perspectiva comunicacional. Como é possível identificar, através dos trabalhos aqui utilizados como fontes bibliográficas, os principais estudos sobre o assunto surgiram a partir do final da década de 90.

Se somar-se ao fato o recorte metodológico utilizado para a presente pesquisa de se fixar na fronteira brasileira com o Paraguai, a bibliografia sobre o assunto torna-se ainda mais escassa. Mas nada supera a dificuldade de se encontrar trabalhos que falem da comunicação fronteiriça via Web. A recentidade do ambiente virtual contribuiu bastante para isso, não obstante o largo uso que tem sido feito da *Internet*, inclusive nas localidades mais afastadas. O tema é novo e parece inexplorado. Essa comunicação, que dá seus primeiros passos, deve

gerar num futuro próximo um interesse cada vez maior por parte da população em geral, que vem aderindo gradativamente às tecnologias digitais o que, conseqüentemente, deve também ser tema de relevantes pesquisas acadêmicas.

Soares (2008) relacionou em sua tese quatro sites de notícias que produzem e transmitem informações locais, nas cidades de Ponta Porã (MS-BR) e Pedro Juan Caballero (Amambay-PY):

Com relação às informações locais disponibilizadas pela Internet, as duas cidades contabilizam quatro sites de notícias, três em Ponta Porã e um Pedro Juan Caballero. Os sites de notícias de Ponta Porã são: Conesulnews (www.conesul.com.br); Pontanews (www.pontanews.com.br) e o Mercosulnews (www.mercosulnews.com.br). Já em Pedro Juan Caballero o site de notícias locais é o [pedrojuannews \(www.pedrojuannews.com\)](http://www.pedrojuannews.com). (SOARES, 2008, p. 139).

Além dos mencionados, em Ponta Porã são publicados ainda pelo menos seis sites de notícias. Mas, ao contrário dos já relacionados por Soares (2008), essas páginas são baseadas em reproduções de notícias publicadas por outros veículos e em *releases*⁹ São eles: Notícias da Fronteira (www.noticiasdafronteira.com); Diário Porã (www.diariopora.com.br); Agora Ponta Porã (www.agorapontapora.com.br); Nova FM 96, site da rádio de mesmo nome (<http://www.novafm96.com/>); Jornal da Praça, site do jornal impresso de mesmo nome (<http://jornaldapraca.com.br>) e Portal de Ponta (www.portaldeponta.com).

Em Pedro Juan Caballero, além do Pedro Juan News, é produzido ainda o site Amambay Notícias (<http://www.amambaynoticias.com>), com notícias do departamento de Amambay, inclusive em português e com uma coluna específica sobre a fronteira com o Brasil, e o Amambay FM, da rádio 100.5 FM (<http://www.amambayfm.com/>).

Na fronteira Brasil-Paraguai entre o estado do Paraná (BR) e o departamento Alto Parana (PY), os principais sites de notícias do lado brasileiro são: Click Foz do Iguaçu Notícias (www.clickfozdoiguacu.com.br); H2Foz (<http://www.h2foz.com.br>); CBN Foz, da rádio 1320 AM (<http://www.cbnfoz.com.br>) e Foz Online (<http://www.fozonline.com>). Além desses, os jornais Aqui Agora (<http://www.aquiagora.net>), produzido em Marechal Rondon (PR), e Correio do Lago (<http://www.correiodolago.com.br/>), produzido em Santa Helena, Paraná, publicam notícias das cidades do oeste paranaense, inclusive de Foz do Iguaçu. Os sites Tudo Foz (www.tudofoz.com.br) e Primeira Linha (<http://www.primeiralinha.com.br>)

⁹ Release - termo inglês equivalente ao verbo "enviar", em português. Denomina uma matéria jornalística produzida pela Assessoria de Imprensa de determinada empresa/instituição ou órgão público. Visa a divulgar notícias de interesse do assessorado.

são baseados em releases e em matérias publicadas por outros veículos de comunicação, pouco ou nada produzindo de notícias locais.

No lado paraguaio da fronteira, os sites produzidos em Ciudad del Este são o Diário Vanguardia, página na *Internet* do jornal impresso de mesmo nome (<http://diariovanguardia.com.py>); TN Press, site do jornal impresso de mesmo nome (<http://www.tnpress.com.py>) e Diário CDE (<http://www.diariocde.com.py>). Mas outros sites paraguaios produzem e publicam notícias sobre as cidades de Pedro Juan Caballero e Ciudad del Este, abordando também outras localidades da fronteira com o Brasil.

Um site muito utilizado como fonte para páginas brasileiras, especialmente os jornais online de Mato Grosso do Sul, é o Capitan Bado (www.capitanbado.com), produzido na cidade de Capitan Bado (PY), fronteira com a cidade sul-mato-grossense de Coronel Sapucaia, e que publica muitas notícias policiais da fronteira. Ainda no lado paraguaio, outros sites que produzem notícias da fronteira são o ABC Digital (www.abc.com.py), integrante da rede ABC Color, com sede administrativa na capital Assunção, mas possui filiais nas principais cidades do País, como Pedro Juan Caballero e Ciudad del Este; Última Hora (<http://www.ultimahora.com>), que possui versões digital e impressa; e Diário Popular, que integra o grupo Multimedia (<http://www.diariopopular.com.py>).

Abaixo, relacionamos todos os sites encontrados por meio de mecanismos de busca da *Internet* (Google e links de outros sites de notícias), que são produzidos em cidades localizadas na linha de fronteira do Brasil com o Paraguai, classificados pelo município da sede administrativa e/ou redação.

Quadro 1 – Relação de sites da fronteira Brasil-Paraguai

SITES DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI		
BRASIL		
Nome	Endereço	Cidade
Agora Porto Murtinho	http://www.agoraportomurtinho.com.br/	Porto Murtinho (MS)
Bela Vista MS	http://www.belavistams.com.br/	Bela Vista (MS)
Fronteira News	http://www.fronteirane.ws.com/	Bela Vista (MS)
Jatobá News	http://www.jatobanews.com.br/	Bela Vista (MS)
Agora Bela Vista	http://www.agorabelavista.com.br/	Bela Vista (MS)
Cidade FM 106	http://www.cidadefm106.com/	Bela Vista (MS)
Novos Tempos FM	http://novostemposfm.radio.br/	Antonio João (MS)
Agora Antonio João	http://www.agoraantoniojoao.com.br/	Antonio João (MS)
Ponta News	http://www.pontanews.com.br/	Ponta Porã (MS)
Cone Sul News	http://www.conesulnews.com.br/	Ponta Porã (MS)
Diário Porã	http://www.diariopora.com.br/	Ponta Porã (MS)
Nova FM 96	http://www.novafm96.com/	Ponta Porã (MS)
Mercosul News	http://www.mercosulnews.com/	Ponta Porã (MS)

Notícias da Fronteira	http://www.noticiasdafronteira.com	Ponta Porã (MS)
Agora Ponta Porã	http://www.agorapontapora.com.br	Ponta Porã (MS)
Portal de Ponta	http://www.portaldeponta.com	Ponta Porã (MS)
Jornal da Praça	http://jornaldapraca.com.br/	Ponta Porã (MS)
Fronteira Agora	http://www.fronteiraagora.com.br/	Paranhos (MS)
Aral Moreira	http://www.aralmoreiranews.com.br/	Aral Moreira (MS)
Imparcial News	http://www.imparcialnews.com.br/	Mundo Novo (MS)
Jornal O Liberal	http://www.jornaloliberal.com.br/	Mundo Novo (MS)
Rádio Guaíra	http://www.radioguaيرا.com.br/	Guaíra (PR)
Click Foz do Iguaçu	http://www.clickfozdoiguacu.com.br	Foz do Iguaçu (PR)
H2Foz	http://www.h2foz.com.br	Foz do Iguaçu (PR)
CBN Foz	http://www.cbnfoz.com.br	Foz do Iguaçu (PR)
Foz Online	http://www.fozonline.com	Foz do Iguaçu (PR)
Aqui Agora	http://www.aquiagora.net	Foz do Iguaçu (PR)
Tudo Foz	www.tudofoz.com.br	Foz do Iguaçu (PR)
Primeira Linha	http://www.primeiralinha.com.br	Foz do Iguaçu (PR)
PARAGUAI		
Capitan Bado	http://www.capitanbado.com/	Capitan Bado
Capitan Bado FM	http://www.capitanbadofm.com/	Capitan Bado
Branco FM	http://www.brancofm.com/	Capitan Bado
Salto FM	http://saltofm.com/	Salto del Guairá
Díario Vanguardia	http://diariovanguardia.com.py/	Ciudad del Este
TN Press	http://www.tnpress.com.py	Ciudad del Este
Diario CDE	http://www.diariocde.com.py	Ciudad del Este
Pedro Juan News	http://www.pedrojuannews.com/	Pedro Juan Caballero
Amambay Notícias	http://www.amambaynoticias.com	Pedro Juan Caballero
Amambay FM	(http://www.amambayfm.com/	Pedro Juan Caballero

A partir dos sites encontrados foi possível perceber que, apesar da quantidade de páginas não ser pequena: 29 no Brasil e dez no Paraguai, em muitos casos não há produção de notícias, apenas reprodução de outros conteúdos já publicados, com reserva de pequeno espaço a informações locais e da região de fronteira. Ainda assim, há municípios como Bela Vista (MS) que possuem um número grande de sites de notícias, com produção de conteúdos.

Outros, porém, como é o caso de Coronel Sapucaia (MS) não possuem sites locais. A cidade é conhecida pelo alto índice de criminalidade, tendo sido classificada pelo ranking da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA) como o município com a taxa média de homicídios mais alta do país, com 107,2 mortes para cada 100 mil habitantes¹⁰. No lado paraguaio, no entanto, na cidade de Capitan Bado, geminada com Coronel Sapucaia, é publicado um dos sites mais acessados da fronteira, como foi afirmado acima.

10 Notícia publicada no jornal O Globo, disponibilizada no site da RITLA no site: http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=2318

Muitas rádios locais mantêm páginas na *Internet*, inserindo nos sites notícias veiculadas pela rádio, o que é útil para aqueles que não tiveram acesso à programação e para chegar onde o sinal da rádio não alcança.

Ao contrário dos sites, há poucos *blogs* produzidos em cidades localizadas na linha de fronteira Brasil-Paraguai e apenas um *blog* informativo. Por serem poucos, relacionamos abaixo todos os *blogs* encontrados produzidos em cidades da fronteira Brasil-Paraguai:

Quadro 2 – Relação de *Blogs* da fronteira Brasil-Paraguai

BLOGS DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI			
<i>Blog</i>	Endereço	Produtor/Mantenedor	Cidade
Pensamentos de um Carteiro	http://alcimassaranduba.blogspot.com	Alci Massaranduba, carteiro	Ponta Porã (MS)
Educadora 91	http://educadora91.blogspot.com	Rádio Educadora	Sete Quedas (MS)
Studio Fronteira	http://studiofronteira.blogspot.com/	Radialista Roberto Boller	Bela Vista (MS)
Retirada da Laguna	http://retiradalaguna.blogspot.com/	Capitão do Exército Matos	Bela Vista (MS)
Eu Amo Foz	http://euamofoz.blogspot.com	Agência Loumar Turismo	Foz do Iguaçu (PR)
SBTUR	http://sbtur.blogspot.com/	Agência de Turismo SBTUR	Foz do Iguaçu (PR)
Sopa Brasiguai	http://www.sopabrasiguai.blogspot.com/	Turismólogo Guilherme Wojciechowski e professor Fernando Fernandes	Foz do Iguaçu (PR)
BLOG INFORMATIVO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI			
Sopa Brasiguai	http://www.sopabrasiguai.blogspot.com/	Turismólogo Guilherme Wojciechowski e professor Fernando Fernandes	Foz do Iguaçu (PR)

Dos *blogs* encontrados, “O Pensamentos de um carteiro” contém textos, notícias e fotos de seu autor, o carteiro Alci Massaranduba; o “Educadora 91” publica notícias da cidade de Sete Quedas (MS) e região; o “Studio Fronteira” divulga eventos realizados pela empresa homônima, além de notícias da cidade de Bela Vista (MS); o “Retirada da Laguna” contém informações históricas e turísticas da cidade de Bela Vista (MS); e os *blogs* “Eu amo Foz” e “SBTUR” são produzidos por agências de turismo para divulgação da cidade e de pacotes

promocionais das respectivas empresas. O *blog* Sopa Brasiguaia tem como tema a fronteira Brasil-Paraguai.

Assim, tanto do lado paraguaio, quanto do lado brasileiro, os sites e os *blogs* que tivemos acesso são, com exceção de um, voltados a assuntos da cidade em que a página é mantida, abordando, esparsa ou cotidianamente, assuntos diretamente da fronteira. Nesses casos, a fronteira é um tema a mais a ser abordado, não o foco principal do site. No caso do Sopa Brasiguaia a situação é diferente.

A página nos chamou atenção por abordar em seu conteúdo a fronteira brasileira com o Paraguai como tema principal, tratando ainda de notícias de cidades paraguaias não fronteiriças, mas que acabam afetando a região. Por ser o objeto principal desta pesquisa o blog na perspectiva da teoria dos gêneros textuais, optamos por selecionar o Sopa Brasiguaia como *corpus* para tal análise, considerando suas características únicas pela temática abordada e pela forma de tratamento das informações, pois o conteúdo é todo publicado enquadrados nos gêneros da esfera jornalística.

Para melhor compreensão dessa proposta, trataremos a seguir da teoria dos gêneros textuais e seus pressupostos, apresentando os gêneros emergentes - isto é, os que advieram do surgimento da Web - e uma proposta classificatória do blog como suporte de gêneros e não um gênero textual específico. Ao final, apresentamos uma análise do blog Sopa Brasiguaia como um suporte de gêneros eminentemente do domínio jornalístico.

“Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidas numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social.”

Luiz Antônio Marcuschi, no livro “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão”.

4. OS GÊNEROS TEXTUAIS E A MÍDIA VIRTUAL

4.1 OS GÊNEROS TEXTUAIS

O estudo dos gêneros existentes remonta à história antiga da humanidade. No Ocidente, seu precursor é Platão, que iniciou uma reflexão sobre o tema há mais de vinte séculos, mas é com Aristóteles que o estudo dos gêneros ganha a primeira sistematização.

Para o filósofo, havia três gêneros de discurso retórico: o Demonstrativo, o Deliberativo e o Judiciário. Esses gêneros eram associados aos três tipos de ouvintes que operam num discurso, com seus respectivos julgamentos: o espectador que olha o presente, a assembleia que olha o futuro e o juiz que julga sobre as coisas passadas. Esses, por sua vez, eram relacionados aos três elementos que compunham o discurso (aquele que fala; aquilo sobre o que fala e aquele a quem se fala – ou emissor, mensagem e receptor).

Marcuschi (2008) explica:

O discurso deliberativo servia para aconselhar/desaconselhar, e voltava-se para o futuro por ser exortativo por natureza; já o discurso judiciário tem a função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado, enquanto o discurso demonstrativo tem o caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente. (MARCUSCHI, 2008, p. 148, grifos do autor).

Tinha-se já aí uma construção teórica que associava forma, função e tempo. Como em princípio o conceito de gênero se resumia à Literatura, Aristóteles desenvolveu sua teoria distinguindo gêneros como Epopeia, Tragédia e Comédia, entre outros. Seus estudos foram a base de pesquisas sobre gêneros durante toda a Idade Média, época em que foram dedicadas diversas pesquisas ao tema, mas que não acrescentaram nada de relevante à teoria antiga (BAKHTIN, 1997).

O conceito, no entanto, foi sofrendo muitas transformações ao longo da história. Para Bakhtin (1997), o estudo dos gêneros no âmbito literário sempre se restringiu ao ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas e não como tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros, com os quais mantêm em comum a natureza verbal ou linguística.

Segundo Marcuschi (2008), gênero pode ser uma categoria social, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social

e uma ação retórica. Costa (2008) sintetiza gêneros como formas heterogêneas, sócio-discursivo-enunciativas, orais e escritas, dadas pela tradição e pela cultura, ontem e hoje.

O estudo atual dos gêneros segue diferentes linhas teóricas, das quais é destacada neste trabalho a perspectiva sócio-histórica e dialógica, de Bakhtin, que baseia a pesquisa. A multiplicidade de linhas de pesquisa sobre os gêneros, tão na moda nos dias de hoje (Marcuschi, 2008), é atribuída por Bakhtin à grande diversidade de gêneros do discurso, que não permitiria haver um terreno comum para seu estudo. Para o autor, “não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado” (Bakhtin, 1997, p. 282).

Segundo o autor, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciado, com riqueza e variedade infinitas devido à relação com a utilização da língua que possuem todas as esferas de atividade humana. Segundo Bakhtin (1997), isso se dá em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes das esferas de atividade humana. Para o autor, se não existissem os gêneros do discurso e tivéssemos que construí-los em cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Tais enunciados refletem as condições e finalidades de cada uma dessas esferas pelo seu conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional. Esses três elementos são a base de critérios para análise de gêneros textuais dessa vertente teórica. Mas antes de apresentarmos essas três perspectivas básicas para análise de gêneros, iniciemos pela primeira diferenciação feita por Bakhtin a respeito do tema.

O autor distingue os gêneros do discurso primário (simples) dos gêneros do discurso secundário (complexos), distinção essa essencial e de grande importância teórica. Os primeiros referem-se a uma comunicação verbal espontânea, compreendida por sua relação com o contexto imediato – a ação comunicativa. Segundo Costa (2008), nessa situação particular, imediata e injuntiva de interlocução face a face, há um autocontrole dos textos produzidos, sendo esses textos considerados mais simples.

Os gêneros primários são absorvidos e transmutados no processo de formação dos gêneros secundários, adquirindo uma característica particular: “perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”. Assim, os gêneros secundários do discurso surgem em uma situação de comunicação cultural mais complexa e evoluída, principalmente escrita. (Bakhtin, 1997, p. 282)

Um exemplo de gênero primário é a conversação oral. Quando esta é transmutada para uma entrevista, numa esfera de comunicação mais complexa e na qual as condições de produção do discurso tornam-se secundárias, ela transforma-se, por sua vez, num gênero do discurso secundário.

Mas, segundo Bakhtin (1997) tão-só a inter-relação entre os gêneros primários e secundários não é capaz de esclarecer a natureza do enunciado. É preciso interpor de outro lado o processo histórico de formação do gênero secundário. Para Costa (2008), a classificação bakhtiniana entre gêneros do discurso primário e secundário tem como principal mérito reavaliar o conceito de gênero, mudando seu enfoque analítico da Linguística para a Pragmática.

Atualmente, o estudo dos gêneros é multidisciplinar, com atenção especial para o estudo da língua e para as atividades culturais e sociais, englobando uma análise do texto e do discurso (MARCUSCHI, 2008).

Quanto à diferenciação de gêneros textuais e do discurso, optamos por, assim como Marcuschi (2008, p. 154), adotar a posição de que as duas expressões podem ser usadas “intercambiavelmente”, com exceção dos casos em que se pretende identificar um fenômeno específico. Até porque os dois conceitos fundem-se em diversos pontos, estando a teoria dos gêneros textuais subordinada à dimensão discursiva produzida/construída na interação verbal.

Isso porque ambos os termos estão associados às noções de texto e de discurso. O texto é uma entidade concreta, materializada e corporificada em algum gênero textual, enquanto que o discurso refere-se àquilo que um texto produz ao se manifestar em uma instância discursiva e, assim, é realizado no próprio texto. O texto seria a materialidade do discurso.

Isso posto, passamos ao conceito de gênero textual. Segundo Marcuschi (2008, p. 155), o gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes, configurando os textos cotidianos, com “padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

Eles são muitos, dinâmicos, maleáveis e relativamente complexos. São originados coletivamente e têm a função de contribuir para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, pois se caracterizam como entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (Marcuschi, 2002a). Sua

diversidade dificulta denominações consensuais e, da mesma maneira que surgem e se consagram, podem desaparecer. São exemplos de gêneros textuais: a conversação (cotidiano), o sermão (religioso), a reportagem (jornalístico), a tese (acadêmico), o romance (literário), o anúncio (publicitário), a aula (escolar), entre outros.

Cada um desses gêneros está incluído em um domínio discursivo ou esfera da atividade humana, que foi apresentada acima entre parênteses depois de cada gênero, a título de exemplificação. Os domínios discursivos são instâncias discursivas ou formações históricas e sociais que agrupam e originam diversos gêneros.

Dessa forma, não há gênero jornalístico ou publicitário, jurídico ou acadêmico. Esses são domínios ou esferas discursivas, que agrupam gêneros afins. No caso do domínio discursivo jornalístico, têm-se os gêneros reportagem, notícia, editorial, artigo, crônica, carta do leitor, entre outros. No caso do domínio interpessoal, vamos encontrar boa parte dos gêneros emergentes, como o e-mail, os chats e os fóruns de discussão, entre outros.

O gênero textual, como afirmou Bakhtin (1997) geralmente é delimitado a partir de três critérios básicos: o Conteúdo e Propósito Comunicativo, a Estrutura Composicional e o Estilo – e é sobre esses três critérios que trataremos abaixo.

4.1.1 CONTEÚDO E PROPÓSITO COMUNICATIVO

O estudo dos gêneros textuais foi, como veremos adiante, restrito há até pouco tempo aos seus aspectos estruturais, ou seja, pelas sequências tipológicas que o constituem. No entanto, o propósito comunicativo que cada gênero possui é determinante para classificação de um gênero como tal. O objetivo que se tem com um enunciado está intrinsecamente ligado a seu conteúdo.

Segundo Bakhtin (1997), o enunciado se caracteriza, sobretudo, pelo conteúdo preciso do objeto do sentido, e as implicações desse objeto do sentido para seu locutor/autor determinam as particularidades de estilo e composição do enunciado. Segundo o autor, a expressividade é variável, mas “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (p. 308).

Biasi-Rodrigues (2007, p. 729), estudando a função do propósito comunicativo para a identificação de gêneros, segue a definição de Swales (1990 e 2004) e Askehave e Swales (2001) quando dizem que o critério pode ser utilizado não para identificação imediata, mas em função de “re-análises” e dos “entornos sociais”.

Segundo a autora, a característica mais importante dessa concepção é que há um compartilhamento de um ou mais propósitos pelos eventos comunicativos, embora esses propósitos possam não estar manifestados de forma explícita e possuam uma difícil identificação. BIASI-RODRIGUES exemplifica com um programa de notícias, que tanto pode informar e orientar, quanto formar opinião.

Assim como para Bakhtin, para Swales, o propósito comunicativo é fundamental para determinação do gênero:

O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha estreitamente ligado a uma determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público alvo. (SWALES apud BIASI-RODRIGUES, 2007, p. 730).

Apesar de sua relevância, Swales reconhece a dificuldade na identificação do propósito comunicativo dos gêneros. Quando examinado em seu aspecto linguístico, o autor defende que o propósito do gênero deve ser analisado a partir da identificação da comunidade, seus valores, suas expectativas e seu repertório de gêneros, além do levantamento de seus traços peculiares. O estudo também abrangeria o contexto em que o gênero é produzido. Marcuschi (2008) reforça que todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.

4.1.2 ESTRUTURA COMPOSICIONAL

Além da confusão entre gêneros e domínios discursivos já relatada, outra bem mais comum é a relacionada à estrutura composicional do gênero. Diferentemente do que se afirmava há pouco tempo nas pesquisas acadêmicas e em aulas de Língua Portuguesa nas escolas de ensino básico e fundamental, os gêneros textuais não podem ser confundidos com a tipologia que os compõe. Essa foi uma mudança de paradigma importante, que veio caracterizar mais adequadamente os gêneros como formas textuais relativamente estáveis de enunciado. Tal mudança adveio de uma nova concepção conceitual a respeito de gênero textual.

Marcuschi (2002a, p. 3) explica que “usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas”.

Já a expressão *gênero textual* é usada como uma noção:

“propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002a, p. 4).

Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Os tipos textuais estão relacionados à estrutura composicional dos gêneros, que comumente possuem vasta heterogeneidade tipológica. Costumam denominar um texto no qual uma categoria predomina, como por exemplo, se o texto usa, com proeminência, sequências narrativas, ele será considerado como uma narração. Isso, porém, não define o gênero textual.

Os tipos são constituídos de sequências textuais, definidas pela sua composição de natureza linguística, em seus aspectos lexicais, sintáticos, verbais, estilísticos, entre outros. Ao contrário dos gêneros, os tipos são em número limitado e sem tendência a serem ampliados. Conforme Marcuschi (2008) resumem-se às categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção – com certa divergência teórica sobre tal classificação. Com base nesses cinco tipos textuais, apresentamos abaixo suas principais características:

Narrativo – As sequências narrativas se caracterizam pela forma de relato, de contar uma história, um fato, imaginário ou real. Predominam verbos no pretérito e é comum haver destaque para ações e tempo. Segundo Marcuschi (2002a), nesse tipo de enunciado textual, a questão central é a sequência temporal.

Descritivo – Apresenta descrições do ambiente, dos personagens, dos pensamentos, enfim, do que aparece na cena descrita. São comuns verbos no pretérito imperfeito e verbos estáticos no presente. Segundo Marcuschi (2002a), as sequências predominantes são as de localização.

Argumentativo – É baseado no argumento, opinião, defesa de uma ideia. Para Marcuschi (2002a), os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas.

Expositivo – Tem predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. O objetivo é de explicar, prestar informações sobre algo, visando que o receptor adquira um novo saber. Trata de identificação de fenômenos, conceitos e definições não apresentando argumentos a respeito do que se fala.

Injuntivo – Caracteriza-se pelo modo verbal imperativo ou demais sequências que indiquem uma ordem. Segundo Marcuschi (2002a) os enunciados injuntivos são os

incitadores à ação. São muito utilizados em discursos do domínio discursivo publicitário, mas também em horóscopos e livros de auto-ajuda.

Travaglia (2003, p. 104), em seu artigo “Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos”, elabora o seguinte quadro, sobre os tipos textuais, considerando a Descrição, Dissertação, Injunção e Narração:

Quadro 3 - Tipos textuais relacionados por Travaglia (2003)

	Descrição	Dissertação	Injunção	Narração
Perspectiva do enunciador/ produtor do texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação	Enunciador na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo
Objetivo do enunciador	O que se quer é caracterizar, dizer como é	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações	Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação ⁶	O que se quer é contar, dizer os fatos os acontecimentos, entendidos como os episódios, a ação/o fato em sua ocorrência
Forma como se instaura o interlocutor	Como <i>voyeur</i> do espetáculo	Como ser pensante, que raciocina	Como aquele que realiza aquilo que se requer ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça	Como assistente, espectador não participante, que apenas toma conhecimento dos episódio(s) ocorrido(s)
Tempo referencial ⁷	Simultaneidade das situações	Simultaneidade das situações	Indiferença à simultaneidade ou não das situações	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão
Relação entre o tempo da enunciação e o referencial	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial ⁸	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial

Fonte: Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007.

Apesar de a análise de gênero ter sido, durante muito tempo, restrita ao que hoje integra o estudo da estrutura composicional do gênero, ou seja, às sequências tipológicas pela qual o gênero é formado, deve-se ressaltar o fato de que tais sequências podem aparecer de forma bastante diversificada no decorrer do texto. Aliada à análise estrutural do texto, está a pesquisa do estilo coletivo e individual empregados na construção do gênero.

4.1.3 ESTILO

Todos os gêneros textuais apresentam um estilo específico, demonstrado pela forma em que o gênero se faz. Além do propósito comunicativo e das sequências tipológicas pelas quais se constitui, um gênero é determinado pelo estilo de linguagem, apresentação gráfica, suporte, e outros, que apresenta. Bakhtin (1997) explica que o estilo está indissolúvelmente ligado aos gêneros do discurso, apesar de nem sempre ser fácil sua identificação, principalmente no que tange ao estilo pessoal do autor que produz o gênero. Para Bakhtin, os gêneros do discurso literário são os mais propícios para esse fim.

Os menos suscetíveis de serem afetados pelo estilo individual são os gêneros altamente padronizados, como os relacionados à documentação oficial (ofícios e memorandos, por exemplo), e militares (como ordem do dia e lista de tarefas). Tais gêneros são considerados de “estilo elevado”. Na maioria dos gêneros, o estilo individual não entra na intenção do enunciado, sendo seu “epifenômeno”, ou produto complementar. Segundo Bakhtin (1997), há uma gama de gêneros cotidianos com formas tão padronizadas em que o querer-dizer individual do locutor quase que se manifesta apenas na seleção do gênero, como é o caso dos gêneros “fáticos”, felicitações, votos, etc.

Mas fora o estilo particular, há o estilo do próprio gênero. No entanto, a definição e distinção de um estilo geral do estilo individual requer um aprofundamento na natureza do enunciado e na diversidade dos gêneros do discurso. Segundo a teoria bakhtiniana, o estilo linguístico ou funcional é o estudo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana: “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos” (BAKHTIN, 1997, p. 283-284).

O estilo é vinculado a unidades temáticas determinadas e a unidades composicionais e está inserido como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso quer dizer que, apesar de ser possível e necessário um estudo especializado da estilística da língua, esse estudo deve partir da noção de inserção do estilo em determinado gênero discursivo, não à parte dele.

Segundo o autor, a separação entre estilo e gênero repercute de um modo nefasto sobre a elaboração de toda uma série de problemas históricos (Bakhtin, 1997). Assim, quando há estilo, há gênero e quando se migra um estilo de um gênero para outro provocam-se a destruição e renovação do próprio gênero¹¹.

¹¹ Essa consciência de Bakhtin a respeito da transmutação dos gêneros denota uma compreensão vasta acerca da problemática teórica que envolve a questão dos gêneros textuais. A questão da transmutação dos gêneros é

Bakhtin, *apud* Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), refere-se ao estilo como a característica basilar do tripé, “porque estilo e gênero são tão indissociáveis que se torna inviável um estudo do primeiro desvinculado do segundo”. Segundo a visão bakhtiniana, “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos (p. 284).

A questão estilística, seja ela individual ou coletiva, em determinado gênero mantém vinculação direta com a gramática: “Pode-se dizer que a gramática e a estilística se juntam e se separam em qualquer fato linguístico concreto que, encarado do ponto de vista da língua, é um fato gramatical, encarado do ponto de vista do enunciado individual, é um fato estilístico”. (BAKHTIN, 1997, p. 286).

Assim, o estilo é um aspecto fundamental para análise de qualquer gênero. A partir da perspectiva estilística busca-se averiguar as características e regularidades de um gênero e que permitem especificá-lo como tal. No caso dos gêneros do domínio jornalístico, analisados neste trabalho, o estilo coletivo é preponderante, mas permite intervenções pessoais que caracterizam estilos próprios. Muitos jornalistas são conhecidos pelo estilo que escrevem/narram seus textos, considerando o vocabulário, o emprego das normas gramaticais, a forma característica de condução de seus textos.

Abaixo, veremos como são os gêneros emergentes e a relação que mantêm com gêneros tradicionais.

4.2 OS GÊNEROS DA WEB

Se os gêneros textuais tradicionalmente já são de difícil enquadramento, quando se fala numa taxonomia dos gêneros textuais emergentes está se ingressando em um terreno íngreme e capcioso.

Alguns gêneros apresentam características muito claras que se definem por elas mesmas. O caso da notícia, por exemplo, na instância jornalística. O relato de uma história real, objetivo, claro e conciso é facilmente detectado por qualquer pessoa que leia, veja ou ouça uma notícia por meio de um determinado veículo de comunicação: jornal, TV, rádio – seus suportes.

largamente estudada nos dias de hoje, levantando novos questionamentos, inclusive no que se refere às mídias emergentes, às quais nos propusemos a tratar neste trabalho.

Da mesma forma, a bula de remédio também é facilmente compreendida como tal, e ainda que não estivesse dentro da caixa de remédio, seria identificada facilmente. Quem lesse as indicações, as contraindicações, as precauções e advertências, a posologia e possíveis reações adversas, concluiria que o que estivesse lendo se trataria da bula de algum medicamento.

É claro que por meio da intergenericidade, ou a mistura de gêneros, muito utilizada na publicidade, a situação se complexifica. E pode se ter, ao invés de uma bula de remédio, alguma propaganda de um produto, em forma de bula. Segundo Marcuschi (2008, p. 167), a estratégia publicitária é uma forma de reenquadrar um produto em um novo enfoque para que o consumidor veja mais nitidamente a peça publicitária, no “mar de ofertas de produtos”.

Excetuando a mistura de gêneros, ainda assim restam casos em que se torna complicada uma tipificação rígida a respeito da denominação e identificação de um gênero. Muito disso se deve à questão do suporte.

O suporte é o espaço que abriga/transmite o gênero. Marcuschi (2008, p. 174) define o suporte de um gênero como um “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Assim, a carta é um gênero, o papel é seu suporte. A notícia é um gênero, o jornal é o suporte. O romance, gênero e o livro, suporte.

Porém, há casos em que a distinção e a definição são mais complexas. Além dos suportes tradicionais como os mencionados, existem os que Marcuschi chama de suportes incidentais, como embalagens de produtos, para-choque e para-lamas de caminhão, roupas, corpo humano, paredes, entre outros.

O autor diferencia ainda os serviços em função da atividade comunicativa, no qual inclui correios, programa de e-mail, mala direta, *Internet* e *Home Pages* e sites. No caso dos dois últimos, Marcuschi relata sua dificuldade na tipificação, afirmando que a *Internet* é um caso-limite, que prefere tratar como suporte que alberga todos os gêneros possíveis, e quanto a *Home Pages* e Sites, o autor tende a definir site como suporte e *Home Pages* - as páginas iniciais dos sites – como gêneros, mas acredita em alguns casos serem classificadas como serviços.

Essa indefinição quanto à rigidez classificatória é bastante comum no caso dos gêneros emergentes, muito talvez devido à sua incipiência. Mas seriam eles os gêneros tradicionais, apenas enquadrados em outro suporte? Qual a situação de fenômenos como comunidades

virtuais e o recente microblog Twitter? E mais, sites e *blogs* são gêneros da Web ou suportes digitais?

Abaixo, tratamos desses temas com apontamentos sobre possíveis enquadramentos, deixando claro que essas questões ainda precisam ser bastante discutidas para alcançar uma sistematização adequada.

4.2.1 GÊNEROS DA WEB - INOVAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO?

A *Internet* possui recursos inovadores, é verdade, mas boa parte deles são desenvolvimentos naturais de recursos já utilizados há bastante tempo. Incorporadas às novas tecnologias, essas ferramentas se expandiram e foram aprimoradas, constituindo-se em novos gêneros/suportes/ambientes.

Na história, muitas foram as rupturas que mudaram as formas de pensar e agir na sociedade. Com a Web, as mudanças também são inegáveis. Acontece uma nova ruptura nas formas de relação humana, no trabalho e no ensino. Isso é fato. Mas também é fato que nada procede absolutamente do nada. A questão que surge então é, até onde as novas tecnologias derivam das já existentes? E o que é inovação no mundo digital?

Para Prado, Caminati e Novaes (2005, p. 25), as mudanças não tratam de mera sequência natural do que já havia: “A cultura digital representa um conjunto de transformações radicais na esfera social, e não uma mera conversão de artefatos analógicos para equivalentes digitalizados”.

Já Marcuschi (2002b, p. 5), apesar de reconhecer as alterações e impactos das novas tecnologias, defende que ideias de que o mundo se renova completamente a cada nova tecnologia não passam de uma ilusão fadada ao esquecimento. Segundo o autor,

“novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava” (MARCUSCHI, 2002b, p. 5).

Mas como negar mudanças tão fundamentais no modo de se comunicar, de se relacionar, de estudar e de trabalhar como as que a Web trouxe? As transformações acarretadas em campos como o da arte, com a diagramação digital; da música, com os áudios disponíveis gratuitamente na Web; e na própria linguagem, com a escrita própria da rede, são inegáveis.

Da mesma forma, não se deve desprezar a espécie de descendência que muitos recursos do ciberespaço mantêm com seus antecessores analógicos. No que respeita aos gêneros textuais, isso é muito evidente. Segundo Marcuschi (2002b, p. 1), as novas tecnologias digitais propiciaram a criação ou a recriação de gêneros: “não são muitos os gêneros emergentes nessa nova tecnologia, nem totalmente inéditos”.

Apesar de se mostrar como uma grande novidade da Web, o hipertexto pode ser uma espécie de descendente de escritas não lineares muito antigas. Segundo Lévy (1993), o hipertexto retoma e modifica interfaces da escrita como a nota de rodapé e a bibliografia, nos livros, e a remissão nas enciclopédias e dicionários. No entanto, é na Web que temos um modelo exemplar no que tange a leituras não lineares, como fazem os hipertextos ou hiperfídias.

Nessa lógica, as *Home Pages* mantêm relação com a primeira página dos jornais; os *emails*, ou correios eletrônicos, com as cartas pessoais; o hipertexto, com as notas de rodapé; os bate-papos virtuais, com as conversas tradicionais, e os *blogs*, com os diários virtuais e, como veremos, também com o jornal.

4.2.2 QUAIS SÃO OS GÊNEROS E SUPORTES EMERGENTES?

Os gêneros da Web são diversos e ainda há muita discussão a respeito do que pode ser considerado um gênero ou não, ou ainda, o que se caracteriza mais como um suporte de gêneros do que propriamente um gênero textual específico.

Nós selecionamos alguns gêneros e suportes surgidos na Web, os quais entendemos como os principais. São eles:

4.2.2.1 Gêneros

E-mail ou correio eletrônico: O termo é uma redução de *electronic mail* e surgiu como um serviço em 1972/3 nos EUA. O e-mail pode designar o próprio endereço eletrônico, com seu respectivo provedor, como por exemplo, *dissertacao@ufms.br* e o programa *Outlook*, ou ainda pode denominar a mensagem que se envia pelo correio eletrônico. No primeiro caso, seria caracterizado mais como suporte, tal como o correio, pois é o meio que envia a mensagem/e-mail ao destinatário, comportando os mais variados gêneros. Já como

mensagem, geralmente é comparado à carta, ou bilhete, pois segue alguns padrões desses gêneros tradicionais na estrutura da mensagem e é eminentemente assíncrono.

É um gênero do domínio discursivo Interpessoal (Marcuschi, 2008), ou Eletrônico/Digital (Costa, 2008), e, assim como na carta, as sequências tipológicas utilizadas são bastante variadas. Desde a Injuntiva, Narrativa e Expositiva, a Argumentativa, usada geralmente em respostas, passando por sequências descritivas e relatos, podendo várias delas estarem presentes no mesmo e-mail.

É iniciado necessariamente pelo e-mail do remetente e, em seguida do destinatário, embora possa ser enviado com cópias abertas ou ocultas, para uma ou várias pessoas ao mesmo tempo. A data e horário de envio e de recebimento são preenchidos automaticamente. Como nas cartas, geralmente o e-mail é iniciado por um cumprimento com vocativo, seguido do conteúdo da mensagem e finalizado com uma despedida e a assinatura do remetente. Pode ser enviado com links e anexos de documentos, imagens, sons e, em alguns casos, vídeos. O e-mail pessoal segue a linguagem coloquial, já e-mails profissionais são mais cultos e formais, como em documentos institucionais.

Chats ou Bate-papos virtuais¹²: O termo vem do inglês “conversa” e é também relacionado a gêneros tradicionais, nesse caso, a conversação/diálogo ou entrevista. Assim como o e-mail pode denominar o suporte do gênero, para a conversação via computador, a sala de bate-papo ou o provedor, por exemplo, Uol, também são considerados suportes. O chat é, assim como o e-mail, um dos gêneros mais usuais das mídias digitais. Esse gênero é caracterizado pela instantaneidade das respostas, pois é realizado sincronamente, e faz parte também das instâncias Interpessoal ou Eletrônico/Digital.

Os *chats*, por maior semelhança que possuam com a conversação e, algumas vezes, com a entrevista, dispõem de marcas bem específicas, como a utilização de múltiplas formas textuais (escrita, imagética e em áudio/vídeo), a alta velocidade das conversas, abreviações e a própria inter-relação entre oralidade e escrita. Pela variedade de conversas, todas as sequências tipológicas podem ser encontradas nos bate-papos, sendo mais usual as injuntivas, descritivas e argumentativas.

¹² Marcuschi (2008) distingue os chats em: aberto, reservado, agendado, privado e aula chat, como diferentes gêneros. Aqui estabelecemos apenas o gênero Chat ou Bate-papo virtual, considerando os mencionados acima formas diferentes do mesmo gênero.

As mensagens trocadas em chats têm sido bastante estudadas no meio acadêmico, devido às suas peculiaridades linguísticas: abreviação, alongamentos, excesso de pontuação, uso de *emoticons*¹³. São características que podem ter sido criadas para atenuar os efeitos do bate-papo à distância, ou seja, visando à aproximação do usuário que está do outro lado, configurando estratégias para “forjar” gestos e expressões comuns na interação face a face.

Os *chats* são geralmente divididos em salas dos mais variados temas, como por localidade (país, cidade, região); idade; sexo e preferências sexuais (homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais); religião; profissões; hobbies (cinema, novelas, esportes, moda); entre outros. Os chats ainda podem ser reservados, agendados, chats aula. Há casos também em que os chats são utilizados para uma espécie de entrevista coletiva, no qual todos os participantes da sala direcionam perguntas para uma personalidade (artista, psicólogo, nutricionista, professor, etc), muito comuns depois de programas televisivos. Nesse caso, comumente há um moderador, filtrando as perguntas ao entrevistado. Os *chatters*¹⁴ possuem um *nickname*¹⁵, com o qual se identificam para os demais participantes.

Aulas virtuais: Equiparadas às aulas tradicionais, as aulas virtuais são caracterizadas pela não limitação espacial e, assim, podem ser dadas em turmas formadas por alunos de diferentes cidades, estados e, em alguns casos, países. É um gênero instrucional, no qual as tipologias mais comumente utilizadas são a expositiva e argumentativa. As aulas são geralmente assíncronas, embora possam ser utilizadas videoconferências ao vivo e acompanhamento instantâneo do professor. São utilizados e-mails e chats para as conversas e avaliações, e a Aula Chat dispõe de recursos multimídia, como textos escritos, em áudio e vídeo, além de filmes, fotografias, slides e outras animações. Podem ou não fazer parte de um grupo de EAD (educação a distância).

Fóruns ou Listas de discussão: Preferimos aqui não fazer distinção entre ambos. São fóruns realizados via *Internet* para discussão de determinado tema. Podem ser acessados via e-mail ou em uma *Home Page*. Funcionam como debates presenciais, mas seguem o padrão de linguagem do Internetês. É um gênero Interpessoal, no qual predomina a argumentação.

Banner virtual: Os banners são anúncios publicitários, feitos na Web geralmente em sites com grande visitação. Utilizam a multimídia da rede, fazendo uso de áudios,

¹³ Ícones de emoção, as famosas carinhas dos bate-papos que expressam emoções em forma de imagens: ☺ :* : (

¹⁴ Como são conhecidos os usuários de Chats.

¹⁵ Apelido.

imagens e textos curtos, com predominância dos últimos, já que geralmente são compulsórios, ocupando um espaço privilegiado, o que nem sempre é bem visto pelo visitante da página. Por isso, muitos são retirados alguns segundos depois de a *Home Page* ser aberta. Comumente funcionam como links ou hipertextos que redirecionam o internauta para o site do produto/empresa divulgado. Podem ser enquadrados também como suportes, tal como o folder, mas no caso do banner virtual, a utilização é mais restrita a anunciar produtos e marcas, sendo pouco utilizado para outros fins. Por isso, acreditamos que se enquadre melhor como gênero.

4.2.2.2 Suportes

Sites e *Home Pages*: O site é um grande documento na Web, em formato HTML, que utiliza todos os recursos que o meio digital propicia e que pode reunir várias páginas. Sua página principal é a *Home Page*. Tanto o site completo como sua *Home Page* são classificados como gêneros e como suportes. Marcuschi (2008, p. 186), apesar de afirmar que a *Home Page* seria um gênero bem estabelecido e o site um suporte, declara mais à frente que parece claro que a *Home Page* institucional carrega uma série de gêneros. No caso de sites de servidores como o Uol, o autor acredita tratar-se de serviços ou suportes de suportes, pois reúnem revistas, jornais e livros. Defendemos que se encaixam melhor como suportes, pois, em sua maioria, congregam variados gêneros, desde textos jornalísticos e científicos a tirinhas, receitas culinárias, informações meteorológicas, ferramentas de busca, links para e-mails e outros sites. São definidos também como ambientes, na mesma concepção de suportes.

Blog: Os *blogs*, semelhantes aos sites e *Home Pages*, encaixam-se mais como suportes ou ambientes de gêneros do que como um gênero, análogo ao diário virtual, como foi diversas vezes classificado. Optamos, porém, em tratar essa discussão mais aprofundadamente no item 4.3, exclusivamente reservado aos *blogs* – tema deste trabalho.

4.2.2.3 Páginas de classificação polêmica

Apesar dos gêneros e suportes acima também serem alvos de polêmica para classificação, os ambientes/ferramentas/recursos abaixo pouco foram estudados e, por isso, ainda devem render muitas discussões a respeito de uma identificação mais adequada. Como

não há uma opinião formada a respeito, apresentamos esses casos e suas características, sem fazer qualquer proposta mais categórica a respeito das suas classificações.

1. Wikis: As Wikis são páginas colaborativas nas quais todos os usuários podem inserir e editar as mensagens que são publicadas. Citamos, ao tratar do Internetês, duas das mais conhecidas páginas Wiki, a Wikipédia e a Desciclopédia. Não classificamos as Wikis como suportes, assim como os sites, pois eles são um tipo de site, que pelo seu padrão comunicacional, relativamente estável, poderia ser classificado também como um gênero. Pelo fato de todos poderem inserir e editar informação, a credibilidade das páginas Wiki é bastante questionada.

2. Comunidades Virtuais: Grande fenômeno da Web, as comunidades virtuais são responsáveis em grande parte pela democratização e atratividade da *Internet*. Não só adolescentes, mas principalmente eles, aportaram na rede devido a alguma comunidade virtual. Casos como Orkut, no Brasil, e Facebook, no mundo, são fenômenos que envolvem uma grande rede de relações que reúnem centenas de milhões de pessoas. Têm como objetivo serem ambientes para criação e manutenção das relações sociais e, apesar de não serem síncronas, as mensagens são respondidas, muitas vezes, instantaneamente, devido aos usuários estarem constantemente *online*. São também páginas da Web, portanto, suportes de gêneros como recados, conversações, convites, anúncios, horóscopo, etc., em versões de áudio, vídeo e texto. Porém são um tipo de site, que unem muitas páginas pessoais, com o mesmo objetivo e o mesmo padrão o que, de certa forma, poderia caracterizá-las como gêneros emergentes.

3. Twitter: O twitter é um microblog recém-criado, mas que já é fenômeno na rede. “É uma fonte rica de informações instantâneas”, segundo o próprio Twitter. Personalidades do universo político, artístico, jornalístico, esportivo, entre outros, possuem seu twitter, além é claro, da massa de anônimos que dá maior dimensão quantitativa ao microblog. A principal diferença para as comunidades virtuais já conhecidas é a quantidade de caracteres da mensagem: 140. Ou seja, todas as mensagens trocadas no Twitter têm até 140 caracteres, entre letras, espaços, números e outros, presentes nos teclados. O objetivo é o mesmo: escrever, ou *twittar*, e acompanhar o que o outro escreve ou *twitta*, seguindo-o. É mais um caso de um site que reúne diversas outras páginas pessoais, com o mesmo propósito comunicativo, estilo e estrutura.

4.3 BLOG, UM GÊNERO OU UM SUPORTE?

Sendo a história dos *blogs* algo extremamente recente e ainda nos primeiros passos, só muito recentemente eles despertaram interesse como objeto de pesquisas científicas. Uma das áreas na Linguística que se tem dedicado à análise e à compreensão dos *blogs* é a teoria dos gêneros textuais, aporte teórico definido para este trabalho.

Mesmo na teoria dos gêneros, no entanto, não há consenso em relação aos *blogs*. Para uns, é considerado um gênero digital, um desenvolvimento dos diários pessoais dos adolescentes; para outros, é um ambiente ou um suporte que congrega os mais diferentes gêneros, à semelhança de um jornal. Neste espaço apresentamos uma discussão, levantando os principais argumentos para o enquadramento do *blog* e, em seguida, a posição assumida por nós nesse sentido.

O *blog* é visto por alguns autores como um gênero textual, advindo do diário pessoal. Komesu (2004), em artigo intitulado “Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet”, explica que a ferramenta Blogger não foi criada para ser um diário digital, mas foi assim que foi amplamente empregada. A autora cita a definição de *blog* dada por dois dos maiores sites brasileiros destinados à produção de *blogs*:

O Blog é um diário digital na internet que pode ser visto por qualquer pessoa. [BliG – o blog do iG – <http://blig.ig.com.br>].

Weblog é um diário virtual, onde você poderá disponibilizar pensamentos, ideias e tudo o que você imaginar na internet. [WebloggerBrasil - <http://weblogger.terra.com.br>]. (KOMESU, 2004, p. 110)

Mas, segundo Komesu (2004, p. 111), as diversas possibilidades e ferramentas existentes no *blog* o diferenciam do diário pessoal:

Os blogs possuem, portanto, características diferenciadas dos diários tradicionalmente escritos. Acredito que não se deve associá-los porque são acontecimentos discursivos distintos, cuja materialidade advém de ‘gêneros do discurso’ também distintos. (KOMESU, 2004, p. 111)

Segundo a autora, não se pode perder de vista a dimensão heterogênea que a noção de gênero implica. Ela considera que a proximidade de *blogs* à prática diarista se deve à projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais.

Apesar disso, a autora defende a classificação dos *blogs* como um gênero, considerando que quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista: “O aparecimento dos blogs é ainda bastante recente; como atividade humana, apóia-se em gêneros ‘relativamente estáveis’, já consagrados, para sua composição. Pode-se,

assim, identificar traços do gênero diário na constituição dos blogs” (KOMESU, 2004, p. 111).

Em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, Costa (2008, p. 11) declara que utilizou para a seleção dos verbetes, o princípio bakhtiniano da diversidade ou heterogeneidade dos gêneros, compilando assim, desde gêneros escritos e orais clássicos, a verbetes ou artigos de gêneros emergentes como os do discurso eletrônico/digital, “ainda geradores de polêmica classificatório-tipológica”.

No verbete “Blog (v. agenda, diário, diário digital, *fotoblog*, jornal)”, Costa (2008) define *blog* como:

[...] jornal/diário digital/eletrônico (v.) pessoal publicado na *Web*, normalmente com toque informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. Blogs geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses, gostos, opiniões e um relato de suas atividades. Portanto, geralmente são simples, com textos curtos, predominando os narrativos (relatos), descritivos e opinativos. O blog é um gênero discursivo da autoexpressão, isto é, da expressão escrita do cotidiano e das histórias de pessoas comuns. (COSTA, 2008, p. 42-43).

Marcuschi (2002b), no artigo “Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital”, cita onze gêneros, o *blog* não é mencionado. Isso demonstra a prudência do autor em relação ao tema. No livro publicado em 2004, em co-autoria com Antônio Carlos Xavier, o *weblog* é inserido como 12º gênero, mas não sem ser explicitado o cuidado necessário em relação à sua classificação como um gênero.

Os autores explicam que a primeira versão não continha esse gênero e é com certo receio que foi introduzido na publicação, “pois o seu desenvolvimento nos últimos anos levou-o a uma grande semelhança com a *Home Page* que não é um gênero” (MARCUSCHI e XAVIER, 2004, p. 29).

Segundo eles, o *blog* tem uma história, uma função específica e uma estrutura que o caracterizam como um gênero, “embora extremamente variados nas peças textuais que albergam”. Os *blogs*, ou diários virtuais, são definidos como: “diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações em geral muito praticados pelos adolescentes em forma de diários participativos”. (idem)

Já em 2008, o *blog*, já incluso como 12º gênero, aparece nos gráficos de gêneros da Comunicação Digital, no entanto, é excluído do gráfico Participação Interativa entre Indivíduos, que reúne os onze primeiros. Marcuschi (2008, p. 206) faz uma observação sobre a omissão, mas não a justifica, apenas definindo *blogs* como um tipo de diário eletrônico,

escrito em duplas ou n-tuplos de participantes “que colaboram para construir um texto sempre em evolução”.

De acordo com nossa compreensão sobre o assunto, o *blog* se enquadra como suporte de variados gêneros textuais, indo além de um gênero específico. Assumida essa posição, detalharemos abaixo os argumentos que julgamos pertinentes a respeito dessa polêmica teórico-classificatória.

4.3.1 O *BLOG* COMO UM AMBIENTE DE GÊNEROS

Contrários à visão do *blog* como um diário pessoal digital, muitos autores, assim como nós, defendem que ele já ultrapassou esse limite. Abrão (2007), em seu artigo “Interação no Meio Virtual: A Constituição de Múltiplos Gêneros no Ambiente Blog”, afirma que o *blog* é um ambiente virtual que hospeda um conjunto de gêneros distintos, sendo o diário virtual um deles.

Segundo ele, “ao contrário do que fala a literatura”, há na blogosfera usos além das práticas diaristas, constatação que o leva a sugerir que “é mais adequado considerar o *blog* como um ambiente digital que proporciona o surgimento de múltiplos gêneros discursivos”. (ABRÃO, 2007, p.15).

Em concordância com isso, no artigo “Blog, mais um gênero do discurso digital”, Ana Cláudia Pereira (2007, p. 517) afirma que “o *blog* já extrapolou a função de ‘diário virtual’ para cair no gosto de pessoas de diversos segmentos da sociedade”. A autora, depois de pesquisar os *blogs* que constam na lista de preferidos em provedores como Uol e Blogger, defende que as formas composicionais e estilísticas para expressar as ideias dos blogueiros são bastante variadas e destaca:

Assim, minhas navegações têm ido contra a posição de que este espaço de comunicação tem uma estrutura determinada, rígida, que o transformaria em mais um gênero do discurso (digital). Se utilizamos a linguagem a partir de interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados linguísticos se realizarão de maneiras diversas, inclusive num mesmo espaço (PEREIRA, 2007, p. 519).

Sobre essa comparação, Primo (2008, p. 122) afirma que a popularização dos *blogs* fez com que logo se buscasse encontrar um meio ou um gênero anterior que contivessem pistas para a compreensão dessa nova modalidade de escrita, e aí “a comparação com diários pessoais encontrou consenso com rapidez”.

Sua hipótese é que a confusão de classificar *blog* como diário virtual deve-se aos diferentes usos da palavra *blog*. Segundo ele, *blog* é usado tanto para definir um programa (“Parei de usar o Blogger. Instalei o Wordpress”), um espaço (“Não encontrei seu blog no Google. Qual o endereço dele?”) e um texto (“Li ontem o seu blog e gostei do que você escreveu”).

Para Primo (2008, p. 123), “blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são frequentemente definidos”, são “espaços coletivos de interação”. E enfatiza que entre diários pessoais e blogs há características muito distintas que prejudicam sua equiparação. “Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal”.

Barbosa e Granado (2004, p. 7) afirmam que a ideia do diário pessoal, apesar de ser a que comanda, não pode ser generalizada. “A versão intimista, na encruzilhada do *voyeurisme* com o exibicionismo, constitui apenas uma das modalidades de blogs”. Os autores ressaltam que com os *blogs* é possível alimentar redes de solidariedade, e podem ser instrumentos úteis em áreas tão diversas como a educação e a ciência, o jornalismo e a comunicação empresarial, o desporto e a economia, as artes e as letras.

Coutinho e Junior (2007, p. 201) opinam da mesma forma, afirmando que mesmo a imprensa insistindo em considerar os *blogs* “meros diários online, reduzindo-os a ferramentas de publicação individual e de celebração do ego”, o fato é que constituem “espaços fundamentais de interação e partilha do conhecimento”.

Ou ainda, como defende Cervera (2006):

Lo que ha ocurrido es que estas limitaciones estructurales han acabado transformando la rígida estructura simplificada en un género en sí mismo. Lo que se diseñó como ineludibles recortes para hacer más fácil la publicación ha sido convertido por millones de practicantes en un modo propio y reconocible de expresión, con sus convenciones y particularidades, que ha resultado estar especialmente bien adaptado a la estructura de la información en la World Wide Web. (CERVERA, 2006, p. 12)

Da nossa parte, acreditamos que a qualificação de *blog* enquanto gênero textual, tomando por base sua semelhança com os diários pessoais, é bastante reducionista. É fato que muitos *blogs* seguem realmente essa tendência e foi com esse caráter que ele foi disseminado, no entanto, com sua expansão significativa não cabe mais generalizar *blog* como sendo um diário virtual.

O *blog internetey.net* elaborou em 2007 uma lista dos 100 *blogs* brasileiros mais populares, segundo o ranking do Technorati, ferramenta de busca na *Internet*, especializada na busca por *blogs*. Na lista, há *blogs* com tirinhas, fotos, comentários, dicas de jogos, publicidade e outros na mesma página.

Os muitos temas discutidos num *blog*, mesmo que pessoal, são em grande parte das vezes descritos nos mais diferentes formatos. Se considerarmos ainda *blogs* corporativos ou literários, por exemplo, veremos claramente seu aspecto de ambiente congregador de gêneros tal qual o jornal. Concordando com Marcuschi e Xavier (2004), a nosso ver, os *blogs* assemelham-se, diversas vezes, muito mais com sites convencionais, como qualquer outra *Home Page*.

Seguindo a atual definição do Blogger, conhecido provedor de *blogs*, temos:

O blog é uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrange [sic] uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, ideias, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir.

Segundo Marcuschi e Xavier (2004), a principal diferença entre um *blog* e uma *Home Page* é o fato de aquele poder ser atualizado facilmente em forma de diário datado e circunstanciado. No entanto, o *blog* parece aproximar-se mais dos jornais, que também são datados e circunstanciados, considerando que tratam de assuntos do mundo todo, não só da vida pessoal.

Sobre a *Home Page*, Marcuschi (2002b, p. 11-12) afirma que não a trataria como gênero, mas como suporte, pois ela “não passa de um ambiente específico para localizar uma série de informações”, sendo caracterizado como um serviço eletrônico. Para o autor, “uma *Home Page* não passa de um catálogo ou uma vitrine pessoal ou institucional”.

A nosso ver, os *blogs* também devem ser considerados, generalizadamente, assim como *Home Pages*, ambientes de gêneros, sendo adotadas classificações - como as já existentes - baseada nas temáticas que possuem. O *blog* em formato de diário pessoal seria uma dessas subclassificações.

Muitos *blogs* na *Internet* assemelham-se a jornais diários ou cadernos desses periódicos, constituindo-se em ambiente de gêneros. É o que ocorre com a maioria dos *blogs* jornalísticos - ricos em artigos e análises críticas, notícias e comentários sobre veiculações da mídia; *blogs* humorísticos - que privilegiam *post* de imagens, caricaturas e vídeos de humor -

como uma seção em um jornal ou revista; *blogs* sobre um determinado momento na vida, como relativos a casamento, maternidade e vida em família – que trazem opiniões, conselhos, dicas e listas; *blogs* sobre áreas como jardinagem, profissões, estudos e pesquisas.

Esses são alguns exemplos de uma variedade muito maior de *blogs*, temáticos ou não, que perfazem uma multidão de formatos análogos a jornais e cadernos de periódicos. Nas escolas de jornalismo, é comum ouvir que, caso queira escrever o que se pensa e sobre o que quer, deve-se montar um jornal. Muitos, mesmo fora do ambiente jornalístico, estão montando seus próprios espaços de veiculação de informação: os *blogs*.

A seguir, para corroborar essa hipótese que defendemos – do *blog* como suporte de gêneros, apresentamos uma análise de um *blog* temático, único a abordar a fronteira Brasil/Paraguai como tema central: o Sopa Brasiguaia (www.sopabrasiguaia.blogspot.com). O Sopa segue um formato de um jornal diário, com notícias jornalísticas inéditas, previsão do tempo, colunas, entre outros gêneros, apesar de não possuir a variedade de gêneros que um periódico apresenta e nem se intitular como tal.

“As pessoas que conhecem a fronteira apenas por suas viagens de compras não conhecem o verdadeiro Paraguai. Quem conhece Ciudad del Este no horário de compras não imagina como é a cidade depois que os turistas vão embora.”

Fernando Roberto Varnier Fernandes – autor e mantenedor do *blog* Sopa Brasiguiaia

5. CONFERINDO A RECEITA: ANÁLISE DO *BLOG* SOPABRASIGUAIA

5.1 A ORIGEM DO PRATO

Um exemplo de *blog* que pode ser classificado como informativo ou jornalístico, apesar de não ser escrito por jornalistas, é o *blog sopabrasiguaia.blogspot.com*. O Sopa foi o “primeiro *blog* informativo dedicado à movimentada fronteira Brasil/Paraguai”, segundo informações do próprio *blog*.

Seguindo a categorização de Medina (2001), grande parte dos jornais brasileiros divide os gêneros textuais nas suas páginas como Informativos – relato dos fatos da maneira mais objetiva possível; Interpretativos – há a interpretação dos fatos, além da informação; Opinativos – há a expressão de um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos e os de Entretenimento – há informações com o objetivo de distrair os leitores.

Na Web, há muitos *blogs* que apresentam informações no formato dos gêneros da esfera jornalística, mas na maioria dos casos não são inéditas. Boa parte dos *blogs* de jornalistas e outros poucos fora dessa área produzem os textos, os demais se detêm em replicar conteúdos transmitidos pela grande mídia e/ou veiculados em outras páginas da Web.

No caso do Sopa, ocorre o oposto. O conteúdo é produzido especificamente para o *blog* e outros veículos – alguns em parcerias – publicam as informações postadas no Sopa. O *blog* também utiliza muita informação de sites de notícias e jornais impressos, mas, diversamente da maioria, trabalha e assina os textos. Assim, o *blog* não apenas replica notas já divulgadas pela imprensa, mas re-edita os textos, comenta-os e, às vezes, insere-lhes novas informações, utilizando outros veículos de comunicação como fontes.

Lançado em 27 de novembro de 2005, o “Sopa” é mantido pelo turismólogo Guilherme Dreyer Wojciechowski e pelo administrador e professor Fernando Roberto Varnier Fernandes (entrevista com autores nos anexos 1 e 2), com colaborações. Ao completar cinco anos, em novembro de 2010, o *blog* divulgou ter atingido cerca de cinco milhões de acesso e 16 mil postagens com “notícias e curiosidades da fronteira Brasil / Paraguai”.

Segundo informações disponíveis no *blog*, o Sopa recebe em média três mil visitantes por dia, gerando um tráfego de até 10 mil visualizações de página/dia. O público que acessa o

blog é composto eminentemente de brasileiros, que somam 88% dos visitantes, seguidos por paraguaios (9%) e os outros 3% são internautas de outros 79 países.

Apesar de os autores não serem jornalistas formados, assumem essa função nos textos, em que seguem eminentemente o padrão jornalístico. Diferentemente de muitos *blogs*, o Sopa Brasiguaia disponibiliza notícias produzidas pelos “cozinheiros da Sopa” – os blogueiros Guilherme e Fernando, especificamente para o *blog*, produzido na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. O nome da página faz referência à “Sopa Paraguaia”, alimento popular no Paraguai e em sua fronteira com o Brasil.

Devido à repercussão conseguida, o Sopa Brasiguaia obteve citações, ganhou prêmios e fez parcerias. Ainda conforme o *blog*, em 2006 e 2007, fez parte da Seleção Oficial do concurso cultural “Coke Ring”, promovido pela Coca-Cola, figurando no “Top 10” da categoria “Entretenimento” nos dois rankings quinzenais do mês de setembro de 2006.

Em setembro de 2007, o *blog* foi indicado pelo jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, em sua edição do dia 16, como um dos 50 melhores do mundo para os leitores que querem entender melhor o planeta.

Durante três anos, de agosto de 2007 a agosto de 2010, o *blog* manteve parceria com as rádios Band News FM Curitiba (96,3 MHz), com flashes ao vivo. Desde setembro de 2010, está nas ondas da CBN Foz do Iguaçu (AM 1320 KHz). Há boletins diários, também, na programação noticiosa da AM 1060, de Curitiba. O Sopa ainda fez parceria com outras rádios, como as emissoras WESX AM (Boston – EUA), Cidade FM (Bella Vista Norte – Paraguai) e Guaicurus FM (Porto Murtinho – MS). Na *Internet*, o Sopa Brasiguaia divulga ainda conteúdos em uma coluna diária no portal Paraná Online.

O Sopa Brasiguaia se enquadra como um ambiente ou suporte no qual aparecem os mais diferentes gêneros textuais. Trata-se de um *blog* com aspectos de site, com página principal e menus, links para as dez sessões que possui. O fato de o *blog* possuir hospedagem gratuita – em um serviço de gerenciamento de *blogs* - e ser de fácil manipulação é um dos principais motivos de não se configurar por completo como um site.

5.2 DESCRIÇÃO DA RECEITA

O Sopa Brasiguaiá tem uma apresentação inicial bem simples, o que facilita de certa forma a navegação. Atualmente¹⁶, o *blog* é apresentado nas cores vermelho e preto, mas já teve um layout baseado nas variações cromáticas azul, vermelho e branco – cores da bandeira paraguaiá. A página traz informações bem diferenciadas, desde as dez colunas principais – que são eminentemente informativas, com uma dose de humor – até informações sobre o clima e guia de compras no Paraguai, percorrendo diversos gêneros. (Figuras 1 e 2)

A todo momento, caso o usuário se perca no *blog*, é possível retornar à página principal clicando no nome. Esse é um recurso muito útil, ainda desprezado por alguns *blogs* e sites da *Internet* e comum em sites jornalísticos. A grande quantidade de recursos hipertextuais na Web tende a criar um labirinto de informações, fazendo com que o usuário nem sempre encontre o que procura e se perca nesse “trajeto” em busca da informação que procurava. O fato de deixar “à mão” a possibilidade de retornar ao início da página é bastante útil nesse sentido.

A forma simples da disposição das postagens e a repetição dos links principais, em várias seções, facilitam a pesquisa e a navegação. Assim, embora seja um *blog* que classificamos como de fácil navegação, é rico no que se refere à variedade de gêneros e conteúdos conectados.

Há também o campo Busca, no início da página à direita. Bastante extensa, as páginas do *blog* fazem com que o internauta precise utilizar muitas vezes a barra de rolagem para chegar até o fim, o que pode atrapalhar a navegação. Mas essa característica é usual em *blogs*, pois inserem conteúdo constantemente em uma ordem cronológica inversa. Deixar os conteúdos no final da página é uma forma de evitar que o usuário necessite buscar nos documentos arquivados.

No topo da página aparecem quatro *menus*¹⁷: “Sobre o Sopa”, com informações gerais sobre o *blog*; “Expediente”, com nomes e dados dos mantenedores e colaboradores do *blog*; “Seja Parceiro”, com informações para estabelecer parcerias com o *blog* seja divulgando o conteúdo ou comprando espaços publicitários (serviço oferecido a partir de setembro de

16 27 de dezembro de 2009, data da pesquisa.

17 Menu: lista exibida na tela do computador e cujos itens representam comandos de um programa, dentre os quais o usuário pode escolher uma opção. (FERREIRA, 1999)

2010); e o espaço “Contato” com endereços de e-mails, do microblog twitter e da comunidade social Orkut do *blog* e de seus autores. Abaixo do nome Sopa Brasiguaiá aparece a frase “Notícias da Fronteira Brasil/Paraguai”, e, em seguida, dez colunas: 1ª Página, Compras, Fronteira, Policial, Economia, Política, Esportes, Diversos, Coluna, e Vídeos.

Figura 1 – Layout anterior do Sopa Brasiguaiá



Fonte: site www.sopabrasiguaiá.blogspot.com. Junho de 2009.

Figura 2 – Layout Atual do Sopa Brasiguaiá



Fonte: site www.sopabrasiguaiá.blogspot.com. Dezembro de 2010.

Além dos *menus* das colunas, há links para outras páginas da Web. Há conexões para:

- Os sites parceiros CBN e Paraná Online;
- Os últimos conteúdos inseridos no *blog*;
- As editorias, que repetem os menus principais, com exceção do 1ª página e Colunas, substituídos pela Roda de Tererê e As 10+ da Imprensa Paraguaia;

- Arquivo, com as postagens diárias do *blog*;
- O *blog* pessoal de Guilherme Wojciechowski, o “Blog do Guilherme”

Os “Links da fronteira”, com links para sites de notícias do Paraguai e do Brasil; sites de turismo na fronteira e no Paraguai; páginas de cotação de moeda, previsão do tempo e Aduana Brasileira; e sites de compras no Paraguai.

No final, o *blog* disponibiliza links de notícias buscadas no Google sobre a fronteira Brasil-Paraguai.

Em cada *menu* há uma compilação de gêneros, predominantemente da esfera jornalística e não há qualquer conteúdo com referência a um diário íntimo.

5.3 PARA ENCORPAR: MISTURA DE GÊNEROS

O Sopa, como muitos *blogs*, dá espaço para diferentes gêneros. Em suas colunas, é possível encontrar desde notícias a dicas de compras e de sites relacionados, assim como cópias de leis, pensamentos e frases do dia e, é claro, os comentários dos internautas. Dessa forma, a análise de gêneros nos configurou como a ideal para a compreensão do *blog* como ambiente plural na Web e o entendimento do Sopa Brasiguai em seus aspectos formais e funcionais. Segundo Marcuschi (2008), a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral.

Em meio a tanta diversidade de gêneros contidos no Sopa, definimos para a análise um recorte metodológico entre os gêneros do domínio discursivo predominante do “Sopa”: o jornalístico. Assim, seguem análises dos gêneros Comentário, Enquete, Previsão do Tempo, Notícia, Nota e *Fait Divers*. Com foco para o gênero Notícia, do qual derivam a nota e o *fait diver*. Os gêneros foram analisados com base nos três aspectos definidos na teoria bakhtiniana como fundamentais para análises desse tipo, isto é: o Conteúdo e Propósito Comunicativo, a Estrutura Composicional e o Estilo; antes de cada gênero é apresentado ainda o assunto e características essenciais do texto representante do gênero analisado.

O propósito comunicativo dos gêneros analisados corresponde à temática comum aos gêneros do domínio discursivo jornalístico. Fiorin (2005) explica que os gêneros são organizações relativamente estáveis caracterizadas por uma temática, uma forma

composicional e um estilo. O autor diferencia temática, ou propósito comunicativo, do assunto tratado em cada texto que constitui um gênero textual:

A temática não é o assunto de que trata o texto, mas é a esfera de sentido de que trata o gênero. Assim, numa conversa de amigos, a temática são os acontecimentos de nossa vida mesmo íntima; numa oração, a temática é o agradecimento ou a súplica a Deus ou aos santos; numa carta comercial, a temática é o tratar de um negócio; num requerimento, a temática é um pedido a uma autoridade pública. (FIORIN, 2005, p.102).

Dessa forma, o propósito comunicativo dos gêneros analisados é, portanto, informar e/ou formar uma opinião no leitor/espectador. Isso porque o domínio discursivo jornalístico é justamente caracterizado pela intencionalidade de informar, relatar fatos e, em alguns casos, formar uma opinião (no caso dos gêneros considerados “opinativos”, como o editorial, carta do leitor e artigos).

Nos casos de gêneros como a notícia, o *fait diver*, a previsão do tempo e outros, a predominância é do aspecto informativo, enquanto que em gêneros como o comentário e a enquete, se sobrepõem os aspectos opinativos.

5.3.1 COMENTÁRIO

Para iniciar um estudo de gêneros em um *blog*, nada melhor do que dar preferência a uma das principais características desse suporte: o comentário. Como já foi discutido em tópicos anteriores, o comentário é parte integrante de um *blog*, pois ele é a demonstração material da participação e da inter-relação existente entre os autores e os leitores da publicação. Os comentários são a prova do “todos para todos”, defendido por Lévy.

Em sua classificação dos gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades, Marcuschi (2008) elenca o Comentário entre os gêneros do domínio discursivo jornalístico e instrucional; no Sopa, o comentário é usado nas duas concepções. Costa (2008) define o gênero Comentário como aquele:

usado tanto na escrita quanto na oralidade, refere-se a um conjunto de notas ou observações, esclarecedoras ou críticas, expositivas e/ou argumentativas, sobre quaisquer assuntos, ou seja, são análises, notas ou ponderações, por escrito ou orais, críticas ou de esclarecimento, geralmente curtas, acerca de um texto, um evento, um ato, etc. No cotidiano, é muito comum o caráter mais ou menos malicioso ou malévolo que se dá aos atos ou palavras de outrem. (COSTA, 2008, p. 64).

No Sopa Brasiguaiia a coluna Compras é a que possui maior número de comentários dos internautas. Na coluna, há 229 comentários¹⁸. O primeiro data de 04 de novembro de 2006 e o último, até a data da pesquisa, é de 21 de abril de 2010.

O espaço é utilizado para uma interação entre visitantes e autores, que têm nos comentários mais um canal para interlocução com seus destinatários. A troca de mensagens é feita também via e-mail, twitter e comunidades sociais. Devido à utilização do comentário como forma de desfazer dúvidas, geralmente esse gênero se apresenta, no Sopa, composto por sequências expositivas, injuntivas e descritivas. Como em:

<i>Anônimo disse...</i>
<i>opa, bacana o site... muito boa a iniciativa, uma pergunta amigo, quando faço minhas compras pego as N.Fs certo?? os valores que preencho na DBA são os valores das N.Fs?? e a descrição do produto pode ser exemplo: monitos somente ou preciso especificar a mais?? No DBA, tenho que responder sim na questão "d" e ai especificar os produtos abaixo isso?? Grato fico no Aguardo</i>
<i>05 Junho, 2007 11:48.</i>

¹⁸ Até 18 de dezembro de 2010, data da pesquisa. Em 13 de junho de 2010, havia 211 comentários, o que demonstra que a quantidade de comentários no blog é relativamente pequena, considerando a pouca diferença entre o número total de comentários em quase seis meses).

5.3.1.1 Assunto

O comentário acima é iniciado com um elogio ao *blog* e, em seguida, traz uma dúvida pessoal. O gênero comentário constitui-se de uma apreciação pessoal sobre determinado fato/tema e é o que temos na primeira frase: “*opa, bacana o site... muito boa a iniciativa*” e em outros casos, por exemplo:

<i><u>FUTURO disse...</u></i>
<i><u>excelente iniciativa do sopabrasiguaia em levantar as duvidas e sana-las para nos um abraço</u></i>
<i><u>16 Novembro, 2006 23:22</u></i>

Como no Sopa os comentários geralmente seguem a linha de iniciar elogiando o *blog* e, em seguida, fazer uma pergunta, o objetivo vai além de analisar algo, mas também é usado para questionar e receber orientações. Acaba constituindo-se com características semelhantes ao gênero Carta do leitor, definido por Melo (2003) como o gênero que diz respeito à opinião do leitor mediante a leitura do jornal. Tanto no caso da carta do leitor como no comentário, embora ambos sejam voltadas ao autor/proprietário do veículo, são publicados abertamente para o público; possuem a intencionalidade de comentar, analisar, argumentar, denunciar determinado fato/assunto; seguem geralmente um modelo geral de carta (identificação do destinatário, vocativo e cumprimento, conteúdo objeto da carta, despedida e identificação do remetente).

Mas há casos em que o comentário no sopa foge a esse formato, configurando-se em um gênero predominantemente instrucional, visando exclusivamente o recebimento de dicas e orientações, como em:

<i><u>βειššΦ™ disse...</u></i>
<i><u>21 de maio é feriado no paraguai ?</u></i>
<i><u>19 Abril, 2010 20:32</u></i>

Nessa ocorrência, o interlocutor apenas realiza uma pergunta de forma direta, em apenas uma frase, sem tecer qualquer comentário sobre o *blog*, mas utilizando o espaço reservado para comentários. O objetivo no caso acima é tão-só o de desfazer uma dúvida.

5.3.1.2 Estrutura Composicional

Quanto à estrutura, como foi dito, o mais comum é haver sequências tipológicas injuntivas e expositivas, no domínio discursivo Instrucional. Como em:

Gênero Textual - Comentário	Sequência Tipológica
<i>Olá, boa tarde e meus parabéns pelo blog!</i>	Injuntiva
<i>Realmente, é maravilhoso, bem organizado e direto!</i>	Argumentativa/Descritiva
<i>Gostaria de saber se as lojas em CDE estarão TODAS abertas no período da Semana Santa. Vocês deixaram bem claro que Carnaval é coisa de Brasileiro, mas e com a Semana Santa, como funciona? Se os estabelecimentos estiverem mesmo funcionando, que dias vocês me indicam pra fazer as compras entre quarta e sábado? Isto é, considerando o número de pessoas nas ruas, ou a chegada de produtos às lojas, talvez.</i>	Expositiva
<i>Desde já MUITO obrigada e mais uma vez, parabéns!</i>	Injuntiva
<i>11 Fevereiro, 2008 18:47</i>	Descritiva

Mas há casos em que o comentário resume-se a sequências injuntivas e descritivas, como no comentário do usuário de nome Camila:

Gênero Textual – Comentário	Sequência Tipológica
<i>1 de maio é feriado no paraguai?</i>	Injuntiva
<i>estarei em foz, será que é melhor ir pra</i>	Descritiva/Injuntiva

ciudad del leste no domingo, pra fazer compras?	
14 Abril, 2010 22:59	Descritiva

5.3.1.3 Estilo

Geralmente, o comentário é iniciado por um cumprimento ao *blog* ou aos autores, seguido de uma opinião sobre a página e questionamento pessoal. É finalizado, comumente, por uma despedida. A data do comentário é dada automaticamente pelo *blog*. O estilo utilizado segue o padrão da linguagem coloquial, com utilização também de práticas do Internetês, por exemplo:

1. Abuso de pontuação:

a- Anônimo - 05 Junho, 2007 11:48:

opa, bacana o site... muito boa a iniciativa, uma pergunta amigo, quando faço minhas compras pego as N.Fs certo?? os valores que preencho na DBA são os valores das N.Fs??

b- Marcus Eduardo – 9 Fevereiro, 2010 01:25:

Boa noite, vi em um site de compras do paraguai que CARNAVAL NOS DIAS 15, 16 E 17 Seriam feriados... e que a maioria das lojas fecham isso procede????

2. Falta de acentuação:

a- FUTURO - 16 Novembro, 2006 23:22:

*excelente iniciativa do sopabrasiguaia em levantar as duvidas e sana-las para nos
um abraço*

ou

b- ns - 30 Setembro, 2009 09:36 ?

ola,com os bancos em greve,como os sacoleiros estao pagando os impostos,abraços grato nelson

3. Uso de maiúsculas:

Tanto para ênfase:

a- Jessica, 11 Fevereiro, 2008 18:47

Gostaria de saber se as lojas em CDE estarão TODAS abertas no período da Semana Santa.

Quanto no texto todo:

b- Anônimo, 13 de junho de 2008:

OLA. MUITO BOM ESTE BLOG AQUI PARABENS...
OLA PODE ME TIRAR UMA DUVIDA ESTOU INDO DE CARRO PARA O PY ESTE FDS, PARA TROCAR OS PNEUS E COMPRAR MAIS UMAS COISINHAS, QUAL SUA INDICAÇÃO QUE EU ENTRE COM O CARRO DENTRO DO PY OU DEIXE EM FOZ? QUERIA ENTRAR E JA TROCAR OS PNEUS LA SEM QUE PRECISEM PASSAR NA COTA É POSSIVEL E DEPOIS TIRAR O CARRO DE LA ESTACIONAR EM FOZ E VOLTAR SO PARA FAZER O RESTO DAS COMPRAS. OU SE EU DEIXAR ELE EM FOZ COMPRAR OS PNEUS ALGUEM LEVA NO ESTACIONAMENTO EM FOZ PARA MIM SEM QUE EU PRECISE LEGALIZAR???

GRATA.

5.3.2 ENQUETE

Outro recurso bastante utilizado para aproximar autor e público é a enquete. Trata-se de um gênero que utiliza uma pergunta objetiva acerca de um fato/tema, apresentando alternativas também muito claras e específicas para serem votadas, com o fim de conhecer a opinião do interlocutor a respeito do tema tratado. Nos *blogs* e sites, geralmente é permitido saber o resultado parcial da enquete, enquanto ela ainda está em andamento. Já nos veículos

de comunicação convencionais, geralmente só é publicado o resultado final, às vezes seguido de possíveis implicações.

A enquete é muito utilizada em sites de informação e jornais. Marcuschi (2008) insere a enquete no domínio discursivo jornalístico. Medina (2001, p. 54) define o gênero como uma “pesquisa de opinião onde são ouvidas várias pessoas sobre um determinado assunto”.

No Sopa, com a reformulação do layout a enquete foi extinta, mas na época da análise¹⁹, havia a seguinte enquete disponível:

<i>A Lei dos Sacoleiros, quando aplicada, irá de fato gerar 40 mil empregos diretos na região de Foz do Iguaçu?</i>
<i>Sim. O potencial é grande</i>
<i>Não. Conversa de político.</i>

Até a data da pesquisa havia 1488 votos, que apontavam para um resultado favorável à segunda opção *Não. Conversa de político*. Esta alternativa tinha obtido até a data da visita 61.63% dos votos, contra 38,37 % da primeira opção.

5.3.2.1 Assunto

Abordando a temática geral do *blog* – a fronteira –, a enquete tratou de um tema recorrente no Sopa: a Lei dos Sacoleiros, que parece ser alvo de bastante interesse dos leitores, pois também é assunto de diversos comentários. Objetiva conhecer a opinião dos leitores a respeito da lei mencionada, avaliando sua efetividade no que respeita à geração de emprego, problemática social grave de países em desenvolvimento como o Brasil.

A primeira alternativa apresentada é positiva em relação à crença de criação de empregos, com aposta no potencial da lei. Já a segunda opção demonstra uma descrença em relação ao tema, adicionada à expressão “conversa de político”, que denota o descrédito nessa classe em relação às suas promessas e afirmações.

¹⁹ 13 de junho de 2010, data da pesquisa.

5.3.2.2 Estrutura Composicional

A estrutura composicional do texto é simples, com uma sequência injuntiva inicial, seguida de duas sequências argumentativas.

Gênero Textual – Enquete	Sequência Tipológica
<i>A Lei dos Sacoleiros, quando aplicada, irá de fato gerar 40 mil empregos diretos na região de Foz do Iguaçu?</i>	Injuntiva
<i>Sim. O potencial é grande</i>	Argumentativa
<i>Não. Conversa de político.</i>	Argumentativa

5.3.2.3 Estilo

Quanto ao estilo, a enquete segue o que Bakhtin (1997) chama de estilo coletivo do gênero, com linguagem clara e precisa, mas, ao mesmo tempo, pode-se perceber a influência do estilo pessoal no enunciado “*Não. Conversa de político*”, pela forma coloquial e com uma dose de ironia – que aparece em diversas situações no *blog*.

5.3.3 PREVISÃO DO TEMPO

O Boletim do Tempo é considerado um gênero do domínio discursivo do jornalismo. Marcuschi (2008) inclui tal gênero na esfera jornalística, tanto na modalidade oral quanto escrita. O boletim transformou-se gradativamente em um foco dos jornais diários, seja impresso, radiofônico, televisionado ou digital. A ênfase na prestação de informação de interesse público tem feito com que, cada vez mais, seja reservado um espaço para tal tema.

Há mesmo jornais televisivos que dividem a previsão por regiões e publicam conforme os blocos do jornal, ou ainda, alguns que utilizam boa parte ou até todo um bloco para tratar do assunto. Isso porque o boletim do tempo constitui um tema de interesse universal, que desperta atenção de um público amplo. É um meio de dar informações que podem direcionar as opções e planejamentos do leitor/telespectador/ouvinte.

Assim, há boletins mais aprofundados, que passam informações detalhadas sobre regiões, estados e principais cidades. Já outros se atêm a apontamentos sobre temperatura e principais fenômenos climáticos.

No caso do Sopa, o Boletim do Tempo é apresentado na página inicial do *blog* da seguinte forma²⁰:

Figura 3 – Previsão do Tempo no *blog* Sopa Brasiguaiá



5.3.3.1 Assunto

O espaço traz informações básicas sobre o clima na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. Apresenta a previsão para temperatura máxima e mínima, para a quantidade de precipitação de chuva e o estado do tempo (nublado, parcialmente nublado, chuvoso, ensolarado). A informação do dia fica por alguns segundos na tela e muda para o seguinte, alcançando as duas datas imediatas, além da presente. É apresentado em forma de banner (gênero da esfera publicitária, muito comum na Web).

5.3.3.2 Estrutura Composicional

A estrutura composicional do gênero apresenta sequências tipológicas expositivas.

²⁰ Previsão publicada no dia 15 de junho de 2010, data da pesquisa.

5.3.3.3 Estilo

Comum ao gênero, a linguagem segue um estilo altamente objetivo e conciso, apresentando as abreviações das palavras, antecedidas pelo nome do espaço “Tempo Agora” e acompanhado por uma figura representando o clima do dia, como o sol limpo, encoberto por nuvens, só nuvens carregadas ou chuva.

5.3.4 NOTÍCIA

Mesmo não sendo escrito por jornalistas formados, o *blog* é eminentemente informativo e segue o estilo dos gêneros da esfera jornalística. Destes, a notícia é o gênero mais comum encontrado no Sopa. No Sopa Brasiguaiá os autores operam a transformação de um fato para notícia em boa parte das informações. Por isso, nos aprofundaremos mais nesse gênero, considerando que os próximos gêneros analisados, a Nota e o *Fait Diver*, podem ser considerados desdobramentos do gênero notícia.

A notícia é definida de diferentes formas, mas não há dúvida sobre o importante papel desse gênero para a transmissão de informações na esfera jornalística. Para Melo (2003) notícia é o relato de maneira integral e sucinta de um fato. O termo é proveniente do termo inglês *news* (novidade), formado pelas letras iniciais das palavras, north, east, west e south - os quatro pontos cardeais. Segundo o Manual Teórico de Jornalismo publicado pelo jornal El País [2010?], na sua página na *Internet* no Brasil, a notícia é um fato relevante e merecedor de ser divulgado através de sua publicação em um ou mais tipos de mídia. Lage (2005) afirma que a notícia é a matéria-prima principal do jornal, conformada a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código lingüístico e de uma estrutura relativamente estável. Lustosa (1996) explica que a informação é transformada em notícia por meio das técnicas de redação jornalística, completando adiante que notícia é a informação transformada em um produto de consumo.

A notícia, como gênero que é, possui padrões de intencionalidade, estrutura e estilos. Costa (2008, p. 142) define o gênero notícia como um relato ou narrativa de fatos, acontecimentos, informações, recentes ou atuais. É voltado a um público múltiplo e desconhecido. Tem-se um discurso mais referencial, privilegiando-se o modo indicativo e o perfectivo. Seu objetivo é informar o leitor o mais “neutramente possível e com grande

fidedignidade”. Por isso, predomina o uso da 3ª pessoa e uma tentativa de conciliar linguagem formal e informal, com seleção lexical própria, evitando subjetividades.

No Sopa, a notícia é comum em todo o *blog*. Abaixo, uma notícia sobre a Lei dos Sacoleiros, publicada no *blog* em setembro de 2009:

<i>Sexta-feira, 11 de setembro de 2009</i>
<i>Oficial: Brasil regulamenta “Lei dos Sacoleiros”</i>
<i>Por Guilherme Dreyer Wojciechowski - SopaBrasiguaiia.com</i>
<p><i>Após nove meses de espera desde a publicação do texto da Lei nº 11.898/09 no Diário Oficial da União, o governo federal publicou, nesta quinta-feira (10), o Decreto Presidencial nº 6.956, que define as regras para a aplicação prática do regime tributário criado pela “Lei dos Sacoleiros”.</i></p> <p><i>No decreto, dado a conhecer ontem (10), em primeira-mão, pelo SopaBrasiguaiia.com, ficam definidos aspectos práticos como as regras para a abertura de microempresas pelos atuais sacoleiros, o limite anual de compras, a lista de itens permitidos e a alíquota única a ser aplicada.</i></p> <p><i>Assim, o governo determina que para aderir à nova lei as microempresas devem, obrigatoriamente, optar pelo Simples Nacional e contar com habilitação prévia da Receita Federal do Brasil (RFB), em licença a ser efetivada no primeiro dia útil do mês seguinte à solicitação.</i></p> <p><i>Ficou definido, também, que o limite anual para compras de artigos, destinados à venda ao consumidor final em território brasileiro, será de R\$ 110 mil, com limites trimestrais de R\$ 18 mil para o primeiro e o segundo trimestre e R\$ 37 mil para cada um dos dois últimos trimestres do ano.</i></p> <p><i>Quanto à alíquota de importação, que engloba seis tributos federais e pode, futuramente, vir a incorporar impostos estaduais para desburocratizar seu pagamento, o decreto define valor único de 25%, pago à vista no momento da importação do produto, com base de cálculo sobre o valor da nota fiscal apresentada.</i></p> <p><i>Apesar da normatização, no entanto, a entrada em vigência do Regime de Tributação Unificada (RTU) criado pela nova lei não será imediata. Para mais detalhes sobre os motivos que impedem o uso imediato do novo sistema, bem como conferir a argumentação</i></p>

da RFB, clique aqui.

Para efeitos de comparação, já que a notícia é a base do *blog* Sopa Brasiguaiia, nos detemos mais aprofundadamente nesse gênero, optando aqui por realizar uma análise comparativa entre a notícia acima, publicada no Sopa e outra, sobre o mesmo assunto, publicado pelo site Click Foz (www.clickfozdoiguacu.com.br), também no dia 11/09/2009, como se vê abaixo. A opção pelo Click Foz deveu-se a que apenas ele e o site Mercosul News publicaram notícia sobre o mesmo assunto tratado no Sopa, quando da seleção dessa notícia. Considerando a proximidade geográfica do Click Foz e um contexto de produção mais semelhante ao blog do que o Mercosul, produzido no estado de Mato Grosso do Sul, preferimos pelo Click, conforme se vê:

<i>Sexta, 11/09/2009 - 13h14 - Atualizado Sexta, 11/09/2009 - 13h15</i>
<i>Com "Lei dos sacoleiros" comerciantes poderão importar até R\$ 110 mil do PY por ano</i>
<i>Notícias de Foz do Iguaçu: Foz do Iguaçu, PR</i>
<p><i>Os comerciantes que trazem produtos do Paraguai poderão importar até R\$ 110 mil em mercadorias, por ano, pagando impostos simplificados. O decreto que regulamenta o Regime de Tributação Unificada (RTU) para a importação via terrestre do país vizinho foi publicado na quinta-feira (10), no Diário Oficial da União.</i></p> <p><i>Aprovada em dezembro, a lei que criou o regime especial para esses comerciantes foi sancionada em janeiro, mas ainda precisava de regulamentação para entrar em vigor. Pela regra simplificada, os produtos terão alíquota única de 25% sobre o preço. No sistema antigo, as alíquotas de diversos tributos federais somavam 42,25%.</i></p> <p><i>A alíquota será distribuída da seguinte forma: 7,88% de Imposto de Importação, 7,87% de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), 7,60% de Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) de importação e 1,65% de PIS/Pasep de importação. O pagamento será à vista.</i></p> <p><i>O RTU também prevê o pagamento de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que é estadual. Os governos estaduais, no entanto, precisarão fazer convênio com a Receita Federal.</i></p>

Somente poderão optar pelo regime as microempresas que já fazem parte do Simples Nacional, sistema simplificado de recolhimento de impostos. Os efeitos do RTU valerão a partir do mês seguinte ao da mudança de sistema tributário. A Receita divulgará, na internet (www.receita.fazenda.gov.br), o nome dos contribuintes beneficiados com a data de início da opção.

De acordo com a regulamentação, os comerciantes poderão importar mais no segundo semestre, época em que o consumo é maior. No primeiro e no segundo trimestres, o limite é de R\$ 18 mil a cada intervalo de três meses. No terceiro e no quarto trimestres, a cota aumenta para R\$ 37 mil.

A norma proíbe a importação de produtos não destinados ao consumidor final. Também está vedada a entrada dos seguintes itens: armas e munições, bebidas, inclusive alcoólicas, cigarros, explosivos, fogos de artifícios, veículos automotores em geral e embarcações de todo tipo, inclusive componentes e peças, medicamentos, pneus, mercadorias usadas e bens com importação suspensa ou proibida no Brasil.

5.3.4.1 Assunto

A notícia do Sopa possui, como estilo do gênero, a característica de sintetizar em seu título o conteúdo de que trata, o objeto da notícia. Nesse caso, é a regulamentação da Lei dos Sacoleiros, por meio de um decreto presidencial publicado um dia antes da notícia publicada.

No caso do site jornalístico, embora o fato seja o mesmo, a notícia é outra: a de que os comerciantes poderão importar até 110 mil reais por ano em mercadorias do Paraguai. Enquanto para o Sopa, a notícia foi a regulamentação da Lei; para o Click Foz, a notícia é o efeito da regulamentação. São focos diferentes sobre um mesmo assunto.

Isso pode ser entendido analisando-se o perfil de cada veículo. O *blog* é voltado para um público segmentado, que potencialmente é interessado em informações sobre a fronteira Brasil e Paraguai, tanto que a notícia dispensou referências anteriores à Lei, já que há seções específicas dedicada a ela no *blog*. Como o Sopa trata exclusivamente do que ocorre na fronteira Brasil-Paraguai, assuntos que envolvem os sacoleiros, típicos da região, são acompanhados rotineiramente no *blog*. A informação do Sopa é voltada a um público que possui pré-conhecimentos sobre o tema em questão e objetiva atualizá-lo a respeito de tal conhecimento.

Já o site publica notícias da cidade de Foz do Iguaçu, divulgando os mais variados acontecimentos da região e, entre eles, a regulamentação da lei dos sacoleiros. Como se trata de uma cidade fronteiriça, onde a presença dos “sacoleiros” é intensa, o público que tenha interesse na notícia é potencialmente alto. Mas nesse caso, o que interessa saber não é que a lei foi regulamentada, mas os efeitos que isso irá gerar para a população da região, especialmente os sacoleiros.

Abaixo, relacionamos a opção de cada veículo na apresentação das informações, pois embora falando do mesmo fato, o foco e o objetivo das notícias são diferentes e, conseqüentemente, a hierarquia em que são apresentados também.

A hierarquia das informações começa no *lead*, primeiro parágrafo do texto que deve responder às perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. O *lead* é a base de um modelo chamado de “pirâmide invertida”, no qual as informações julgadas mais importantes aparecem logo no início do texto, seguidas, gradualmente, em ordem de relevância, deixando as informações acessórias e que não afetam o entendimento do fato para a parte final. A prática veio desbancar o modelo anterior, no qual se construía um texto a partir dos detalhes, apresentando o contexto até se chegar ao ápice. Com o *lead*, o que se deixava para o fim, sobe para o começo.

Segundo publicação do jornal El País, o *lead* foi criado a partir de uma frase do escritor e jornalista inglês Rudyard Kipling, que dizia que: “Tenho seis criados honestos, que me ensinaram tudo o que sei: O Quê, Por Quê, Quando, Como, Onde e Quem” , embora nem sempre todas sejam respondidas já no primeiro parágrafo.

No *lead* as notícias também são apresentadas por ordem de importância. No caso do Sopa Brasiguiaia, no texto analisado temos:

Perguntas do Lead	Lead da Notícia
Contextualização do fato (Não integra as perguntas essenciais)	<i>Após nove meses de espera desde a publicação do texto da Lei nº 11.898/</i>
Quem?	<i>o governo federal</i>
O quê?	<i>publicou (...) o Decreto Presidencial nº 6.956</i>
Quando?	<i>nesta quinta feira (10)</i>

Onde?	<i>no Diário Oficial da União</i>
Como?	-
Por quê?	<i>(necessidade de definição das) regras para a aplicação prática do regime tributário criado pela “Lei dos Sacoleiros”.</i>

Apesar de a pergunta “*por quê?*” (o governo publicou o decreto) não estar explicitamente respondida no *lead*, a resposta fica subentendida quando o autor afirma que a lei veio definir as regras para aplicação prática do regime tributário criado anteriormente. Depreende-se, então, que a regulamentação foi criada justamente devido a lacuna existente, dada a indefinição mencionada. Já o *como* não é informado, pois iria se referir à como o decreto foi publicado (por exemplo, quais os pontos fundamentais ou o que foi destacado pelo governo).

Na notícia do site Click Foz, o *lead* é apresentado da seguinte forma:

Perguntas do Lead	Lead da Notícia
Como?	<i>Os comerciantes que trazem produtos do Paraguai poderão importar até R\$ 110 mil em mercadorias, por ano, pagando impostos simplificados.</i>
O quê?	<i>(foi publicado) o decreto que regulamenta o regime de Tributação Unificada (RTU) para a importação do país vizinho</i>
Quem?	-
Quando?	<i>na quinta feira (10)</i>
Onde?	<i>no Diário Oficial da União</i>
Por quê?	-

Neste caso, o fato do decreto ter sido publicado não é o principal, mas sim, como foi publicado: qual a novidade desse decreto. Quando e onde o decreto foi publicado são informações que compõem o *lead*, pois dão mais credibilidade à notícia. Quem publicou (o governo federal) não é apresentado nem no *lead* nem em nenhuma outra parte do texto. A resposta à pergunta “por quê?” também não foi dada no *lead*, mas fica de forma implícita: o decreto foi publicado, pois não havia regulamentação do regime de importação do país vizinho.

Após o *lead*, os outros parágrafos que seguem são chamados de “documentação”. Segundo Lage (2005), a documentação é o complemento do *lead*, detalhando e acrescentando informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, verbais ou circunstanciais, ou ainda, qualquer outro de seus componentes.

As duas notícias analisadas voltam-se, depois do *lead* para o “Como” - detalhes e principais mudanças introduzidas pelo decreto - mas mantêm ordens de prioridades diferentes. A observação da hierarquização das informações é fundamental para o entendimento do foco de cada veículo ao publicar a notícia, conforme aponta Lage (2005, p. 21): “os eventos estarão ordenados não por sua sequência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve”.

Assim, apresentamos, na sequência, quatro quadros comparativos e considerações a respeito do ordenamento das informações na notícia dos dois veículos.

Enquanto o Sopa dedica o segundo parágrafo para resumir os “aspectos práticos” do decreto, o Click Foz usa esse espaço para falar que a lei precisava da regulamentação para entrar em vigor:

Site Click Foz	Blog Sopa Brasiguaiia
Parágrafo 2	Parágrafo 2
Aprovada em dezembro, a lei que criou o regime especial para esses comerciantes foi sancionada em janeiro, mas ainda precisava de regulamentação para entrar em vigor. Pela regra simplificada, os produtos terão alíquota única de 25% sobre o preço (...)	<i>No decreto, dado a conhecer ontem (10), em primeira-mão, pelo SopaBrasiguaiia.com, ficam definidos aspectos práticos como as regras para a abertura de microempresas pelos atuais sacoleiros, o limite anual de compras, a lista de itens permitidos e a alíquota única</i>

	<i>a ser aplicada.</i>
--	------------------------

A informação da alíquota única de 25%, publicada no segundo parágrafo da notícia do Click Foz, aparece apenas no quinto e penúltimo parágrafo da notícia do Sopa de forma detalhada, pois, como exposto acima, no segundo parágrafo o *blog* resume alguns pontos do decreto.

Site Click Foz	Blog Sopa Brasiguaia
Parágrafo 2	Parágrafo 5
<i>Pela regra simplificada, os produtos terão alíquota única de 25% sobre o preço. No sistema antigo, as alíquotas de diversos tributos federais somavam 42,25%.</i>	<i>Quanto à alíquota de importação, que engloba seis tributos federais e pode, futuramente, vir a incorporar impostos estaduais para desburocratizar seu pagamento, o decreto define valor único de 25%, pago à vista no momento da importação do produto, com base de cálculo sobre o valor da nota fiscal apresentada.</i>

Enquanto o Click Foz dedica o terceiro e quarto parágrafos do seu texto para detalhar a composição da alíquota unificada, o Sopa prescinde de tais informações e aborda a necessidade de as microempresas optarem pelo Simples Nacional – informação dada no início do quinto parágrafo da notícia do Click Foz:

Site Click Foz	Blog Sopa Brasiguaia
Parágrafo 5	Parágrafo 3
<i>Somente poderão optar pelo regime as microempresas que já fazem parte do Simples Nacional, sistema simplificado de recolhimento de impostos. Os efeitos do RTU valerão a partir do mês seguinte ao da mudança</i>	<i>Assim, o governo determina que para aderir à nova lei as microempresas devem, obrigatoriamente, optar pelo Simples Nacional e contar com habilitação prévia da Receita Federal do Brasil</i>

de sistema tributário. A Receita divulgará, na internet (www.receita.fazenda.gov.br), o nome dos contribuintes beneficiados com a data de início da opção.	(RFB), em licença a ser efetivada no primeiro dia útil do mês seguinte à solicitação.
--	---

Como exposto acima, ao final do quinto parágrafo, o Click Foz fala da aplicação do novo regime tributário, com link para a página da Receita Federal na *Internet*. O Sopa apresenta essa informação no terceiro parágrafo de forma introdutória, mas volta a ela no sexto parágrafo do texto, com link para outra página do próprio *blog* tratando do assunto²¹.

Dessa forma, os últimos parágrafos dos dois textos seguem caminhos completamente diferentes, pois o Click Foz opta por detalhar os produtos que são de importação proibida no Brasil:

Site Click Foz	Blog Sopa Brasiguaiia
Parágrafo 7	Parágrafo 6
<i>A norma proíbe a importação de produtos não destinados ao consumidor final. Também está vedada a entrada dos seguintes itens: armas e munições, bebidas, inclusive alcoólicas, cigarros, explosivos, fogos de artifícios, veículos automotores em geral e embarcações de todo tipo, inclusive componentes e peças, medicamentos, pneus, mercadorias usadas e bens com importação suspensa ou proibida no Brasil.</i>	<i>Apesar da normatização, no entanto, a entrada em vigência do Regime de Tributação Unificada (RTU) criado pela nova lei não será imediata. Para mais detalhes sobre os motivos que impedem o uso imediato do novo sistema, bem como conferir a argumentação da RFB, clique aqui.</i>

5.3.4.2 Estrutura Composicional

²¹ Aqui, é importante ressaltar que, somada ao estilo dos gêneros jornalísticos, está a influência do suporte utilizado – a Web – rico no recurso de hipertexto. Apesar dessa referência já existir há bastante tempo em outros suportes, a larga utilização desse recurso hipertextual foi disseminada pela Web.

Gênero Textual – Notícia	Sequência Tipológica
<i>Sexta-feira, 11 de setembro de 2009</i>	Descritiva
<i>Oficial: Brasil regulamenta “Lei dos Sacoleiros”</i> <i>Por Guilherme Dreyer Wojciechowski - SopaBrasiguaia.com</i>	Expositiva
<i>Após nove meses de espera desde a publicação do texto da Lei nº 11.898/09 no Diário Oficial da União, o governo federal publicou, nesta quinta-feira (10), o Decreto Presidencial nº 6.956, que define as regras para a aplicação prática do regime tributário criado pela “Lei dos Sacoleiros”.</i>	Narrativa
<i>No decreto, dado a conhecer ontem (10), em primeira-mão, pelo SopaBrasiguaia.com, ficam definidos aspectos práticos como as regras para a abertura de microempresas pelos atuais sacoleiros, o limite anual de compras, a lista de itens permitidos e a alíquota única a ser aplicada.</i> <i>Assim, o governo determina que para aderir à nova lei as microempresas devem, obrigatoriamente, optar pelo Simples Nacional e contar com habilitação prévia da Receita Federal do Brasil (RFB), em licença a ser efetivada no primeiro dia útil do mês seguinte à solicitação.</i> <i>Ficou definido, também, que o limite anual para compras de artigos, destinados à venda ao consumidor final em território brasileiro, será de R\$ 110 mil, com limites trimestrais de R\$ 18 mil para o primeiro e o segundo trimestre e R\$ 37 mil para cada um dos dois últimos trimestres do ano.</i> <i>Quanto à alíquota de importação, que engloba seis tributos federais e pode, futuramente, vir a incorporar impostos estaduais para desburocratizar seu pagamento, o decreto define valor único de 25%, pago à vista no momento da importação do produto, com base de</i>	Expositiva/Descritiva

<i>cálculo sobre o valor da nota fiscal apresentada.</i>	
<i>Apesar da normatização, no entanto, a entrada em vigência do Regime de Tributação Unificada (RTU) criado pela nova lei não será imediata.</i>	Argumentativa
<i>Para mais detalhes sobre os motivos que impedem o uso imediato do novo sistema, bem como conferir a argumentação da RFB, clique aqui.</i>	Injuntiva

Já na notícia publicada no Click Foz, temos as seguintes sequências tipológicas:

Gênero Textual – Notícia	Sequência Tipológica
<i>Sexta, 11/09/2009 - 13h14 - Atualizado Sexta, 11/09/2009 - 13h15</i>	Descritiva
Com "Lei dos sacoleiros" comerciantes poderão importar até R\$ 110 mil do PY por ano	Expositiva
Notícias de Foz do Iguaçu: Foz do Iguaçu, PR	Descritiva
<i>Os comerciantes que trazem produtos do Paraguai poderão importar até R\$ 110 mil em mercadorias, por ano, pagando impostos simplificados.</i>	Expositiva
<i>O decreto que regulamenta o Regime de Tributação Unificada (RTU) para a importação via terrestre do país vizinho foi publicado na quinta-feira (10), no Diário Oficial da União.</i> <i>Aprovada em dezembro, a lei que criou o regime especial para esses comerciantes foi sancionada em janeiro, mas ainda precisava de regulamentação para entrar em vigor.</i>	Narrativa
<i>Pela regra simplificada, os produtos terão alíquota única de 25% sobre o preço. No sistema antigo, as alíquotas de diversos tributos federais somavam 42,25%.</i> <i>A alíquota será distribuída da seguinte forma: 7,88% de Imposto de Importação, 7,87% de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), 7,60% de Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) de importação e 1,65% de PIS/Pasep de importação. O pagamento será à vista.</i> <i>O RTU também prevê o pagamento de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que é estadual. Os governos estaduais, no entanto, precisarão fazer convênio com a Receita Federal.</i> <i>Somente poderão optar pelo regime as microempresas que já fazem parte do Simples Nacional, sistema simplificado de recolhimento de impostos. Os efeitos do RTU valerão a partir do mês seguinte ao da mudança de sistema tributário. A Receita divulgará, na internet (www.receita.fazenda.gov.br), o nome dos contribuintes beneficiados com a data de início da opção.</i>	Expositiva

De acordo com a regulamentação, os comerciantes poderão importar mais no segundo semestre, época em que o consumo é maior. No primeiro e no segundo trimestres, o limite é de R\$ 18 mil a cada intervalo de três meses. No terceiro e no quarto trimestres, a cota aumenta para R\$ 37 mil.

A norma proíbe a importação de produtos não destinados ao consumidor final. Também está vedada a entrada dos seguintes itens: armas e munições, bebidas, inclusive alcoólicas, cigarros, explosivos, fogos de artifícios, veículos automotores em geral e embarcações de todo tipo, inclusive componentes e peças, medicamentos, pneus, mercadorias usadas e bens com importação suspensa ou proibida no Brasil.

A partir da classificação acima, é possível perceber as semelhanças entre as duas notícias no que tange às sequências tipológicas. A predominância de sequências expositivas é uma característica das notícias jornalísticas, que utilizam também com frequência a narração para compor os textos. As descrições são pouco utilizadas, enquanto as sequências injuntivas costumam aparecer no final de algumas notícias com o objetivo de fazer relação com outro conteúdo publicado pelo jornal ou divulgar contato para mais informações. A argumentação é geralmente reservada aos gêneros classificados como eminentemente opinativos como a crônica, o editorial e o artigo, entre outros.

5.3.4.3. *Estilo*

O estilo dos gêneros jornalísticos segue um padrão estabelecido nesse domínio discursivo que prima por uma linguagem clara, objetiva e concisa. A preferência é sempre pela ordem direta, evitando-se termos técnicos, preciosismos, gírias e lugares-comuns. (MARTINS FILHO, 1997).

No caso da notícia, gênero informativo, não é permitido emitir opinião e expressar ideias pessoais, situações reservadas ao espaço opinativo do jornal, que é composto pelos gêneros editorial, charge, artigo, carta do leitor e crônica. Martins Filho (1997), no Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo, afirma que os textos devem ser “imparciais e objetivos”, não expondo opiniões, mas fatos.

Diferente do gênero reportagem, que amplia a abordagem do fato realizada na notícia com entrevistas e pesquisas mais aprofundadas, a notícia apenas “relata” o fato de forma objetiva e sintética. Segundo Melo (2003), a reportagem é uma notícia ampliada; contém informações apuradas e mais de uma fonte de informação, abordando diversos ângulos do assunto. A reportagem procura, além de “informar”, interpretar os fatos, sendo um gênero pouco praticado em alguns veículos brasileiros. No caso do Sopa, a reportagem também é pouco comum, enquanto a notícia está presentes por todo o *blog*.

A notícia é construída por alguns elementos que a compõe graficamente. O primeiro deles é o título, a chamada inicial do texto, conhecido também como manchete, quando ocupa a página principal ou capa do veículo. Segundo Manual Teórico do jornal El País [2010?]²², o título é a chave de um texto jornalístico: “O índice de leitura de uma notícia depende da qualidade do título. É fundamental que resuma o que está no texto, que seja verdadeiro e que, além do mais, que seja bonito, atraente, de entendimento imediato ou provocativo” (p. 3).

Revistas e outras publicações semanárias e mensais costumam utilizar formas mais diferenciadas nos títulos, fazendo trocadilhos, perguntas, frases feitas, considerando que grande parte do público leitor já conhece o fato a ser relatado e pretende se inteirar do desenrolar, dos efeitos do fato na sociedade. Já no jornalismo diário, o título deve ser conciso, direto, afirmativo, com uso de um verbo de ação no presente:

Nos jornais diários, recomenda-se que o título tenha verbo no presente do indicativo. Por quê? Porque o jornal diário fala sobretudo do que aconteceu ontem e, em menor escala, do que está previsto para hoje. Se usamos o verbo no passado para a maioria das notícias (do que aconteceu ontem), o jornal fica parecendo velho. O artifício consagrado é de dar títulos com o verbo no presente. (JORNAL EL PAÍS, [2010?], p. 3).

O título da notícia analisada é escrito seguindo o padrão jornalístico, com o período na voz ativa e com verbo de ação no presente. A palavra *Oficial*, logo no início, mostra que não se trata de especulação, mas de um fato.

<i>Oficial: Brasil regulamenta “Lei dos Sacoleiros”</i>
<i>Por Guilherme Dreyer Wojciechowski - SopaBrasiguaia.com</i>

²² 2010 é o ano provável de publicação do Manual, considerando não haver referência de data no documento. Conforme Andrade (2009, p.51): “Se nenhuma data puder ser determinada, registra-se uma data aproximada entre colchetes, conforme indicado: [1982 ou 1983] para um ano ou outro, [1969?] para data provável e [1994] para data certa, não indicada no item, etc.

Já na matéria do jornal on-line Click Foz, o tempo verbal utilizado é o futuro. Como foi visto, a intencionalidade é diferente nas duas notícias. No caso do Sopa, a notícia é a regulamentação da lei, que ocorreu no data anterior à publicação. Embora no corpo do texto, o autor tenha utilizado o verbo no passado: “governo federal publicou, nesta quinta-feira (10)...”, a utilização no título da notícia do verbo “regulamentar” no presente se configura como uma estratégia comunicacional, própria do estilo jornalístico para causar um efeito de atemporalidade, de que a informação divulgada está “quente”, atual.

No caso do Click Foz, foi estabelecida no título uma relação de causa e efeito, em que o efeito será efetivado em um tempo futuro, pois a aplicação das mudanças não seria imediata.

Com "Lei dos sacoleiros" comerciantes poderão importar até R\$ 110 mil do PY por ano
Notícias de Foz do Iguaçu: Foz do Iguaçu, PR

Outro elemento que compõe a notícia é a assinatura do texto. As principais informações publicadas são o nome do autor, a cidade e a data de produção da matéria, mas em muitos casos são publicadas apenas uma ou duas dessas informações. Em outras situações, a matéria não é assinada ou é identificada apenas com a expressão Da Redação. Isso ocorre especialmente em matérias publicadas a partir de releases:

O importante é que a assinatura informa ao leitor que aquele texto tem um autor, diferentemente de outros textos de um jornal, sem identificação de autoria; nesses casos, entende-se que o autor é, por assim dizer, o próprio jornal. A vantagem da matéria assinada é que confere mais credibilidade, aos olhos do leitor. (JORNAL EL PAÍS, [2010?], p. 7).

Componentes como Olho, Fio, Legenda e Foto-Legenda, muito utilizados no jornalismo impresso pouco ou nada aparecem no Sopa Brasiguaiá. Como a apresentação gráfica na *Internet* difere do jornal impresso em muitos aspectos, esses elementos, embora apareçam, não são tão comuns na Web. Mesmo o *blog* fazendo largo uso de fotografias, não identificamos legendas, apenas os créditos das imagens.

Em relação ao uso lexical, apontamos na notícia analisada, publicada pelo *blog* Sopa Brasiguaiá, a repetição lexical e as formas remissivas utilizadas, com base nos postulados de Marcuschi (2008), na linha sociointerativista da visão de referência, com vistas a verificar se há mostras da limitação do código linguístico na linguagem apresentada.

As palavras em **negrito** são as repetidas (ou suas variações em gênero e número); as palavras sublinhadas são as formas remissivas e as palavras em **negrito e sublinhadas** são as que apresentam tanto repetições como formas remissivas:

1	<i>Após nove meses de espera desde a publicação do texto da Lei nº 11.898/09 no Diário</i>
2	<i>Oficial da União, o governo federal publicou, nesta quinta-feira (10), o Decreto</i>
3	<i>Presidencial nº 6.956, que define as regras para a aplicação prática do regime</i>
4	<i>tributário criado pela “Lei dos Sacoleiros”.</i>
5	<i>No decreto, dado a conhecer ontem (10), em primeira-mão, pelo SopaBrasiguaiá.com,</i>
6	<i>ficam definidos aspectos práticos como as regras para a abertura de microempresas</i>
7	<i>pelos atuais sacoleiros, o limite anual de compras, a lista de itens permitidos e a</i>
8	<i>alíquota única a ser aplicada.</i>
9	<i>Assim, o governo (<u>federal</u>) determina que para aderir <u>à nova lei</u> as microempresas</i>
10	<i>devem, obrigatoriamente, optar pelo Simples Nacional e contar com habilitação prévia</i>
11	<i>da Receita Federal do Brasil (RFB), em licença a ser efetivada no primeiro dia útil do</i>
12	<i>mês seguinte à solicitação.</i>
13	<i>Ficou definido, também, que o limite anual para compras de artigos, destinados à</i>
14	<i>venda ao consumidor final em território brasileiro, será de R\$ 110 mil, com limites</i>
15	<i>trimestrais de R\$ 18 mil para o primeiro e o segundo trimestre e R\$ 37 mil para cada</i>
16	<i>um dos dois últimos trimestres do ano.</i>
17	<i>Quanto à alíquota de importação, que engloba seis tributos federais e pode,</i>
18	<i>futuramente, vir a incorporar impostos estaduais para desburocratizar seu pagamento,</i>
19	<i>o decreto define valor único de 25%, pago à vista no momento da importação do</i>
20	<i>produto, com base de cálculo sobre o valor da nota fiscal apresentada.</i>
21	<i>Apesar da normatização, no entanto, a entrada em vigência do Regime de Tributação</i>
22	<i>Unificada (RTU) criado pela <u>nova lei</u> não será imediata. Para mais detalhes sobre os</i>
23	<i>motivos que impedem o uso imediato do <u>novo sistema</u>, bem como conferir a</i>
24	<i>argumentação da RFB, clique aqui.</i>

Foram identificadas dezoito palavras que se repetem no texto (ou suas variações em gênero e número):

Palavra repetida	Classe gramatical	Quantidade
Lei	Substantivo	4
Governo	Substantivo	2
Federal (ais)	Adjetivos	2
Decreto	Substantivo	3
Define (ido)	Verbo	4
Regras	Substantivo	2
Prática/práticos	Adjetivo	2
Regime	Substantivo	2
Sacoleiros	Substantivo	2
Limite/limites	Substantivo	2
Anual	Adjetivo	2
Compras	Substantivo	2
Alíquota	Substantivo	2
RFB	Substantivo	2
Trimestre(s)	Substantivo	2
Importação	Substantivo	2
Valor	Substantivo	2
Imediato(a)	Adjetivo	2
Total		41

Termos como o substantivo “*publicação*” (linha 1) e o verbo “*publicou*” (linha 2) não foram relacionados como repetições, pois não são da mesma classe gramatical. Já os adjetivos “*federal*” (linha 2) e “*federais*” (linha 17) foram relacionados, excluindo-se da classificação o substantivo “*Federal*” (linha 11), complemento do nome próprio Receita Federal do Brasil. Foram, ao todo, 41 repetições num universo de 279 palavras, distribuídas em 24 linhas. Isso quer dizer que 14,69% das palavras do texto são um dos termos acima relacionados. Dessas, 13 são substantivos, quatro adjetivos, e uma é verbo.

Por outro lado, o autor utiliza algumas formas remissivas referenciais - elementos lingüísticos que estabelecem referências a partir de suas possibilidades referidoras, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, elipses, etc. No texto, foram identificadas formas remissivas referenciais com a utilização de:

1. Nomes genéricos, em:

a- “para aderir à nova lei” (linha 9) e “criado pela nova Lei” (linha 22), em referência ao Decreto Presidencial; e

b- “uso imediato do novo sistema” (linha 23), em referência ao Regime de Tributação Unificada.

2. Elipse, em:

a- “o governo determina” (linha 9), em referência ao governo federal.

3. Grupos nominais definidos, como a utilização de sigla:

1. “a argumentação da RFB” (linha 24), em referência à Receita Federal do Brasil.

O uso de formas remissivas referenciais é bastante pequeno considerado o largo uso de repetição de substantivos. Não foram identificadas formas remissivas não referenciais (aquelas que não têm autonomia referencial no texto como artigos e os pronomes substantivos, adjetivos e pessoais).

O uso do código lingüístico utilizado é restrito. Segundo Lage (2005), a limitação do código, que reduz tanto o número de itens léxicos quanto de regras gramaticais de uso corrente, aumenta a comunicabilidade e facilita a produção da mensagem.

Com o fim de realizar uma análise comparativa entre a forma de utilização do código lingüístico do *blog* Sopa Brasiguai e o site Click Foz, apresentamos, a seguir, o uso de repetições e formas remissivas realizadas no texto do site. No caso da notícia do Click Foz temos:

1	<i>Os comerciantes que trazem produtos do Paraguai poderão importar até R\$ 110 mil</i>
2	<i>em mercadorias, por ano, pagando impostos simplificados. O decreto que regulamenta</i>
3	<i>o Regime de Tributação Unificada (RTU) para a importação via terrestre do país</i>
4	<i>vizinho foi publicado na quinta-feira (10), no Diário Oficial da União.</i>
5	<i>Aprovada em dezembro, a lei que criou o regime especial para esses comerciantes foi</i>
6	<i>sancionada em janeiro, mas (a lei) ainda precisava de regulamentação para entrar em</i>
7	<i>vigor. Pela regra simplificada, os produtos terão alíquota única de 25% sobre o preço.</i>
8	<i>No sistema antigo, as alíquotas de diversos tributos federais somavam 42,25%.</i>
9	<i>A alíquota será distribuída da seguinte forma: 7,88% de Imposto de Importação,</i>
10	<i>7,87% de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), 7,60% de Contribuição para</i>

11	<i>o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) de importação e 1,65% de PIS/Pasep</i>
12	<i>de importação. O pagamento (<u>da alíquota</u>) será à vista.</i>
13	<i>O RTU também prevê o pagamento de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e</i>
14	<i>Serviços (ICMS), que é estadual. Os governos estaduais, no entanto, precisarão fazer</i>
15	<i>convênio com a Receita Federal.</i>
16	<i>Somente poderão optar pelo regime as microempresas que já fazem parte do Simples</i>
17	<i>Nacional, sistema simplificado de recolhimento de impostos. Os efeitos do RTU</i>
18	<i>valerão a partir do mês seguinte ao da mudança de sistema tributário. A Receita</i>
19	<i>(federal) divulgará, na internet (www.receita.fazenda.gov.br), o nome dos contribuintes</i>
20	<i>beneficiados com a data de início da opção.</i>
21	<i>De acordo com a regulamentação, os comerciantes poderão importar mais no segundo</i>
22	<i>semestre, época em que o consumo é maior. No primeiro e no segundo trimestres, o</i>
23	<i><u>limite</u> é de R\$ 18 mil a cada intervalo de três meses. No terceiro e no quarto trimestres,</i>
24	<i>a <u>cota</u> aumenta para R\$ 37 mil.</i>
25	<i>A <u>norma</u> proíbe a importação de produtos não destinados ao consumidor final.</i>
26	<i>Também está vedada a entrada dos seguintes itens: armas e munições, bebidas,</i>
27	<i>inclusive alcoólicas, cigarros, explosivos, fogos de artifícios, veículos automotores em</i>
28	<i>geral e embarcações de todo tipo, inclusive componentes e peças, medicamentos, pneus,</i>
29	<i>mercadorias usadas e bens com importação suspensa ou proibida no Brasil.</i>

Foram identificadas dezessete palavras que se repetem no texto (ou suas variações de gênero e número):

Palavra repetida	Classe Gramatical	Quantidade
Comerciante (s)	Substantivo	3
Poderão	Verbo	3
Produto (s)	Substantivo	4
Importar	Verbo	2
Mercadoria (s)	Substantivo	3
Imposto (s)	Substantivo	5
Simplificado(a) (s)	Adjetivo	3
Regime	Substantivo	3
RTU	Substantivo	3

Importação	Substantivo	6
Regulamentação	Substantivo	2
Alíquota(s)	Substantivo	3
Sistema	Substantivo	3
Pagamento	Substantivo	2
Estadual (ais)	Adjetivo	2
Receita	Substantivo	3
Trimestres	Substantivo	2
Total		52

Foram, ao todo, 49 repetições num universo de 337 palavras, distribuídas em 29 linhas. Isso quer dizer que 14,54% das palavras do texto são um dos termos acima. A quantidade de substantivos é a mesma da notícia anterior: 13; adjetivos somam 2 palavras, assim como o verbo.

Quanto às formas remissivas referenciais, foi possível identificar no texto do Click Foz uma utilização maior dessa estratégia lingüística em comparação ao uso da notícia do Sopa Brasiguai. Foram utilizadas na notícia formas remissivas referenciais por:

1. Sinônimos em:

- a- “comerciantes que trazem produtos do Paraguai” (linha 1) e “importar até R\$ 110 mil em mercadorias”(linhas 1 e 2);
- b- “o limite é de R\$ 18 mil” (linhas 22 e 23) e “a cota aumenta para R\$ 37 mil” (linha 24);
- c- “De acordo com a regulamentação” (linha 21) e “A norma proíbe a importação” (linha 25).

2. Nomes genéricos:

- a- “trazem produtos do Paraguai” (linha 1) e “via terrestre do país vizinho” (linhas 3 e 4);

3. Grupos nominais definidos com a utilização de sigla:

- a- “regulamenta o Regime de Tributação Unificada (RTU)” (linha 3), “O RTU também prevê...” (linha 13) e “Os efeitos do RTU...” (linhas 17 e 18).

4. Elipse:

a- “*mas ainda precisava de regulamentação*” (linha 6), com referência à Lei publicada;

b- “*O pagamento será à vista*” (linha 12), com referência à alíquota; e

c- “*A Receita divulgará...*” (linhas 18 e 19), com referência à Receita Federal do Brasil.

A partir da análise acima foi possível verificar que o texto do Click Foz apresenta mais repetições (49 contra 41 do Sopa); Apesar disso, o *blog* apresenta um maior número de palavras que se repetem, 19 do Sopa e 16 do Click Foz, mesmo com um texto menor (com cinco linhas a menos). No quadro abaixo, relacionamos os termos utilizados nos dois textos e a quantidade de utilizações em cada um:

SOPA BRASIGUAIA		CLICK FOZ	
Palavra repetida	Quantidade	Palavra repetida	Quantidade
produto	1	produto	4
110	1	110	1
ano	1	ano	1
imposto	1	imposto	5
decreto	3	decreto	1
regime	2	regime	3
tributação	1	tributação	1
unificada	1	unificada	1
RTU	1	RTU	3
importação	2	Importação	6
quinta-feira	2	quinta-feira	1
Diário Oficial da União	1	Diário Oficial da União	1
lei	4	lei	1
regra	1	regras	2
alíquota	2	alíquota(s)	3
única	1	única	1
25%	1	25%	1
sistema	1	sistema	3

tributos	1	tributos	1
federal (ais)	2	federais	1
pagamento	1	pagamento	2
estaduais	1	estadual (is)	2
governo	2	governo	1
Receita Federal do Brasil	1	Receita Federal do Brasil	1
Simples nacional	1	Simples nacional	1
sistema	1	sistema	3
tributário	1	tributário	1
trimestre	2	trimestre	2
normatização	1	norma	1
destinados	1	destinados	1
entrada	1	entrada	1
Total	43	Total	57

Verificamos assim que 31 termos aparecem nos dois textos, tendo cada um utilizado pelo menos uma vez cada palavra. No total, essas palavras aparecem 43 vezes na notícia do Sopa Brasiguai e 57 vezes na notícia do Click Foz. Tal observação reforça a noção apresentada por Lage (2005) da limitação do código lingüístico utilizado nas notícias jornalísticas. Algumas palavras relacionadas nas tabelas de cada veículo não aparecem na classificação acima, pois apesar da repetição no mesmo texto, não são utilizadas nenhuma vez pelo outro veículo.

Quanto ao uso de formas referenciais, o site utiliza mais termos que o Sopa, apesar de ambos fazerem uso dos mesmos tipos de estratégias de organização referencial no que respeita ao uso de grupos nominais definidos e elipses. A diferença fica apenas no uso de sinônimos pelo site, e de nomes genéricos pelo *blog*.

Dessa forma, pode-se afirmar que enquanto o *blog* lança mão de mais estratégias de repetição lexical, o site, embora também tenha utilizado a repetição largamente, usa mais formas remissivas que o *blog*.

A restrição no código lingüístico inclui “o uso de vocabulário e gramática tão coloquiais quanto possível”; como podemos ver na expressão “*em primeira mão*”; o impedimento do “uso estilístico (intencionalmente significativo) de notações como as

vírgulas”, a supressão de pontos de exclamação e reticências e o uso “obrigatório” da terceira pessoa, reafirmando a impessoalidade do redator ou do complexo redatorial. (LAGE, 2005, p. 22 e 23).

O código lingüístico jornalístico apresenta diferenças essenciais em relação a outros também da área de Comunicação Social, como o texto publicitário. Lage (2005) explica que a retórica da primeira é referencial enquanto a da última é conativa. O modo verbal usado nas notícias deve ser o indicativo, enquanto nos anúncios, a predominância é do imperativo. Lage destaca ainda que conceitos que expressam subjetividade estão excluídos e a notícia deve ser axiomática – se afirmar como verdadeira. “O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro” (p. 25).

A partir dos apontamentos do estilo de linguagem da notícia jornalística, assim como da análise comparativa com a notícia publicada pelo site Click Foz, foi possível identificar que a notícia analisada do *blog* Sopa Brasiguaiá segue o mesmo padrão jornalístico. Comum a todo o *blog*, praticamente todas as colunas apresentam textos enquadrados no gênero notícia, em maior ou menor grau e com variações. Mas no espaço denominado Roda de Tererê, apesar de os textos se caracterizarem também como do domínio jornalístico, em vez de privilegiar a notícia “tradicional”, a coluna adota um padrão de textos comuns em colunas sociais de jornais impressos: a nota jornalística.

5.3.5 NOTA

Mais curtas que as notícias, embora bastante semelhantes a ela, as notas trazem as principais informações em apenas um parágrafo.

Marcuschi (2008) elenca entre os gêneros da esfera jornalística a nota social. Além desta, pode ser acrescentada a nota de falecimento, comum em jornais diários. Costa (2008) explica que nota pode ser considerada, no jargão jornalístico, uma notícia curta. Considerando a noção apresentada por Costa, poderíamos definir a nota como uma notícia resumida, a qual é costumeiramente constituída apenas pelo *lead*, funcionando às vezes como chamada para a notícia completa:

Beleza Made in PY

O jornal Gazeta do Povo publicou, neste final de semana, reportagem sobre a intensa procura de mulheres brasileiras por clínicas de estética localizadas no lado paraguaio da

fronteira. As razões pela demanda, tal como já apontado pelo Sopa em publicações anteriores sobre o tema, é o preço “mais em conta” de intervenções como lipoaspiração, colocação de silicone ou aplicação de botox. Para ler a reportagem da Gazeta do Povo, na íntegra, clique aqui. (Roda de Tererê de 14/06/10).

5.3.5.1 Assunto

O texto é um resumo de uma notícia publicada em um jornal impresso, sobre a prática de mulheres brasileiras buscarem clínicas estéticas no Paraguai devido ao custo mais baixo. É importante destacar que é comum a ida de brasileiros para o País vizinho para compras de produtos mais baratos; o extraordinário no caso é o motivo da procura – intervenções estéticas, ramo pelo qual o Brasil é referência mundial – e é o que faz o fato transformar-se em notícia. O texto vem chamar atenção para o fato curioso.

5.3.5.2 Estrutura Composicional

Gênero Textual – Nota	Sequência Tipológica
<i>O jornal Gazeta do Povo publicou, neste final de semana, reportagem sobre a intensa procura de mulheres brasileiras por clínicas de estética localizadas no lado paraguaio da fronteira.</i>	Narrativa
<i>As razões pela demanda, tal como já apontado pelo Sopa em publicações anteriores sobre o tema, é o preço “mais em conta” de intervenções como lipoaspiração, colocação de silicone ou aplicação de botox.</i>	Argumentativa
<i>Para ler a reportagem da Gazeta do Povo, na íntegra, clique aqui. (Roda de Tererê de 14/06/10)</i>	Injuntiva

5.3.5.3 Estilo

O estilo de linguagem e a forma de apresentação são os mesmos da notícia. Mas, como a nota é constituída de apenas um parágrafo, comumente não responde a todas as perguntas do *lead*. Vejamos:

Perguntas do Lead	Lead da Nota
O quê?	<i>a intensa procura de mulheres brasileiras por clínicas de estética localizadas no lado paraguaio da fronteira.</i>
Quem?	<i>mulheres brasileiras</i>
Quando?	
Onde?	<i>no lado paraguaio da fronteira</i>
Como?	
Por quê?	<i>o preço “mais em conta” de intervenções como lipoaspiração, colocação de silicone ou aplicação de botox</i>

Como se trata de uma nota “fria”, isto é, não se refere a algo que precise ser divulgado naquele momento como acontece com as notas ou notícias “quentes”, que, se não divulgadas logo após o acontecimento, perderiam seu valor de notícia, no caso acima a nota prescinde de informações de *quando* ocorreu o fato, até porque não se trata de um acontecimento isolado. Por exemplo, se houvesse alguma complicação em determinada cirurgia feita por uma brasileira no Paraguai nas circunstâncias mencionadas na nota, seria bastante relevante a menção da data do ocorrido. Ou ainda, caso fosse feita uma entrevista com uma mulher que tivesse acabado de realizar uma cirurgia, a informação de quando ocorreu seria indispensável.

Porém, como se trata de situações genéricas, ocorridas já há algum tempo, tal informação não é imprescindível. O mesmo ocorre com informações do tipo *como*, em quais circunstâncias essas mulheres buscam a fronteira. Por isso tais dados foram desprezados no texto.

5.3.6 FAIT DIVERS

Entre o conteúdo disponível no Sopa, o que julgamos mais curioso é o espaço “As 10+ da Imprensa Paraguaia”. A seção tem atualização semanal, aos domingos, e faz uma compilação das notícias mais “bizarras” e/ou “engraçadas” veiculadas pela imprensa

paraguaia na semana, chamadas de “pérolas da imprensa paraguaia”. As informações são resumidas, geralmente em um parágrafo, como notas, mas há notícias mais completas e com fotografias.

As notícias dessa coluna podem ser classificadas como *fait divers*, uma categoria de notícia própria, caracterizada pela temática e pelo seu impacto no público. O termo francês significa literalmente ‘fato do dia’ e designa notícias que tratam de temas escabrosos, engraçados, crimes hediondos, que chamam a atenção da população e são rapidamente substituídas por outras na mesma linha.

Segundo Amaral (2006), os *fait divers* são uma herança dos antigos folhetins que, por sua vez, foram originados a partir dos melodramas. O melodrama surgiu como espetáculo popular relacionado a formas de oralidade, especialmente na França e na Inglaterra, no final do século XVIII. Trata-se, segundo Amaral, desde uma espécie de macrogênero que inclui a telenovela, o folhetim, o radioteatro, a literatura de cordel, ente outros.

O melodrama foi sendo modificado ao longo da história, “oferecendo oportunidades e temáticas afins com a categoria estética do grotesco, que atravessa os tempos” (AMARAL 2006, p. 74).

Foi a partir do século XIX que o melodrama passou a constituir um novo gênero: o folhetim. O folhetim foi o primeiro texto escrito no formato popular de massa e transformou as classes trabalhadoras em personagens, configurando-se como um elemento-chave da industrialização da imprensa europeia. Segundo Amaral, entre os atributos gerais do folhetim estão: caracterização maniqueísta dos personagens, simplificação, suspense, superexposição e saga autobiográfica.

Atualmente é difícil encontrar representantes desse gênero nos jornais brasileiros, mas o que se vê utilizado em larga escala são “heranças do seu estilo”, como os *fait divers*. Segundo Amaral (2006, p. 76), “entre as diversas formas a que o folhetim deu origem, estão os *fait divers*, notícias diversas sem maiores repercussões. Têm muita relação com a folhetinização e a dramatização da informação, com a não separação entre o público e o privado”. Segundo a autora, os *fait divers*:

Constituem-se em notícias que não têm repercussão, são impermeáveis à realidade política, que não vão além delas mesmas como fatos curiosos, crimes horrendos em lugares distantes, matérias isoladas sobre comportamento animal, acidentes inusitados, deformações monstruosas e fatos aberrantes como a notícia do elefante que se embebedou num barril de cachaça ou a mulher que fez cesariana em si mesma após dois copos de tequila. (AMARAL, 2006, p. 77).

Dion (2007, p. 125) inclui entre os temas preferidos dos *fait divers* suicídios, certos tipos de acidente, catástrofes naturais, monstros e personagens anormais, curiosidades da natureza, manifestações do além, atos heroicos, erros judiciários, anedotas e confusões. “O *fait divers* é sempre a narração de uma transgressão qualquer, de um afastamento em relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural)”.

Na coluna “As 10+”, o Sopa Brasiguaiia compila *fait divers* de muitos jornais paraguaios. Assim como lá, no Brasil há diversos jornais populares que “vivem” desse tipo de notícia. Para Amaral (2006), o gênero melodramático é a estética dominante desde o século XIX e a matriz cultural fundamental da produção simbólica latino-americana.

Essas publicações foram criadas para atender as “classes populares”, constituídas pela parcela da população que constitui a base da pirâmide social. Fundamentam-se, geralmente, em prestação de serviço, entretenimento e intermediação com o poder público, sem ultrapassar uma visão doméstica de mundo (AMARAL, 2006, p. 62). Tais temas chegam para atender o interesse desse público-alvo, excluídos dos chamados jornais de referência ou *quality papers*.

Amaral (2006) considera jornais de referência aqueles consagrados econômica e politicamente, que dispõem de prestígio e são dirigidos às classes A e B, classes economicamente favorecidas, com grau de instrução elevado e alto poder aquisitivo. Já os jornais populares são caracterizados por possuírem uma linha editorial que preza pela facilidade de leitura, identificação, interatividade, emoção, serviço e diversão, destinando-se abertamente a um público de baixa renda e pouca escolaridade.

Um dos grandes motes desse tipo de publicação é utilizar a notícia como forma de entretenimento. Lustosa (1996, p. 34) explica que o homem busca nas emoções dos fatos relatados em uma notícia experimentar o que vive ao assistir a um filme ou novela. “Além de fornecer informações, os noticiosos são produzidos como verdadeiros espetáculos, de modo a produzir o mesmo interesse e emoção proporcionados pelas obras de ficção no espectador”.

Segundo o autor, além da informação, há o atrativo da “embalagem”, sendo que a informação só se torna um produto de consumo após ser maquiada e elaborada pelo jornalista a partir de técnicas capazes de torná-la atraente. “Notícia, portanto, é também circo”.

No *sopabrasiguaiia* são publicados *fait divers* abordando as temáticas mais variadas que se encaixam nessa categoria. Um exemplo é a notícia abaixo, publicada no espaço “As 10+”, no dia 06/06/2010:

¡Lobisomem Provoca Acidente de Trânsito em Luque!

José Alfonso Garay, 28, retornava de uma festa e dirigia tranquilamente pelas ruas de Luque, região metropolitana de Asunción, quando o inesperado aconteceu: em plena avenida, um lobisomem apareceu na sua frente e obrigou-o a uma manobra brusca, interrompida por um poste que destruiu parte de seu veículo.

À polícia e ao Diário Popular (30/05), Garay confirmou que a criatura “tinha meio metro de altura, olhos brilhantes e dentes ferozes”. Assustados, moradores das quadras próximas disseram que não é a primeira vez que o lobisomem causa problemas e pediram ao padre Richard Noguera que bendiga o local.

Figura 4 – Lobisomem publicado no blog Sopa Brasiguiaia



5.3.6.1 Assunto

O texto segue o padrão temático dos *fait divers*, misturando, nesse caso, lendas a situações reais. A lenda do lobisomem ressurge em uma situação real: um acidente de trânsito em uma região metropolitana. Ao final da notícia, as crenças populares e a religião também aparecem, demonstrando a influência exercida na comunidade, sendo o padre chamado para bendizer o local. A intenção é sempre aproximar o fato narrado da realidade do leitor, conforme Dion (2007):

A acumulação dos detalhes que dão credibilidade, os assuntos e confidências, tanto dos autores dos crimes quanto das vítimas, as entrevistas e fotografias, são muitos dos procedimentos que contribuem para a autenticidade da narrativa e a ilusão da proximidade. (DION, 2007, p. 126).

5.3.6.2 Estrutura Composicional

O texto apresenta uma miscelânea entre os tipos textuais Narrativo e Descritivo – os mais comuns nos *fait divers*. Isso pode ser visto abaixo:

Gênero Textual – <i>Fait Diver</i>	Sequência tipológica
<i>José Alfonso Garay, 28, retornava de uma festa e dirigia tranquilamente pelas ruas de Luque, região metropolitana de Asunción, quando o inesperado aconteceu:</i>	Narrativa
<i>em plena avenida, um lobisomem apareceu na sua frente e obrigou-o a uma manobra brusca, interrompida por um poste que destruiu parte de seu veículo</i>	Narrativa/Descritiva
<i>À polícia e ao Diário Popular (30/05), Garay confirmou</i>	Narrativa
<i>que a criatura “tinha meio metro de altura, olhos brilhantes e dentes ferozes”.</i>	Descritiva
<i>Assustados, moradores das quadras próximas disseram que não é a primeira vez que o lobisomem causa problemas e pediram ao padre Richard Noguera que bendiga o local.</i>	Narrativa

5.3.6.3 Estilo

O estilo adotado segue claramente a linguagem dos gêneros do domínio jornalístico. Porém, características próprias do *fait divers* interferem na apresentação da informação em que se evidenciam os aspectos esdrúxulos da situação, a começar pelo tema abordado e pela própria forma de condução do texto.

Ao contrário das notícias jornalísticas, que seguem a chamada “pirâmide invertida” que dá ênfase ao mais relevante do fato, os *fait divers* são apresentados geralmente por uma narração cronológica, inclusive criando uma atmosfera de suspense – pouco usada no

jornalismo convencional. É o que ocorre em “*José Alfonso Garay, 28, retornava de uma festa e dirigia tranquilamente pelas ruas de Luque, região metropolitana de Asunción, quando o inesperado aconteceu*”.

O uso de advérbios, também evitado nas notícias convencionais, integra a narração, rica em caracterizações: “*dirigia tranquilamente pelas ruas*” e “*quando o inesperado aconteceu*”. Ou ainda adjetivos, como “*em plena avenida*”, na segunda linha, que busca um efeito de demonstrar a excentricidade do fato.

No restante do texto, o estilo de notícia jornalística prepondera e as impressões são apresentadas entre aspas, como afirmação da testemunha do fato, a fonte da notícia, como em: “*tinha meio metro de altura, olhos brilhantes e dentes ferozes*”. O texto finaliza com a afirmação de que o fato já tinha ocorrido outras vezes, em uma tentativa de dar mais credibilidade ao ocorrido: “*moradores das quadras próximas disseram que não é a primeira vez que o lobisomem causa problemas*”.

Não pode ser deixada de lado a forma de início e de finalização da notícia. O título segue o padrão dos gêneros notícia e reportagem jornalística, sintetizando o fato em poucas palavras (geralmente uma linha) e, com preferência, um verbo de ação no presente. No entanto, a pontuação é pouco utilizada em títulos de gêneros desse domínio, com exceção para os casos em que se quer evidenciar sua importância, como em um título interrogativo.

Títulos exclamativos são pouco usados no noticiário diário e, mesmo em revistas semanais, costumam ser reservados para ocasiões extraordinárias. Já no caso do *fait divers* a pontuação é vastamente utilizada, como ocorre no título em questão, que é pontuado como no espanhol, com exclamação no início e fim da frase: “*¡Lobisomem Provoca Acidente de Trânsito em Luque!*”. A notícia termina com a figura de um lobisomem que empresta, ao mesmo tempo, credibilidade e humor à informação.

5.4 SOBRE OS RESULTADOS DA ANÁLISE

A partir das análises realizadas, constatamos a variedade de gêneros existente no *blog* Sopabrasiguaiá, reafirmando a necessidade de enquadramento do *blog* como um suporte de gêneros.

Os gêneros do domínio discursivo jornalístico são predominantes no *blog* e, por esse motivo, foram os selecionados para análise. Mas além do objetivo primeiro que possui esfera

genérica, o de informar, o Sopa utiliza tais gêneros para opinar e receber opinião, entreter e instruir.

Percebemos ainda que excedendo os aspectos coletivos que constituem o Conteúdo, Propósito Comunicativo, Estrutura Compositiva e Estilo dos gêneros analisados, eles apresentam ainda fortemente aspectos individuais dos autores do *blog*. Isso pode ser visto claramente no *fait diver*, pela forma de apresentação dos títulos, e na enquete, pela escolha enunciativa das opções.

Os gêneros que menos sofreram influência individual foram a Previsão do Tempo, que seguiu o formato padrão do gênero, estabelecido coletivamente, seguido da notícia e da nota. A temática geral do Sopa está incutida em todo o *blog* e, com ela, a paixão declarada dos blogueiros pelo país vizinho.

Os três aspectos analisados nos gêneros, somados ao assunto abordado em cada texto analisado, auxiliam de forma significativa a análise metodológica, pois conferem uma possibilidade de análise global de cada gênero, desde seu conteúdo e propósito ao estilo adotado, passando pela estrutura que é composto.

Não pode ser desprezado ainda o fato de todo o conteúdo estar inserido em um ambiente maior característico: a Web. Todos os recursos desse espaço virtual, já relatados anteriormente, influenciam a forma de apresentação de cada gênero, especialmente no que se refere ao hipertexto. Apesar de estarem disponíveis conteúdos em vídeos, fazendo uso da multimídia que a Web permite, é o recurso hipertextual que mais faz diferença nos textos.

O usuário pode acessar os conteúdos anteriores, buscar mais informações sobre o tema apresentado e questionar diretamente os autores do *blog*. Tal fato segmenta bastante as informações, pois os conteúdos não precisam estar totalmente completos em cada inserção.

Isso quer dizer que, diferentemente de um jornal impresso que, por exemplo, embaixo de uma notícia sobre a lei dos sacoleiros, publicaria um box com informações sobre como foi o percurso até chegar à regulamentação da lei ou uma outra estratégia para orientar o leitor sobre o contexto do fato, no *blog* isso não é necessário. Assim como em outras páginas da Web, os conteúdos anteriores podem ser acessados por um clique e o leitor pode resgatar e pesquisar as informações que lhe convierem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, conseguimos chegar a conclusões a respeito das duas principais indagações que motivaram esta pesquisa, atingindo assim, nossos objetivos. Com o fim de dar melhor concatenação às idéias, vamos iniciar por tratar primeiro a respeito do segundo questionamento apresentado: “Como é a comunicação via Web na região de fronteira brasileira”.

A primeira conclusão a que se chega a esse respeito é de que o potencial democrático da Web, que abre possibilidade de se colocar para o mundo temas pouco tratados pela mídia tradicional; de divulgação de aspectos ignorados em uma notícia da imprensa; de ter voz e assumir um papel ativo em relação a abordagens da imprensa, mal começou a ser utilizado.

Há na Rede territórios inexplorados, assuntos que poderiam estar na pauta constante dos jornais diários, mas passam longe das redações, e, mesmo com a “arma” da Rede, não conseguem tomar corpo e ganhar dimensão. Um desses casos é a Fronteira Brasileira.

Ainda se fala pouco sobre fronteira na Web, considerando a dimensão fronteiriça do Brasil, tomando como base o espaço geográfico estudado, região de fronteira Brasil-Paraguai. Nessa localização, apesar de haver um número significativo de sites de notícias, 39 ao todo, eles se concentram no lado brasileiro, são 29 sites em cidades brasileiras e apenas dez no lado paraguaio. Do Brasil, 21 sites de notícias são localizados em cidades do estado de Mato Grosso do Sul, com destaque para os municípios de Bela Vista e Ponta Porã. Os outros oito sites possuem sedes administrativa e/ou redações em municípios paranaenses, nas cidade de Foz do Iguaçu e Guaíra.

Apenas dez sites são produzidos no lado paraguaio, divididos em quatro cidades: Capitan Bado, Salto del Guaíra, Ciudad del Este e Pedro Juan Caballero. A primeira cidade faz fronteira com o município sul-mato-grossense de Coronel Sapucaia, e as duas seguintes fazem fronteira com os municípios paranaenses de Guaira e Foz do Iguaçu, respectivamente. Em Pedro Juan Caballero, cidade-gêmea com Ponta Porã (MS) são produzidos três sites.

Foi percebido também que muitas rádios locais mantêm páginas na *Internet*, inserindo nos sites notícias veiculadas pela emissora. Como a Web não possui fronteiras, o conteúdo do site consegue chegar aonde o sinal das rádios não alcança. Percebemos ainda que muitos sites acompanhados não apresentam notícias produzidas pelos próprios veículos, mas retransmissões de outros meios de comunicação.

Quanto aos *blogs*, o número é ainda menor do que o de sites, e, apesar de situados em cidades fronteiriças, tratam a fronteira de forma totalmente acessória. O único *blog* a abordar de maneira mais específica a fronteira é o Sopa Brasiguaia, página analisada.

Com o levantamento, temos uma idéia apenas quantitativa sobre comunicação via Web na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Não realizamos análise de todas as páginas acessadas, atentando ao objetivo precípua do trabalho, de verificar a relação entre os gêneros emergentes da Web e seus correspondentes tradicionais em um ambiente virtual da fronteira. Salienciamos aqui, então, a importância de pesquisas analíticas das páginas levantadas, averiguando detidamente a forma de produção/reprodução das notícias locais e ainda, o acesso, recepção, assimilação dos conteúdos divulgados pelo público brasileiro e paraguaio. Ainda nesse sentido, as fronteiras brasileiras com outros países continuam como territórios pouco ou nada desbravados, dependendo da região, o que rende pesquisas de grande valia para o entendimento do processo comunicacional nessas localidades.

Feitas essas considerações, buscamos a partir de agora responder a segunda e principal indagação proposta: “Qual a relação dos ambientes existentes na Web com outras formas de comunicação tradicionais?”. A princípio, podemos afirmar que os gêneros emergentes são desenvolvimentos naturais de gêneros tradicionais, mas não são os mesmos gêneros convertidos em outro formato, porém antes de desenvolvermos esse entendimento faremos algumas considerações gerais sobre a Web e seus recursos.

A partir das pesquisas e análises realizadas, entendemos que as mídias virtuais chegam, em alguns aspectos, não apenas para ladear, mas para concorrer com os meios de comunicação de massa, considerando-se os recursos e formatos altamente congregadores que a Rede oferece em relação aos meios tradicionais. Com isso, no entanto, não queremos dizer que os meios tradicionais tenham ganhado atestado de óbito, antes que seus papéis sociais deverão ser rediscutidos.

Afirmamos rediscutir porque os objetivos e funções das mídias virtuais são bem diversos dos das mídias tradicionais. Se as últimas são concentradoras, reunindo e filtrando informações para, posteriormente, serem retransmitidas ao público em formato apropriado ao meio, as primeiras são descentralizadoras, oferecendo espaço para o público produzir, transmitir e discutir a informação, sem interferências de um pólo retransmissor.

Deve ser considerado ainda que se teorias da comunicação, relativamente sedimentadas, debateram exaustivamente os efeitos da mídia de massa e seu poder

concentrador na emissão de mensagens, as mesmas teorias ainda não tiveram tempo suficiente de compreender o papel dos meios de comunicação com o advento das mídias virtuais. A *Internet* e as novas ferramentas surgidas com ela demandam estudos e análises diversas, vindas de diferentes perspectivas para detectar desde já seus efeitos, assim como acompanhar seu percurso e traçar perspectivas.

No que se refere aos gêneros emergentes e tradicionais, como afirmamos acima, eles não são totalmente diversos, mas também não se trata da mesma coisa apenas em um meio diferente. Dessa forma, o e-mail não é uma carta digitalizada, da mesma maneira que a ferramenta hipertextual não é uma nota de rodapé em versão digital. Trata-se de novos gêneros, com características próprias, renovados com uma potencialidade de recursos muito maior do que seus antecessores analógicos.

Ainda mais grave é a redução do *blog* a diário digital, pois, além de seus recursos e características próprias, o *blog* já avançou e muito, em relação à identificação com diários íntimos. Bem além de narrações e descrições da vida pessoal, muitos blogueiros usam esse suporte de gêneros para discutir, denunciar, abordar, divulgar e comentar assuntos pouco tratados na grande mídia, ou abordados tendenciosamente.

É o caso do *blog* analisado, o Sopa Brasiguaiá. Corroborando as reflexões teóricas, a análise veio comprovar a variedade de gêneros que podem estar presentes em um *blog*. Isso faz com que, além de não se restringir o *blog* a uma versão de diário íntimo, ele tampouco deve ser classificado como um gênero, pois configura um conglomerado de gêneros.

O *blog* analisado assemelha-se mais a um jornal do que a um diário pessoal. Isso pode ser verificado atentando para a comparação realizada entre a notícia publicada pelo *blog* Sopa Brasiguaiá e a divulgada no site Click Foz. Apesar de a intencionalidade ser diferente em relação ao foco da notícia transmitida, a estrutura composicional e o estilo das duas notícias são bastante semelhantes, inclusive no que se refere à utilização do código lingüístico restrito do jornalismo, ao lead e às sequências tipológicas utilizadas.

Suspeitamos, assim, ocorrer da mesma forma com milhões de outros *blogs*. Tal tema merece novas pesquisas a respeito, no campo da Teoria dos Gêneros, a fim de verificar *blogs* jornalísticos e temáticos, como tantos existentes sobre veículos, jardinagem, alimentação, entre outros, que podem fazer analogia direta com cadernos de jornais ou periódicos temáticos.

Assim, os *blogs* com a variedade temática e de formatos que os caracterizam mais recentemente, não podem ser reduzidos à qualificação de “diários digitais”, mas conceituados como ambiente ou suporte de gêneros, os mais distintos. Ferramenta que pode ser altamente útil para o ensino, para o ambiente corporativo e para discussões sociais, o *blog* é uma possibilidade surgida com a Web que deve ser alvo de mais pesquisas analíticas, com apontamentos acerca de suas implicações sociais e culturais, destacando seu papel de materialização fiel do formato “todos para todos” de comunicação.

7. REFERÊNCIAS

- ABRÃO, J. A. M., BRAGA, D. B.. Interação no Meio Virtual: A Constituição De Múltiplos Gêneros no Ambiente Blog. *In: Língua, Literatura e Ensino*, Vol. II, 2007.
- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANDRADE, Sonia Maria Oliveira de (elab). *A pesquisa científica em saúde: concepção e execução*. (Caderno de Estudos). Campo Grande, 2009.
- ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. *In: ARAÚJO, J. C. (Org.). Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBOSA. Ana Carolina L. S. B. Leitura e Escrita na Web. *In: Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 5, n. 1, jul./dez. Ed. Unisul, 2004.
- BARBOSA, Elisabete. GRANADO, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora, 2004.
- BIASI-RODRIGUES. Bernadete. *O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões*. (2007). Disponível em: <www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/28.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2009.
- BLOGGER. *O que é um Blog?*. Disponível em <<http://blogger.globo.com/br/about.jsp>>. Acesso em: 20 nov. 2009.
- BRUN, Edna Pagliari. *A inter-relação tipo gênero na formação de alunos produtores de texto*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Campo Grande, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- _____. *A Galáxia Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CASTILHO, Ataliba de. *Variação Linguística, Norma Culta e Ensino da Língua Materna*. *In: Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: SE/CENP/Unicamp, 1978.
- CEREZO, José M. (org). Prefácio. *In: La blogosfera hispana: pioneros de La cultura digital*. Fundación Francetelecom Espanha, 2006. Disponível em: http://www.fundacionorange.es/areas/25_publicaciones/la_blogosfera_hispana.pdf. Acesso em: 17/04/09.
- CERVERA, José. Una teoria general del blog. *In: La blogosfera hispana: pioneros de la cultura digital*, José Cerezo (org.), Fundación France Telecom España, 2006. Disponível em: http://www.fundacionorange.es/areas/25_publicaciones/la_blogosfera_hispana.pdf. Acesso em: 17/04/09.
- COSTA. Carlos Irineu. Glossário. *In: LÉVY, Pierre. Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

- COUTINHO, Clara P.; JUNIOR, João B.B. Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0. *In: IX Simpósio Internacional de Informática Educativa - SIIIE 2007*. Porto, 2007. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7358?locale=pt>>. Acesso em: 09/05/09.
- DION, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. *In: VIEIRA, André Soares (org.). Letras - Literatura, Outras Artes e Cultura das Mídias*, n. 34. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, 2007.
- EL PAÍS. *Manual Teórico de Jornalismo – A notícia e o jornal*. [2010?]. Disponível em: <<http://www.elpais.com.br/elpaisnaescola/arquivos/DicasdeJornalismo.pdf>>. Acesso em 15/12/2010.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, José Luiz. Gêneros e tipos textuais. *In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. (Orgs.). Ensaios sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *In: Freitas, M.T.A.; COSTA, S.R. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GASPAR, Ana Filipa. *O blogue e a sua dimensão organizacional - Análise de um objecto empírico*, 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/gaspar-ana-blogue-dimensao-organizacional.pdf>. Acesso em: 09/05/09.
- HEWITT, Hugh. *Blog – Entenda a Revolução que vai mudar seu mundo*. Thomas Nelson Brasil, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 07 set. 2010.
- INTERNETÊS. *In: Wikipedia*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs>>. Acesso em: 19 mar. 2010.
- INTERNETÊS. *Desciclopedia*. Disponível em: <<http://desciclo.pedia.ws/wiki/Internetes>>. Acesso em: 12 mar. 2010.
- KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. *In: MARCUSCHI, L. A.; SANTO XAVIER, A.C. (orgs.). Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção do Sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- LEÃO, Lucia. *O Labirinto da hipermídia - arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- LEMO, André. Introdução. *In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra P. (orgs.). Blogs.com: estudos sobre blogs e Comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. *In: Revista Famecos*, nº 9. Porto Alegre, 1998.

_____. *Cibercultura*. Ed. 34, São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*, Brasília: UnB, 1996.

MARCONATO, Sílvia. A Revolução do Internetês. In: *Revista Língua Portuguesa*. Ano I, número 5, 2006.

MACHADO, Lia Osório. Estado, Territorialidades, Redes. Cidades Gêmeas na Zona de Fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Continente em Chamas: Globalização e Território na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARCUSCHI, Luís A. O Hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, n.1, 2001.

_____. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. Texto original que foi incluído posteriormente no livro *Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Discursivas*, 2002a. Disponível em: <www.lettraviva.net/arquivos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2009.

_____. Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital. In: *Conferência na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 2002b.

_____. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luís A; XAVIER, A. C. (orgs). *Hipertexto e os gêneros textuais: Novas Formas de Construção do Sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARQUES, Denise Helena França. *Circularidade na Fronteira do Paraguai e Brasil: O estudo do caso dos “brasiguaios”*. Tese (Doutorado em Demografia) - Faculdade de Ciências Econômicas/UFMG, Belo Horizonte, 2009.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero. In: *Simpósio de Comunicação da Região Sudeste. Anais eletrônicos*. São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/40-%20Jorge%20Lellis%20-%20trabalho%20completo.htm>. Acesso em 20 nov. 2009.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2003.

MIGUXÊS. In: *Wikipedia*. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Migux%C3%AAs>>. Acesso em: 3 fev. 2011.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. *Faixa de Fronteira – Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF*. Brasília: Governo Federal, 2009.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Fronteira Brasil-Paraguai*. Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/daa/paraguai.html>> Acesso em: 15 nov. 2009.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Monica Resende de. *Mídia Impressa na Tríplice Fronteira – Estudo do Jornal Local A Gazeta do Iguçu*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. *Social Indicators – Indicators on population*, 2010. Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/socind/population.htm>>. Acesso em 20 dez. 2010.

OTA, Daniela. *Informações jornalísticas em rádio de fronteiras: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Suarez*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OTA, Daniela; LINHARES, Gladis. *Jornalismo local nas fronteiras do Brasil, Paraguai e Bolívia*. Trabalho apresentado no I Colóquio Transfronteiras Sul de Ciências da Comunicação: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, 2004. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17245/1/R1181-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

OTAKU. In: *Wikipedia*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Otaku>>. Acesso em: 3 fev. 2011.

PAÍSES que fazem fronteira com o Brasil. *Sua Pesquisa*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/fronteiras_com_brasil.htm>. Acesso em 12 dez. 2010.

PEREIRA, Ana Cláudia B. G., *Blog, mais um gênero do discurso digital?*. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/9.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2009.

PRADO, Cláudio; CAMINATI, Francisco; NOVAES, Thiago. Sinapse XXI: Novos Paradigmas em Comunicação. In: FILHO, A. B., CASTRO, C., TOME, T. (orgs.). *Mídias Digitais*, São Paulo: Paulina, 2005.

PREFEITURA Municipal de Foz do Iguçu. [Home Page Institucional]. Desenvolvido por Kionux. Disponível em: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home_turismo/cidade.asp>. Acesso em: 18 dez. 2010.

PREFEITURA Municipal de Ponta Porã. [Home Page Institucional]. Desenvolvido por Smol. Disponível em: <<http://www.pontapora.ms.gov.br/index.php?pagina=cidade-perfil>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. In: *Revista FAMECOS*, n. 36, Porto Alegre, 2008.

RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas no mercado de fronteira*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RANGEL, Jane; CUNHA, Maria Tereza; ALCÂNTARA, Vânia. *Orientações para produção do trabalho de conclusão de curso*. Curitiba: IESDE, 2005.

RYDLEWSKI, Carlos. Computação sem fronteiras. In: *Revista Veja Especial*. Edição 2125, de 12 ago. 2009.

ROSEIRA, Antonio Marcos. *Foz do Iguçu: cidade rede sul-americana*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANCHEZ, Giovana; CARPANEZ, Juliana. *Pioneiro da internet brasileira relembra os primeiros passos da rede no país*. G1, 2009. Disponível em: <[http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,mul1398767-6174,00-pioneiro+da+internet+ brasileira+ relembra+os +primeiros+passos+da+rede+no+pais.html](http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,mul1398767-6174,00-pioneiro+da+internet+brasileira+relembra+os+primeiros+passos+da+rede+no+pais.html)>. Acesso em: 01 dez. 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SILVA, Inara Souza da. *Weblog como fonte de informações para jornalistas*. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília), Brasília, 2006.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. *Território Televisivo – Estudo da Televisão e do Telejornalismo na Fronteira do Brasil com o Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOPABRASIGUAIA, blog. Disponível em <www.sopabrasigua.blogspot.com>. Acesso em: 06 abr. 2009.

TEIXEIRA, Jerônimo. Uma Revolução sem gramática. *In: Revista Veja*, 12 set. 2007.

TOMAÉL, Maria Inês (org). *Fontes de Informação na Internet*. EDUEL: Londrina, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” *In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007.

ZAMIM, Ângela Maria. *A discursivização do Local-Fronteira no Jornalismo – Estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. Dissertação (Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo: 2008.

ANEXOS

ENTREVISTA COM CRIADORES E MANTENEDORES DO BLOG SOPA BRASIGUAIA²³

²³ Entrevistas realizadas via e-mail, com perguntas enviadas no dia 18 de dezembro de 2010 e respondidas em 16 e 20 de janeiro de 2011 por Guilherme Wojciechowski e Fernando Fernandes, respectivamente.

ANEXO A - Entrevista: Guilherme Dreyer Wojciechowski

Foz do Iguaçu, 16 de janeiro de 2011.

1. Como surgiu a ideia de criar um blog sobre o Paraguai e sua fronteira com o Brasil?

Surgiu da constatação de que havia também uma fronteira na informação, como se fosse um muro. Por dificuldades idiomáticas (o brasileiro médio, mesmo morando na fronteira, tem problemas em ler ou entender a língua castelhana) e preconceitos em relação ao Paraguai, a informação esbarrava em um muro e, quando conseguia saltá-lo, chegava distorcida. Sentimos a necessidade de sair do lugar comum e contar que o Paraguai é maior que o caótico punhado de lojas e galerias comerciais ao redor da Ponte da Amizade.

2. Como foi no início, isto é, como era o processo de produção, quantas pessoas faziam parte da equipe e como era o local/equipamentos utilizados?

Sempre fomos em duas pessoas e sempre utilizamos os equipamentos que tínhamos à mão, por exemplo, computador caseiro, máquina fotográfica particular, MP3 Player (usado como gravador), etc. A preferência, desde o início, foi por ferramentas de custo zero, como software livre e hospedagem gratuita do blog, imagens, vídeos e arquivos de áudio. Fizemos uma pesquisa prévia sobre os melhores lugares para hospedar um blog e optamos pelo Blogspot. A ideia inicial era atualizar umas duas ou três vezes por semana, sempre que surgisse algo interessante e tivéssemos tempo livre para escrever. As atualizações foram diárias desde a primeira semana, em novembro de 2005. Quando um de nós saía de férias ou tinha algum problema, o outro cobria e assim por diante.

3. Atualmente há contratação de pessoal? E vocês, trabalham exclusivamente com o blog, ou mantêm suas profissões?

Assim como os criadores do blog, todos os colaboradores ou informantes que nos passam textos ou dados são voluntários. A única despesa que temos com o Sopa é a renovação anual do domínio de internet. Eu me encarrego dos domínios “.com” (sopabrasiguaia.com, sopaparaguaia.com) e o Fernando do “.com.br” (sopabrasiguaia.com.br). Jamais desembolsamos um centavo para divulgar o blog e, fazendo uma análise, creio que a divulgação boca-a-boca foi melhor aliada que os buscadores: a

pessoa descobria o Sopa, contava para alguém e a “descoberta” corria de boca em boca, como se fosse um segredo bem guardado, dando uma sensação de “exclusividade” à pessoa que lia. O que não deixa de ser curioso.

Profissionalmente, sou turismólogo (bacharel em turismo), mas minha única atuação no setor, hoje, é como instrutor em cursos técnicos para jovens em idade de inserção no mercado de trabalho. No rádio, trabalho para a rede CBN na Tríplice Fronteira, como repórter, comentarista e, a partir de fevereiro, âncora de um dos programas locais. A atuação no rádio, que teve início com um convite da Band News FM Curitiba, em 2007, surgiu em decorrência do Sopa Brasiguai.

4. A partir de quando o blog adquiriu um formato mais profissional?

O blog surgiu em novembro de 2005, porém, somente em junho ou julho de 2006 eu e o Fernando começamos a verificar dados como a quantidade de visitantes que acessavam o Sopa. No primeiro dia de contagem, achávamos que teríamos de 20 a 30 visitantes. Logo pela manhã, o número já era superior a 50, sem que nenhuma divulgação tivesse sido feita além de amigos e contatos na lista de e-mails ou em redes sociais como o orkut. Percebemos, também, que muito do que publicávamos ali estava pautando a imprensa local (nomeadamente, jornal A Gazeta do Iguaçu, que chegou a nos plagiar em algumas ocasiões, e emissoras de rádio). A partir daí, começamos a gerenciar o Sopa de maneira mais profissional, com pauta prévia, linha editorial, busca por melhorias no layout e na acessibilidade do conteúdo, etc.

5. Na sua opinião, qual o principal diferencial do Sopa?

Trazer notícias sobre o Paraguai, em português, sem interferências políticas ou comerciais. Ao longo do tempo, tocamos também em vários temas que os demais meios de comunicação preferiram silenciar. A imprensa de Foz do Iguaçu, por exemplo, jamais publica algo sobre seus principais anunciantes, que não sejam matérias “positivas” e, por vezes, insossas. Lembro-me que em um dos dias mais importantes das negociações entre Paraguai e Brasil sobre a usina de Itaipu, o jornal local reproduzia um release da comunicação social de Itaipu, falando sobre transposição de peixes. Regionalmente, fomos os únicos a abordar a visão paraguaia sobre o tema e a focar outras questões como sonegação de impostos nas grandes lojas de Ciudad del Este, roubo de carros paraguaios (trazidos ao Brasil), etc. Outro diferencial é a quantidade de conteúdos exclusivos. Como nosso foco é a cobertura do que acontece no lado paraguaio da fronteira e no Paraguai como um todo, intercalando com notícias de cá, esse tipo de conteúdo sai primeiro no Sopa para, um ou dois dias depois,

começar a ser pautado por jornais e meios de comunicação da fronteira. Em temas como operações policiais, Lei dos Sacoleiros ou construção da segunda ponte sobre o rio Paraná, o Sopa Brasiguai chega a pautar, também, a imprensa do país vizinho.

6. Vocês conhecem outro blog ou qualquer outra página que trate da fronteira com o Paraguai?

Na fronteira seca entre Paraguai e Mato Grosso do Sul há várias. Na Tríplice Fronteira, porém, fomos os pioneiros. O que há por aqui, atualmente, é uma série de blogs pessoais e que infelizmente costumam ter vida curta. Minha crença pessoal é de que quanto mais fontes houver, mais visões, mais efetivo será o rompimento daquele muro que eu e o Fernando enxergamos em 2005 e que hoje perdeu alguns tijolos de altura, porém, continua de pé.

7. Vocês realizaram uma mudança recente no layout do blog. Quando foi e o que a motivou?

Atualização tecnológica e incorporação de ferramentas para mídias sociais. O layout antigo estava online há mais de dois anos e já estava ultrapassado. Muitos leitores nos comentavam que o conteúdo era bom, mas o layout não era atrativo. Por falta de tempo, o novo visual, que tomou quase três meses de adaptações, ajustes e testes, foi ao ar apenas em setembro. A “velocidade” da *Internet* faz com que tudo envelheça rápido, então, no máximo em 2012, teremos de mudar o layout novamente. Além da alteração visual, foram feitas, também, adaptações no conteúdo, com prioridade para textos mais curtos e condensados, fotografias maiores e, sempre que possível, uso de outras mídias como vídeos e arquivos de áudio.

8. Vocês podem detalhar como foi e qual o motivo das mudanças nos dez menus no topo da página (porque alguns foram excluídos, criados ou agregados em uma mesma coluna)?

Uma das intenções foi deixar os links mais clicados em lugar mais visível e mais fácil de ser encontrado, melhorando a navegabilidade. Assim, “Compras”, “Fronteira” e “Policial” tomaram a dianteira. O menu “Colunas” foi agregado para abrigar as colunas já existentes e outras que, em breve, devem surgir. O link “Vídeos” surgiu em função da própria demanda do público, que sempre dá boa resposta às postagens que incluem vídeos.

9. Vocês abriram espaços para publicidade. Como foi essa decisão?

Aqui há um critério bem claro: só serão aceitos anúncios que não interfiram em nossa linha editorial. Empresas e entidades que anunciam para fazer “aliados” ou divulgar suas pautas internas não têm e não terão espaço, bem como empresas de reputação duvidosa, como é o caso de muitas lojas de Ciudad del Este. Nas eleições de 2010, havia um empresário da região fronteiriça que propôs colocar anúncio de duas de suas empresas (sérias, diga-se de passagem), em troca de que divulgássemos notas sobre sua candidatura a deputado federal. A proposta foi recusada.

10. Vocês acompanham o acesso no blog? Se sim, qual a média de acessos/mês e quais colunas/espacos são os mais visitados?

Verifico pelo menos três vezes por dia o total de acessos, páginas mais clicadas, links externos de onde os visitantes estão vindos e cidades com maior número de leitores. Temos várias cifras divergentes. Segundo o contador do Google, por exemplo, a quantidade de cliques nas páginas do Sopa gira em torno de 10 mil / dia, de segunda a sexta, e cai em média 40% nos finais de semana e feriados. O contador que mais confio, no entanto, é o Statcounter, que nos dá uma média que oscila entre cinco e oito mil cliques diários. Nosso recorde de cliques é 19.305, com 10.630 visitantes únicos, em 03/10/2010. O principal assunto do dia em questão foi a eleição no Brasil, porém, normalmente, os links mais clicados são os que falam de operações policiais, lei dos sacoleiros, Larissa Riquelme aparecendo nua ou seminua, etc.

11. Qual o assunto desperta mais interesse nos visitantes?

Como na maioria dos espaços na *Internet* e demais meios de comunicação, é o policial. Notícias sobre operações, aumento da fiscalização, apreensões, etc. Em segundo lugar, notícias sobre comércio na fronteira, lei dos sacoleiros, aumento de alíquotas, guia de compras e por aí vai. Em terceiro, curiosidades, notícias diversas e fatos pitorescos, como a coluna “As 10+ da Imprensa Paraguaia”, fatos absurdos e generalidades sobre as personalidades do momento, como a modelo Larissa Riquelme. O que procuramos fazer é ampliar o leque, noticiando sobre política, cultura, economia, esportes e etc, para que o visitante que chegue ao Sopa procurando pelo fato comum, possa tomar contato com outras realidades e saber que o Paraguai e a região de fronteira são muito mais do que um empório de compras ou um local onde a ilegalidade predomina. Há vida além do comércio de Ciudad del Este.

12. Vocês conhecem o perfil dos visitantes do blog? Se sim, como é o acesso entre os paraguaios e outros sul-americanos, além dos brasileiros?

Brasileiros representam de 85% a 90% dos acessos. Paraguaio oscilam entre 5% e 10%, dependendo do assunto tratado. O principal interesse dos paraguaio é conhecer o que está sendo dito sobre o país do lado de cá da fronteira e informar-se sobre temas que são noticiados primeiro no Brasil, como é o caso da construção da segunda ponte, por exemplo. O detalhamento por cidade, no Paraguai, ainda é precário, não dá para saber exatamente de que parte nossos visitantes estão vindo. Ciudad del Este lidera, seguida por Asunción e região metropolitana. Argentinos são minoria.

13. O conteúdo do blog é todo em português. Vocês já pensaram em reproduzir o conteúdo ou parte dele em espanhol? Por quê?

Não. A proposta é trazer, em português, informação que é veiculada apenas em espanhol ou chega ao Brasil somente através das agências de notícias, de maneira resumida e, muitas vezes, descontextualizada (ou distorcida por traduções mal feitas). Paralelamente, já escrevi para o diário Última Hora, do Paraguai, e escrevo para a revista 100 Fronteiras, de Foz do Iguazu, um artigo mensal em espanhol. A iniciativa partiu dos próprios meios de comunicação.

14. Para vocês, quais as semelhanças entre blogs e sites e porque o Sopa é um blog?

Blogs, normalmente, são espaços pessoais ou que respondem à visão de um determinado grupo de pessoas, geralmente pequeno. Sites (falo dos sites informativos) procuram ter caráter mais generalista e, em tese, profissional. O Sopa Brasiguai nasceu como blog devido à procura por ferramentas gratuitas, de manuseio simplificado e que permitissem maior interação. Como a resposta foi positiva, a fórmula foi mantida até hoje, embora um dos problemas enfrentados seja a censura aos links “.blogspot” nas redes internas de muitas empresas. Atualmente, estamos desbloqueados nas redes das principais empresas e entidades aqui da região.

15. Como é o processo de produção de conteúdo para o Sopa?

Leio todos os jornais diários do Paraguai e alguns do Brasil, em suas edições online ou, em alguns casos, de papel. Além disso, acompanho o noticiário de sites, agências públicas e emissoras de rádio. À noite, filtro o que é relevante e monto um “boneco” para a edição do Sopa no dia seguinte. Como acordo cedo, por volta das 04h00, faço uma última varredura e

começo a escrever o Sopa, com a intenção de publicar pelo menos os conteúdos principais entre as 08h00 e as 09h00. Em caso de fatos relevantes ou quando tenho tempo durante o dia, posto mais algumas atualizações. No rádio, entro ao vivo (ou gravado) às 08h15 na AM 1060, de Curitiba, com um boletim de dois minutos sobre a fronteira. Na CBN Foz, o bloco das 10h05 às 10h30 é quase que exclusivamente para uma versão radiofônica do Sopa, com conteúdo diferente da edição online, já que inclui, desde o início do mês, entrevistas ao vivo (quando possível) e uma parte de notícias descontraídas nos minutos finais. Minha “folga” do Sopa é entre a tarde de sábado e a tarde de domingo. Os “tweets” com atualizações do Sopa no Twitter são postados automaticamente, com o uso de ferramentas como o programa TweetDeck. Quando o Fernando escrevia diariamente, eu esperava para ver o que ele tinha escrito, para só então definir minha pauta. Por questão de horários, normalmente a finalização e publicação da edição ficava comigo.

16. Quais são os critérios para definição do que vai ou não ser publicado?

Relevância. Trabalhamos com três círculos de cobertura: Tríplice Fronteira, Fronteira Brasil / Paraguai como um todo e Paraguai. No campo “Tríplice Fronteira”, entram as notícias locais e, também, de apreensões feitas pela polícia, Receita Federal, etc. No campo “Fronteira Brasil / Paraguai”, o leque é ampliado para a região de Guaíra / Salto del Guairá, Lago de Itaipu e fronteira Paraguai / Mato Grosso do Sul. No campo “Paraguai”, entram notícias sobre política, economia, cultura, esportes, etc.

17. Na avaliação de vocês, qual a importância de se falar sobre a fronteira Brasil-Paraguai?

Romper estereótipos. Geralmente, a pauta dos grandes meios de comunicação quando referem-se à fronteira entre Brasil e Paraguai ou ao país Paraguai, gira em torno de contrabando, pirataria, tráfico de drogas e armas, roubo de carros, corrupção e ex-bispo que faz filhos. Obviamente, o universo da região fronteira é muito mais amplo, no entanto, negligenciado pelos meios de fora e, em alguns casos, pelos próprios veículos do lado brasileiro da fronteira, cujos cronistas baseiam sua visão de Paraguai em preconceitos ou no caos das quadras comerciais próximas à Ponte da Amizade. Com o Sopa Brasiguai, felizmente, conseguimos ampliar o horizonte de vários pares de olhos e até aumentar a gama de assuntos abordados na imprensa local sobre o país vizinho.

18. Qual a principal diferença da divulgação da fronteira pela Web em relação aos outros meios (TV, rádio e impresso)?

Embora ainda não chegue a todos, a *Internet* é a plataforma ideal para a difusão de mídias como o Sopa. Redes sociais como anteriormente o Orkut e, agora, o Twitter, surgem como excelentes complementos para interação e divulgação de conteúdos. Além disso, o conteúdo (atual e de arquivo) está disponível, gratuitamente, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Os jornais impressos, especialmente no lado brasileiro da Tríplice Fronteira, enfrentam dois problemas: poucos pontos para distribuição e informação datada, “velha”. Jornais paraguaios são vendidos apenas nas imediações da Ponte da Amizade. Jornais argentinos chegam 24 horas atrasados e sete vezes mais caros.

A televisão, enquanto continuar com sua fórmula limitada pelo tempo e pela guerra por audiência, continuará a reproduzir o mesmo de sempre, ou seja, conteúdo superficial e estereotipado sobre questões complexas como as interações fronteiriças (legais e ilegais).

O rádio é uma mídia mais flexível, na qual o Sopa está presente desde 2007. Além disso, é o veículo de comunicação mais ágil que existe. Ao receber uma nova informação, posso colocá-la no ar, ao vivo, sem precisar redigir textos ou atualizar páginas. A desvantagem do rádio é que a informação é “perecível”, não fica registrada e disponível como na *Internet*.

O casamento *Internet* / rádio, no entanto, é uma fórmula que me agrada bastante e que, creio, tem dado resultados.

19. Muitos veículos situados na fronteira (televisões, rádios, impressos e páginas da Web) não produzem informações locais, reproduzindo a programação/notícias nacionais. O que pensam sobre isso?

Não agregam algo novo e, em alguns casos, até atrapalham. No caso da *Internet*, por exemplo, não tenho porque acessar um portal de minha região, mas que só republica conteúdo nacional, se posso pegar a informação direto da fonte. O mesmo serve para os jornais: por que comprar o jornal local (em Foz do Iguaçu, há apenas um jornal diário, completamente politizado em sua pauta local), sendo que posso investir o mesmo dinheiro na compra de um que traga mais e melhor conteúdo? No caso das redes de televisão e emissoras de rádio, um dos problemas é a falta de recursos (financeiros e humanos) para a produção de conteúdo local. O amadorismo dos telejornais da Tríplice Fronteira (salvo honrosas exceções) é notório.

No rádio, creio que estamos indo por um bom caminho na programação local da CBN e, com isso, puxando junto a Rádio Cultura, principal concorrente no segmento informação.

20. Como vocês definem a fronteira brasileira com o Paraguai?

Um espaço de interação entre diferentes sistemas culturais que, embora semelhantes, guardam marcadas diferenças. Um espaço marcado pela ausência do(s) Estado(s) e ideal para a proliferação de atividades ilícitas que, em alguns casos bem pontuais, são necessárias. Refiro-me, especificamente, às atividades que só são ilícitas por não haver leis adaptadas às necessidades dos moradores da fronteira, como a compra de alimentos como carnes e vegetais nos mercados e feiras dos outros países, proibida devido a normas nacionais (do Brasil e do Paraguai) de caráter sanitário. A fronteira não é o fim de um país, como costumam dizer, mas o início. A fronteira não deveria separar, mas, sim, unir. A título de exemplo, os dois maiores atrativos da Tríplice Fronteira são binacionais: Cataratas do Iguaçu (Brasil / Argentina) e Itaipu (Brasil / Paraguai). A velha máxima do “pensar global, agir local”, inclui pensar no vizinho da outra margem do rio e cruzar fronteiras na hora de agir.

21. Quais as perspectivas para o Sopa? Há outros projetos em vista?

De imediato, uma das prioridades é a revisão e ampliação do conteúdo do “Guia de Compras”, em função das novas normas em vigor (que aqui na Tríplice Fronteira tiveram alterações mínimas), da Lei dos Sacoleiros e do pedido dos próprios leitores de que seja criado um diretório com sites e endereços de lojas. Tudo depende, porém, do binômio tempo / dinheiro (e quando falo de dinheiro, falo também de finanças pessoais, pois quanto menos dinheiro tiver, mais tempo terei de trabalhar em outras atividades e menos tempo terei para fazer algo além da atualização cotidiana). Chegar ao final de 2011 com 2,5 milhões de cliques (ou mais) e um milhão de visitantes únicos é uma perspectiva que atrai. Em 2010, segundo o Statcounter, foram 1.682.909 cliques, com 680.800 visitantes únicos.

ANEXO B – Entrevista: Fernando Roberto Varnier Fernandes

Foz do Iguaçu, 20 de janeiro de 2011.

1. Como surgiu a idéia de criar um blog sobre o Paraguai e sua fronteira com o Brasil?

Iniciei a leitura dos diários paraguaios (sobretudo o ABC Color e o Última Hora) por recomendação do Guilherme, no ano 2004. Até então, conhecia o país vizinho por meio das visitas a Ciudad del Este e dos canais de televisão paraguaios captados no lado brasileiro da fronteira. Ao começar ler os jornais do país vizinho, ficou claro que as versões dadas para muitos fatos comuns aos dois países, sejam tais fatos políticos, históricos, econômicos e/ou sociais são, na melhor das hipóteses, diferentes em cada um dos lados da fronteira. Havia casos aos quais a imprensa brasileira sequer dava atenção, mesmo sendo de interesse da população iguaçuense. Foi esse desencontro de versões que, em meu caso particular, motivou à criação do Sopa Brasiguai: permitir acesso, a quem pudesse interessar, ao ponto de vista paraguaio sobre fatos de interesse para ambos os povos, sem que para tanto nossos leitores precisassem conhecer o idioma espanhol.

2. Como foi no início, isto é, como era o processo de produção, quantas pessoas faziam parte da equipe e como era o local/equipamentos utilizados?

Quando começamos, em 2005, Guilherme e eu líamos os diários paraguaios que eram de nosso interesse e, caso algum de nós encontrasse algo que pudesse ser de interesse para a população do lado brasileiro da fronteira, confrontávamos as versões dos diários paraguaios que noticiaram o assunto, escrevíamos uma síntese do tema e postávamos, de forma individual. Apenas os dois fundadores escreviam, de forma esporádica (um ou dois textos por semana). O processo sempre foi doméstico: cada um escreve onde o acesso é mais fácil (casa, casa de amigos, lan house, universdade, etc.). Os equipamentos sempre foram PCs e, em algumas ocasiões (falta de energia, “quedas” na internet, excesso de raios, por exemplo), usamos celulares.

3. Atualmente há contratação de pessoal? E vocês, trabalham exclusivamente com o blog, ou mantêm suas profissões?

Não há contratação de pessoal. Ocasionalmente, alguns colegas enviam textos para a publicação no blog. Tais textos são analisados e, muitas vezes, publicados, com a devida identificação e qualificações do autor, além do lembrete que tal pessoa não é membro da equipe do Sopa Brasiguaiia. Contratar nunca esteve nos planos da equipe, posto que o blog é mantido nas (escassas) horas vagas, pelo prazer de compartilhar informação relevante. Obviamente, a ideia de permitir anúncios no blog esteve presente desde que percebemos que tínhamos um público superior ao que esperávamos, mas sempre foi mantida como um projeto futuro, posto que não pensamos em viver do blog. Trabalho como professor, profissão que, apesar do estresse e do pouco tempo que deixa para outras atividades, não pretendo deixar tão cedo.

4. A partir de quando o blog adquiriu um formato mais profissional?

Não tenho uma boa memória para datas, mas creio que foi a partir do momento que passamos a utilizar serviços de estatística de visitantes para o blog. Operamos por mais ou menos três meses “às escuras”, sem saber se tínhamos algum leitor além dos amigos e contatos de internet. O primeiro relatório diário que recebemos nos deu uma grata surpresa: o número de visitantes únicos era próximo do triplo do que esperávamos. Naquela época, não tínhamos parcerias com qualquer outro site ou blog (troca de links ou banners), ou seja, nossos visitantes chegaram a nós pela divulgação dos nossos contatos ou pelos mecanismos de busca. Guilherme sugeriu que passássemos a publicar diariamente. Apesar de relutante, por conta do trabalho e da pós-graduação que tinha em mente na época, resolvi aceitar o desafio e, dia após dia percebemos as visitas aumentarem. Logo, alguns meios de comunicação locais nos contataram para dar entrevistas, alguns meses depois apareceram parcerias com rádios brasileiras e até mesmo uma rádio estadunidense, de modo que a o blog acabou se adaptando, ou “profissionalizando”, para atender às expectativas dos leitores. Ainda assim, continua sendo mantido nas horas vagas.

5. Na sua opinião, qual o principal diferencial do Sopa?

Creio ser o fato de os fundadores viverem por décadas e ainda vivem na realidade da fronteira, juntamente com o fato de não existir uma empresa ou capital mantenedor para o blog. Os textos são escritos por do ponto de vista familiar ao dos moradores da fronteira (independente de sermos brasileiros, consultando diários paraguaios e, ocasionalmente,

argentinos), sem ter um foco comercial. Ainda assim, muitas vezes conseguimos noticiar fatos importantes antes dos grandes meios de comunicação ou da imprensa local. Esse “pacote” de fatores formam, em minha opinião, o diferencial do blog.

6. Vocês conhecem outro blog ou qualquer outra página da Web que trate da fronteira com o Paraguai?

Especificamente sobre a tríplice fronteira Foz/Ciudad del Este/Puerto Iguazú, não conheço. Existem sites que tratam sobre uma das cidades citadas e, ocasionalmente, publicam notícias de interesse bilateral ou trilateral. Alguns diários paraguaios possuem redação em Ciudad del Este e até mantêm versões online específicas para a capital do Alto Paraná, mas o foco na tríplice fronteira não aparece.

7. Vocês realizaram uma mudança recente no layout do blog. Quando foi e o que a motivou?

Quando as mudanças foram realizadas, eu já estava há alguns meses sem colaborar com o blog. Se não estou enganado, desde o mês de março de 2010, quando participei de uma capacitação para professores que durou uma semana, executada em três turnos diários, não escrevi mais. Aquela semana de cursos atrasou meus fechamentos de notas do colégio onde trabalho, meus trabalhos da faculdade e meu relatório de estágio. Desde então, os atropelos foram se seguindo, sempre correndo atrás do prejuízo para repor os atrasos em todos os compromissos. A impressão que tive do layout é que deixou o blog com uma aparência ainda mais profissional e, principalmente, mais funcional ao leitor.

8. Vocês podem detalhar como foi e qual o motivo das mudanças nos dez menus no topo da página (porque alguns foram excluídos, criados ou agregados em uma mesma coluna)?

Como já não participava ativamente do blog quando a mudança ocorreu, não tenho condições de responder a esta pergunta.

9. Vocês abriram espaços para publicidade. Como foi essa decisão?

A possibilidade de permitir publicidade sempre esteve presente. O novo layout comportava espaços adequados e, creio eu, foi aproveitado para tornar a possibilidade visível aos leitores.

10. Vocês acompanham o acesso no blog? Se sim, qual a média de acessos/mês e quais colunas/espacos são os mais visitados?

Acompanhamos. Foi este acompanhamento que nos permitiu verificar quais palavras-chave mais traziam visitantes ao blog nos seus primeiros meses. Estou desatualizado quanto às notícias mais acessadas, mas desde que a possibilidade da criação da “Lei dos Sacoleiros” foi noticiada, o tema costuma liderar quando é citado. Sobre as médias de acesso, não costumamos divulgar números mensais. Creio que, como o Guilherme vem tocando o site desde março de 2010, a resposta mais adequada deverá partir dele.

11. Qual o assunto desperta mais interesse nos visitantes?

Como citei anteriormente, a “Lei do Sacoleiros” costuma liderar os acessos quando novidades são postadas. Temas como tráfico, turismo, política (sobretudo quando envolve questões de fronteira e/ou a Itaipu Binacional) também despertam interesse.

12. Vocês conhecem o perfil dos visitantes do blog? Se sim, como é o acesso entre os paraguaios e outros sul-americanos, além dos brasileiros?

O público brasileiro costuma compor mais de 90% dos acessos, sobretudo de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Foz do Iguaçu. Na sequência dividem parcelas parecidas os paraguaios e demais sulamericanos.

13. O conteúdo do blog é todo em português. Vocês já pensaram em reproduzir o conteúdo ou parte dele em espanhol? Por quê?

Não pensamos. O blog nasceu voltado para o idioma português, apesar de algumas colaborações externas de paraguaios terem sido publicadas em espanhol.. A maior parte de nosso público é composta por brasileiros. Os demais sulamericanos (incluindo o público paraguaio), representam uma parcela de aproximadamente 5% dos acessos. Além disso, nosso tempo livre é escasso e o trabalho extra complicaria ainda mais a situação. Finalmente, apesar de tanto eu quanto o Guilherme entendermos e lermos bem o idioma espanhol, somente ele tem fluência na escrita de tal idioma.

14. Para vocês, quais as semelhanças entre blogs e sites e porque o Sopa é um blog?

As semelhanças são a plataforma de acesso (web) e a linguagem de hipertexto. Creio que diferem pelo fato de os blogs não exigirem conhecimentos de programação web para sua criação, sendo, em sua maioria, gratuitos. O Sopa é um blog por este motivo: sua infra-

estrutura é mantida de forma gratuita pelo servidor blogspot.com (do google) e, definido o layout, basta fornecer os textos e tudo está pronto. Não precisamos mexer em códigos para a publicação diária e, mesmo na alteração de layouts, este trabalho é mínimo.

15. Como é o processo de produção de conteúdo para o Sopa?

Escrevemos individualmente e, até minha mais recente publicação, enviava o conteúdo (em formato ODT) por e-mail para o Guilherme, que postava logo pela manhã. Eu escrevia predominantemente durante a tarde e o Guilherme de madrugada. Nesta situação, tendo meus textos em mãos, ele poderia escolher seus temas sem se preocupar em escrever sobre algo que eu já havia abordado.

16. Quais são os critérios para definição do que vai ou não ser publicado?

Em geral, tudo que escrevemos é publicado. A escolha dos temas se dá com base nas estatísticas de acesso e no nosso próprio interesse pelo assunto: há algum tempo, eu mantinha uma coluna sobre música paraguaia, o Guilherme sempre publicou “as 10+ da imprensa paraguaia”, nossa principal atração dominical.

17. Na avaliação de vocês, qual a importância de se falar sobre a fronteira Brasil-Paraguai?

Apesar do clima pacífico entre os dois povos, os noticiários sempre trazem o outro lado como adversário. Mesmo os moradores da fronteira costumam ter algum preconceito quanto aos vizinhos (independente de ser brasileiro ou paraguaio). Longe da fronteira, muitas vezes a situação é ainda pior. As pessoas que conhecem a fronteira apenas por suas viagens de compras não conhecem o verdadeiro Paraguai. Quem conhece Ciudad del Este no horário de compras não imagina como é a cidade depois que os turistas vão embora. É preciso entendimento verdadeiro entre os povos sulamericanos para que o ideal do Mercosul seja concretizado. Neste contexto, Brasil e Paraguai são os povos que têm mais feridas a fechar. Basta ver os sentimentos evocados pelas celebrações do “dia das crianças” em cada um dos dois países para que se tenha uma ideia da situação. A importância de se escrever sobre a fronteira está no fato de que este é o local que une os dois povos, e não o ponto de separação entre eles, como se costuma pensar. É nas fronteiras que o entendimento tem mais chances de começar.

18. Qual a principal diferença da divulgação da fronteira pela Web em relação aos outros meios (TV, rádio e impresso)?

Acredito que os meios citados têm um interesse de impacto mais comercial e nacional. Quase sempre o que citam é contrabando, roubo e tráfico. O tempo e o espaço de tais meios são limitados, de modo fica economicamente inviável aprofundarem-se em um assunto ou dedicar algumas horas para esclarecer os fatos que culminaram em uma disputa de terras entre brasiguaios e paraguaios, por exemplo. Temos essa liberdade pelo fato de que não enfrentamos restrições de espaço nas postagens e, se preciso, podemos recuperar (por meio de links), postagens anteriores sobre o mesmo tema. Um leitor interessado pode ler todo nosso histórico sobre um tema particular, se for preciso, e sem a necessidade de desembolsar nada para isso. Se precisasse recorrer aos arquivos de um jornal precisaria ser assinante ou passar horas na redação. Na TV e no Rádio, não sei como funcionaria, mas creio que não teria a mesma facilidade que em um blog.

19. Muitos veículos situados na fronteira (televisões, rádios, impressos e páginas da Web) não produzem informações locais, reproduzindo a programação/notícias nacionais. O que pensam sobre isso?

Felizmente, essa situação está mudando. Ainda assim, a maior parte das notícias produzidas em redações de fronteira são policiais. Um desperdício que, em minha opinião, só colabora para a deterioração da imagem desta região. É óbvio que os noticiários nacionais e dos países vizinhos são de interesse para a população local, mas é preciso ter em mente que é a realidade local que gera o impacto mais imediato no dia-a-dia.

20. Como vocês definem a fronteira brasileira com o Paraguai?

Para uma parte considerável da população local, a fronteira simplesmente não existe. Muitas pessoas cruzam a Ponte da Amizade para trabalhar diariamente como se fossem a qualquer lugar dentro da própria Foz do Iguaçu. O mesmo é válido para os trabalhadores paraguaios que atuam no lado brasileiro da fronteira. Há jovens brasileiros que preferem as baladas paraguaias, paraguaios que preferem nossos bares, situação que se repete com supermercados, universidades, e cinemas dos dois lados da fronteira. Creio que a fronteira é única para cada indivíduo, que pode ou não percebê-la, de diversas formas, dependendo de suas intenções na região.

21. Quais as perspectivas para o Sopa? Há outros projetos em vista?

Minha principal perspectiva para o Sopa é voltar a ter tempo para escrever. Ao atingir esta meta, passarei a pensar em outras perspectivas.